

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

FILIPPE FREITAS DE SOUZA

**PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE – GRUPO TEMÁTICO COM
ALUNOS ADVENTISTAS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Filipe Freitas de Souza

PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE – GRUPO TEMÁTICO COM ALUNOS
ADVENTISTAS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Marília Ancona - Lopez.

São Paulo

2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora:

DEDICATÓRIA

À Josane,

Por tudo o que representou vivenciar comigo estes anos de estudo. Por honrar o significado do seu nome, sendo um verdadeiro anjo em minha vida. E por mostrar-me diariamente que a bondade e o amor perfumam o caminho daqueles que se encontraram com o Sagrado; cada folha dessa dissertação dedico a você, minha querida esposa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tantos encontros significativos nesta vida, pelas providências que toma em meu favor e por conduzir-me até aqui, minha primeira gratidão.

A minha esposa, Josane, obrigado por estar incondicionalmente ao meu lado.

Aos meus pais, Clarice e Inácio de Souza, por darem-me a vida e a fé que hoje me sustenta.

A minha irmã, Gisele, companheira de profissão e discussão; suas palavras sinceras sempre foram essenciais para meu crescimento. Obrigado.

Aos meus sogros, Eliane e Umberto Moura, por tratarem-me como verdadeiro filho, orando, apoiando e acreditando neste projeto.

A Marília Ancona-Lopez, que paciência! Admiro muito sua competência e maestria, acompanhadas dessa sua forma única de ver a vida, que nos leva a crescer academicamente e também como seres humanos.

Aos amigos e colegas da Pós-Graduação em Psicologia Clínica: Lucivaldo, Beatriz, Denise, Diogo, Kelcy, Larissa, Márcia, Rafaella, Telma, Telênia, Gérson, Marta, Eduardo, Renata, Rubia e tantos outros. Cada encontro em sala de aula foi um momento de aprendizado e de grata convivência; como não crescer espiritualmente ao lado de tão agradável grupo?

A Ceneide Cerveny, Ida Kublikowisk, Marlise Bassani e demais docentes, bem como a cada funcionário da PUC/SP, que na execução de seu trabalho me atenderam nas diversas situações.

À Maria Elisabeth Montagna e Silvia Ancona-Lopez, por aceitarem fazer parte dessa banca examinadora, e por aportarem na qualificação sugestões importantíssimas para a melhoria do trabalho.

As colaboradoras dessa pesquisa, por dividirem suas vivências pessoais e profissionais comigo. Sem vocês este trabalho não teria sentido.

A Jeanne Moura, por sempre estar pronta a ajudar, e ao Rodrigo Ribeiro Frias, pela cuidadosa revisão do português e do formato desta dissertação.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo empreendimento educacional que faz, como uma instituição de referência no ensino e na pesquisa.

À CAPES e ao Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, pelo investimento e pelo apoio financeiro neste projeto.

Minha gratidão especial a Hélio Carnassale, Antonio Braga e Jael Eneas, pela confiança depositada inúmeras vezes e por serem verdadeiros exemplos de liderança cristã e serviço.

A Tércia Barbalho, Vivian Araújo e Josiane Monteiro, por possibilitarem a realização desta pesquisa com o grupo de estudantes de Psicologia.

A Márcia Azevedo e Paula Fonseca, pela compreensão nos momentos de ausência laboral e pelo lindo exemplo de amor à educação cristã.

Aos queridos colegas da Pastoral Estudantil, do Colégio UNASP e do IASPinho; a espiritualidade com vocês está em cada aula e em cada sorriso dado aos alunos. Parabéns!

A Kenneth I. Pargament, que gentilmente enviou-me materiais essenciais ao trabalho. Sinto-me honrado com sua deferência, e pequeno ao pretender alcançar com esta pesquisa toda sua experiência.

De forma muito especial, aos psicólogos cristãos: Jaime Wolff, Noel Costa, Belisário Marques, Carlos Chimpén, Eliézer Guzman, Viviane Di Domenico e Esmeraldo Alcântara, que mesmo sem perceber, de uma forma ou de outra, mostraram-me que ser psicólogo é uma arte e uma ciência, que um verdadeiro cristão pode chegar a desenvolver com maestria. Obrigado pelo exemplo!

RESUMO

Nesta pesquisa busquei compreender como alunas adventistas de um curso de graduação em Psicologia relacionam a Psicologia e a Espiritualidade em um grupo temático, a fim de refletir sobre as possibilidades de aproximação entre essas áreas na formação do psicólogo. Utilizei como referencial teórico as ideias sobre Psicologia e Espiritualidade apresentadas por Kenneth Pargament. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, voltada à compreensão de vivências das alunas, manifestadas verbalmente e por meio de relatos. Foi realizado um grupo temático composto por seis alunas adventistas do último semestre de um curso de graduação em Psicologia que se apresentaram como voluntárias. Os quatro temas propostos para os encontros foram o conceito de espiritualidade; o manejo da espiritualidade na psicoterapia; a formação do psicoterapeuta e a espiritualidade; e a própria espiritualidade. Os encontros foram gravados e a análise foi realizada em diálogo com as propostas de Pargament, mantendo-se um olhar aberto às colocações de outros autores relacionadas ao objetivo da pesquisa. A análise localizou 50 unidades de significado, agrupadas em 4 temas: Espiritualidade; Psicologia e Espiritualidade; Psicologia, Espiritualidade e atendimento clínico; e Formação do Psicólogo e a Espiritualidade. Permitiu concluir que as alunas adventistas do curso de graduação em Psicologia apresentam interesse no assunto espiritualidade e mostram vontade de apreciar os dois campos para atender o cliente de forma completa, mas reconhecem a falta de preparo para atuar com esse assunto.

Palavras-chave: Formação do Psicólogo; Psicologia e Espiritualidade; Psicologia da Religião.

ABSTRACT

With this research, I sought to understand how seventh-day adventist students of a Psychology graduation class, relate Psychology and Spirituality in a thematical discussion group with the possibility of approximation between these areas in a psychologist's training. As a theoretical reference, I used the ideas on Psychology and Spirituality as presented by Kenneth Pargament. This qualitative research was directed towards understanding the life experiences of the aforementioned students as manifested orally or through written accounts. A discussion group composed of six voluntary female adventist students in their last semester of a Psychology graduation class was formed. The four proposed topics for discussion were: 1) The Concept of Spirituality; 2) Dealing with Spirituality in Psychotherapy; 3) A Psychotherapist's Training and Spirituality; and 4) Spirituality itself. The discussions were recorded and the analysis was conducted in accordance with Pargament's proposals, while keeping an open mind on the contributions of other authors associated to the objective of this research. The analysis located fifty units of meaning grouped into four topics: 1) Spirituality; 2) Psychology and Spirituality; 3) Psychology, Spirituality and Psychotherapy ; and 4) Psychologist's Training and Spirituality. This lead to the conclusion that the adventist students of the Psychology graduation class show interest in the topic of Spirituality and desire to better appreciate the two fields in order to offer the client integral care, but also admit a lack of preparation to act in this matter.

Key words: Psychologist's Training; Psychology and Spirituality; Psychology and Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1. A PSICOLOGIA E A ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO.....	5
2. A PSICOLOGIA E A ESPIRITUALIDADE NA CONCEPÇÃO DE PARGAMENT ...	8
2.1. O <i>coping</i> e a espiritualidade.....	9
2.2. A definição de espiritualidade	10
2.2.1. O <i>âmbito do sagrado</i>	11
2.2.2. A <i>dinâmica do sagrado</i>	14
2.2.3. <i>Problemas espirituais</i>	21
2.3. A Psicoterapia Espiritualmente Integrada.....	26
2.3.1. A <i>dimensão espiritual no contexto dos clientes</i>	29
2.3.2. <i>Avaliação espiritual</i>	32
2.3.3. <i>Desenvolvendo e fortalecendo os recursos espirituais</i>	36
2.3.4. <i>Abordando os problemas espirituais em terapia.</i>	39
2.4. A Espiritualidade na formação do psicólogo	43
3. PERCURSO DA PESQUISA.....	55
3.1. Objetivo	55
3.2. Método	55
3.3. Colaboradoras e local	56
3.4. Procedimentos para a realização do grupo	58
3.5. Procedimentos para a análise e a interpretação dos dados	59
3.6. Etapas	61
4. SÍNTESE DO GRUPO TEMÁTICO: PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE.....	62
4.1. Perfil das participantes.....	62
4.2. Síntese dos encontros	64
4.2.1. <i>Síntese do primeiro encontro</i>	64
4.2.2. <i>Síntese do segundo encontro</i>	67
4.2.3. <i>Síntese do terceiro encontro</i>	71
4.2.4. <i>Síntese do quarto encontro</i>	75
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO	81
5.1. Espiritualidade.....	81
5.1.1. <i>Espiritualidade como vivência</i>	81
5.1.2. <i>Espiritualidade e Religiosidade</i>	82
5.1.3. <i>Vivência pessoal da Espiritualidade</i>	83
5.1.4. <i>Espiritualidade como dinâmica do sagrado</i>	84
5.2. Psicologia e espiritualidade.....	85
5.2.1. <i>Psicologia e Espiritualidade</i>	85
5.2.2. <i>A Psicologia como elemento de reforço espiritual</i>	87
5.2.3. <i>Psicologia como elemento de questionamento espiritual</i>	87
5.2.4. <i>Espiritualidade e crise</i>	88
5.2.5. <i>Dificuldades em conciliar Psicologia e Espiritualidade</i>	89
5.3. Psicologia, Espiritualidade e atendimento clínico	90
5.3.1. <i>A espiritualidade do terapeuta e a do cliente no atendimento</i>	90
5.3.2. <i>Dificuldades em conversar sobre espiritualidade no atendimento</i>	93

5.3.3. <i>Dificuldades para intervir em questões relacionadas à espiritualidade</i>	94
5.4. A formação do psicólogo e a espiritualidade	96
5.4.1. <i>Formação no curso de graduação</i>	96
5.4.2. <i>Supervisão: experiências negativas e positivas</i>	97
5.4.3. <i>A ausência de formação consistente na área da Espiritualidade</i>	99
5.4.4. <i>Habilidades a promover na formação do terapeuta</i>	100
5.4.5. <i>O grupo como elemento facilitador para a formação da Espiritualidade</i>	101
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

Desde pequeno a religião me foi apresentada como essencial para a vida pessoal, familiar e social. Meus familiares, de tradição cristã, são membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e sempre me interessei pelas histórias e pelos textos da Bíblia.

Considero que a escolha pela fé adventista deu-se no decorrer da adolescência. Após algumas vivências, que considerei como experiências de contato com Deus, por meio da oração, da leitura da Bíblia e do trabalho com missões, decidi ingressar no curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Foi nesse período que conheci dois pastores psicólogos, com os quais tive diálogos que, embora breves, foram suficientes para deixar-me com a impressão inicial de que a área na qual eu gostaria de exercer minha vocação religiosa era a do aconselhamento e da psicoterapia.

Após um breve período na UNASP, transferi-me para o curso de Teologia da Universidade Adventista del Plata (UAP), na Argentina. Lá, além de Teologia Pastoral, fiz o curso de Psicologia Clínica, procurando uma integração entre as duas áreas. Foi nos anos que passei na Argentina que percebi as diferentes visões que professores, alunos e membros da comunidade religiosa tinham sobre a possível integração entre Psicologia e Teologia. Naquele período notei que, tanto do ponto de vista pessoal quanto do institucional, havia questões não resolvidas entre os dois campos e percebi que, frente a elas, muitas vezes era mantido o silêncio, atitude que me incomodava profundamente. Procurei, a partir de minha experiência nas duas áreas, refletir sobre as relações entre Psicologia e Religião, e confesso que nem a minha religiosidade, nem os conhecimentos psicológicos que possuía ficaram intactos neste processo.

Ao ler sobre o assunto, percebi que o incômodo que eu vivia não era uma experiência isolada, pois outros psicólogos, em suas pesquisas, relatavam vivências semelhantes (PAIVA, 2000; LUCZINSKI, 2005; ASTIN, 2005;

ANCONA-LOPEZ, 2007; CÉSAR, 2007; PARGAMENT, 2007; COSTA, 2011). E foi a partir dessas experiências que iniciei minha jornada em busca de outras percepções e reflexões sobre o encontro entre a Psicologia e a Religião.

Em 2010, após participar do VII Seminário “Psicologia e Senso Religioso”, organizado pelo Grupo de Trabalho (GT) “Psicologia e Religião”, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), entrei em contato com a Dra. Marília Ancona-Lopez, professora e pesquisadora que mantinha até então um dos poucos núcleos no Brasil dedicados ao estudo das intersecções entre a psicoterapia e a religião, na PUC-SP. Após participar de alguns encontros do grupo de estudos iniciei, em 2012, o Mestrado em Psicologia Clínica na mesma instituição, onde, orientado por ela e enriquecido pelo intercâmbio com os demais colegas, minha perspectiva sobre o assunto cresceu. Percebi então que me sentira como que remando sozinho contra a maré, e acabara de encontrar ali a possibilidade de compartilhar a viagem.

Apesar do crescente interesse científico na relação entre saúde e religiosidade, ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que abordam o preparo e a formação do psicólogo para lidar com questões da espiritualidade e da religiosidade. Por isso propus-me nesta pesquisa a dar um passo rumo a esta formação, por meio de um grupo temático sobre Psicologia e Espiritualidade, desenvolvido com alunos adventistas do último ano de um curso de graduação em Psicologia. Espero ter compreendido como os alunos desse grupo relacionam a Psicologia e a Espiritualidade, a fim de refletir sobre as possibilidades de aproximação entre essas áreas para a formação do psicólogo clínico.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo problematizo a relação entre a Psicologia e a Espiritualidade na formação dos psicólogos. No segundo exponho uma síntese da obra de K. Pargament, *Spiritually Integrated Psychotherapy* (2007), que escolhi como principal referencial teórico, focalizando sua visão da espiritualidade e propostas para a formação do psicólogo. No terceiro apresento o objetivo da dissertação, juntamente com o detalhamento do percurso metodológico e das etapas da realização da pesquisa propriamente dita. No quarto e no quinto capítulos

apresento a síntese dos encontros e a análise e a discussão do material para, então, concluir com as considerações finais.

1. A PSICOLOGIA E A ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

De acordo com Paiva (2000), os psicólogos estudiosos da Psicologia da Religião têm muito claro que a veracidade dos pressupostos e das afirmações religiosas não é objeto de estudo da Psicologia, e sim os aspectos psicológicos a ela relacionados, ou seja, o modo como a religião se insere na dinâmica psicológica das pessoas, como é vivida e que papel desempenha na vida de cada um. Para o autor a dimensão psicológica das religiões deve ser estudada na medida em que elas estão presentes nas diferentes culturas e são constituintes da subjetividade humana.

Na mesma direção, Ancona-Lopez (2007) lembra que:

Apesar deste panorama aparentemente definido, os temas relacionados à religião e à espiritualidade são raros nos cursos de Psicologia em nosso país. Dificilmente encontra-se alguma disciplina que aborde o assunto e, esta ausência tem reflexos na vida pessoal e profissional dos alunos. (ANCONA-LOPEZ, 2007, p.63-64).

César (2007) relata:

(...) caminhei em direção à psicologia com a crença de que era possível uma integração entre a psicologia e a religiosidade (...). No entanto, não foi o que encontrei durante o tempo de faculdade (...) a partir da convivência com meus colegas e professores da Psicologia, porém, fui percebendo que nem sempre era permitido ou prudente expressar o meu modo de pensar, a minha concepção de mundo de forma espontânea e sincera e isso me fazia muito mal, pois, até aquele momento, eu havia encontrado espaço na minha vida para falar de Deus, da minha fé, de religião, enfim, das minhas experiências religiosas, onde quer que eu estivesse. (CESAR, 2007, p.17).

Luczinski (2005) corrobora as colocações de César quando argumenta que, em sua formação, os supervisores orientavam que assuntos relacionados à religião fossem evitados nos atendimentos; caso os clientes falassem nisso, o psicólogo deveria omitir qualquer comentário. Essa

orientação a deixava surpresa, pois contradizia a posição de abertura e acolhimento do que fosse trazido pelo cliente, preconizada durante o curso.

Para Ancona-Lopez (2007) o incômodo dos alunos dos cursos de graduação em Psicologia vai além da falta de espaço para elaborar e refletir sobre as questões religiosas. Diz a autora que, diante da falta de abertura sobre o tema, os alunos “ficam impedidos de 'brincar' com suas teorias e crenças”, no sentido de construir, destruir e reconstruir; e sem essa atividade, encontrarão dificuldades para lidar com o assunto em suas vidas profissionais.

Esteves (2009) desenvolveu uma pesquisa junto a professores dos cursos de Psicologia e em seus resultados constatou que eles têm dificuldades para falar sobre assuntos da espiritualidade com seus alunos e não se sentem preparados para fazê-lo.

Como dizem Ancona-Lopez e Figueiredo (1993), a falta de preparo para lidar com essa dimensão pode assumir contornos sérios, pois profissionais mal formados podem colocar a profissão a serviço de suas ideologias, ou fazer uso da Psicologia apenas para dar consistência ao seu próprio ponto de vista.

Por esta e por outras razões, Peres *et al* (2004) afirmam que “não podemos excluir da formação acadêmica a dimensão espiritual, tanto por sua relevância quanto pelos prejuízos que o mau uso e o não-entendimento possam causar.”

No entanto, segundo Costa (2011), a ausência de formação na área da Psicologia da Religião no Brasil é ainda muito sentida em diversos âmbitos da Psicologia. Ela não acontece, porém, apenas no Brasil. Astin *et al* (2005), em uma pesquisa com universitários dos EUA, apontaram que a maioria dos alunos do terceiro ano de graduação mostravam insatisfação com o grau em que a faculdade proporcionava "oportunidades de reflexão espiritual" (ASTIN *et al*, 2005, *apud* PARGAMENT, 2007).

Pargament ressalta que a observação de que os psicoterapeutas respondem a questões espirituais com preconceitos e estereótipos não o surpreende, já que apenas um pequeno grupo recebe preparo adequado nas áreas da Religião e da Espiritualidade (BRAWER *et al*, 2002 *apud*

PARGAMENT, 2007). Ele diz que existe, de fato, um bom número de razões para tomar a dimensão espiritual da vida seriamente e integrá-la ao processo de psicoterapia. “Podemos tentar ignorar o elefante, mas isso não faz com que ele vá embora”, exemplifica. (PARGAMENT, 2007, p.15) Conclui citando psicólogos que começaram a refletir sobre uma forma de educação que inclui as dimensões espiritual e religiosa (SHAFRANSKE *et* MALONEY, 1996; PUCHALSKI *et* ROMER, 2000; RICHARDS *et* BERGIN, 2005; HATHAWAY, 2008, 2011).

Sobre a importância dessa educação, Safra (2003) lembra que o modo como uma pessoa se vincula com o sagrado pode determinar a sua relação com o mundo, bem como o modo como hierarquiza as suas experiências psíquicas, e diz que esse é um aspecto importante a ser considerado pelo psicólogo.

Luczinski (2005) ressalta que, além da ausência de paradigmas científicos e das dificuldades metodológicas para lidar com o tema, a dimensão pessoal do psicólogo interfere na forma como ele enxerga a questão religiosa nos seus clientes. Para ela, esta é uma das causas da atitude negativa dos psicólogos frente à dimensão religiosa.

Esteves (2009) conclui na mesma direção, dizendo:

(...) acredito que é importante para todo profissional e principalmente, para o psicólogo que pretende atuar na clínica, voltar-se para a reflexão da sua experiência de vida, e o tema da religiosidade não pode ficar a parte: ele participa da totalidade do ser humano e deve ser considerado como todo e qualquer assunto. (ESTEVES, 2009, p. 23).

Pargament (2007) afetou-se com a distância estabelecida nos cursos de Psicologia no que diz respeito aos assuntos da religião e da espiritualidade e dedicou-se ao estudo da formação de psicólogos para desenvolver um atendimento que integrasse essas dimensões. Ele diz:

Uma atenção mais explícita a questões espirituais poderia ser desenvolvida na experiência da faculdade (...). É importante, ressaltar, contudo, que a educação espiritual não se refere a tentativas de proselitismo (...) a educação espiritual deve criar oportunidades para os estudantes conhecerem, debaterem e discutirem valores espirituais, problemas e preocupações. (PARGAMENT, 2007, p. 341).

Pargament (2007) acrescenta que esse preparo é claramente necessário para tratar da dimensão espiritual na psicoterapia com mais conhecimento e habilidade. Ele ressalta que esse é um processo que não pode ser rigidamente definido, mas deve ser desenvolvido de múltiplas formas. Neste contexto a sua obra *Psicologia Espiritualmente Integrada (Spiritually Integrated Psychotherapy)* constitui-se em um trabalho suficientemente abrangente e sistemático para indicar possíveis caminhos rumo à formação do psicólogo, que integra as dimensões espiritual e religiosa. Por esta razão, a seguir apresento as ideias principais de Pargament com respeito à integração da Espiritualidade à Psicologia no atendimento psicológico e, conseqüentemente, na formação do psicólogo.

2. A PSICOLOGIA E A ESPIRITUALIDADE NA CONCEPÇÃO DE PARGAMENT

Kenneth Pargament nasceu em 1950 em Washington, DC, nos Estados Unidos da América do Norte. É um psicoterapeuta e acadêmico reconhecido como um dos pesquisadores contemporâneos mais expressivos no campo da Psicologia da Religião. Após estudos de graduação na Universidade de Maryland (DC) e na *Rutgers Medical School*, recebeu seu Ph.D. em Psicologia Clínica e Comunitária pela Universidade de Maryland, em 1977. Desde 1988 é professor titular de Psicologia no *Bowling Green State University (BGSU)*, Ohio. É também pesquisador convidado do *Institute for Spiritually and Health*, do *Texas Medical Center*, além de professor visitante em diversas instituições dos Estados Unidos e do mundo.

Pargament trabalha como psicoterapeuta em seu consultório particular e divide seu tempo entre a clínica, a pesquisa e o ensino nas áreas de religião, espiritualidade e bem-estar psicológico sob a perspectiva do *coping* (enfrentamento). Demonstra apoiar-se na abordagem cognitiva, mas revela-se aberto a outras leituras e interpretações. Recebeu diversos prêmios e indicações, dentre eles o *William James Award for Excellence in Research*, da Divisão 36 – Psicologia da Religião, da *American Psychological Association*

(APA) em 1987. Recebeu, em 2009, o prêmio *Oskar Pfister Award*, da *American Psychiatric Association*, por suas contribuições às pesquisas em religião e psiquiatria. É membro e ex-presidente (1996-1997) da Divisão 36 da APA.

No que se refere à produção científica tem vários artigos publicados, especialmente sobre o tema Religião e Espiritualidade em Psicologia. Suas principais obras são: *The Psychology of Religion and Coping: Theory, Research, Practice* (1997) e *Spiritually Integrated Psychotherapy: Understanding and Addressing the Sacred* (2007). Trabalhos de coautoria incluem: PARGAMENT, K. I.; MATON, K.; HESS, R. (Eds.) *Religion and prevention in mental health: Research, vision, and action* (1991); e MCCULLOUGH, M.; PARGAMENT, K.; THORESEN, C. (Eds.). *Forgiveness: Theory, research, practice* (2000). Mais recentemente foi o editor-chefe da publicação do novo *APA Handbook of psychology, religion and spirituality*, volumes 1 e 2 (2013), além de ter escrito capítulos em diversos livros da área. É também editor associado e consultor de diversas revistas científicas.

Ele participou da elaboração da escala *Spiritual and Religion Coping Scale*–SRCOPE (PARGAMENT, KOENIG et PEREZ, 2000), que mede estratégias religiosas e espirituais de enfrentamento. No Brasil esta escala foi validada por Panzini e Bandeira (2005), com a nomenclatura Escala CRE (Escala de *Coping* Religioso-Espiritual). Seu trabalho ajudou a definir o cenário de estudos sobre o *coping* espiritual em diferentes países.

Pargament esteve no Brasil em outubro de 2010, participando do VII Seminário “Psicologia e Senso Religioso” organizado pelo Grupo de Trabalho em Psicologia e Religião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) no Instituto de Psicologia da USP.

2.1. O *coping* e a espiritualidade

O constructo psicológico que caracterizou Pargament é o *coping* religioso-espiritual. Apoiado nesse conceito ele desenvolveu suas concepções

sobre o lugar da espiritualidade na vida do ser humano e, conseqüentemente, na psicoterapia.

O enfrentamento religioso ou *coping* religioso, na nomenclatura de Pargament, envolve a compreensão de como as crenças e as práticas religiosas ajudam ou não a entender e a lidar com os estressores da vida. Pargament distingue três estilos de *coping* religioso: o autodiretivo, o delegante e o colaborativo. Contudo, não restringe as estratégias de enfrentamento a estes três grupos e propõe a possibilidade da existência de outras posições em relação ao controle e à responsabilidade pela solução de problemas. Exemplifica essa possibilidade apresentando um quarto estilo de *coping* religioso: o suplicante ou peticionário, caracterizado pela tentativa de influenciar a vontade de Deus por meio de rogos e petições. (PARGAMENT, 1997).

No *coping* religioso o indivíduo é um agente proativo, que lança mão de possibilidades e escolhas norteando-se por um sistema de valores e de crenças *a priori*, nos quais a religião está presente (FARIA, 2005). Pargament entende, assim, que a religião

(...) pode participar do processo de resolução de problemas, de enfrentamento de situações negativas e de crise, já que crenças e práticas religiosas podem guiar o indivíduo no processo de seleção das possíveis soluções e na atribuição de significados a eventos críticos da vida. (BRITO, 2011, p. 35-36).

Em seus trabalhos Pargament busca proporcionar aos psicólogos uma base empírico-teórica para pensar sobre a espiritualidade em sua prática clínica. Mas, apesar de encontrar no *coping* religioso-espiritual uma forma de compreender como a espiritualidade pode ser funcional na vida do ser humano, entende que ela não se limita aos mecanismos do *coping*. Existe a possibilidade de uma compreensão mais ampla para os psicólogos, que ele denomina de Psicologia Espiritualmente Integrada.

2.2. A definição de espiritualidade

Pargament (1997) entende a religião como a busca de sentido direcionada ao sagrado. Funcionalmente a religião seria uma busca de sentido, mas nem toda busca pode ser qualificada como religiosa. O que distinguiria a busca religiosa de outros tipos de busca seria a referência ao sagrado: essa é a substância da religião. Ele apresenta a espiritualidade como uma dimensão natural e normal da vida humana e ressalta que “compreendê-la não é um exercício intelectual irrelevante; é importante para lidar com a espiritualidade na psicoterapia”. (PARGAMENT, 2007, p. 30).

Pargament usa em seus trabalhos o termo *espiritualidade*, mesmo considerando que os termos *espiritualidade* e *religiosidade* convirjam e divirjam um do outro de várias formas. Ele usa o termo *espiritualidade* para tratar dessa dimensão particular da natureza humana e deixa os termos *religião* e *religiosidade* para referir-se ao contexto social, institucional e cultural da espiritualidade.

Define a espiritualidade como a “busca pelo sagrado” e enfatiza o sentido dessas duas palavras: a primeira é “busca”, referindo-se à dinâmica, e a segunda é “sagrado”, tratado como o âmbito ou campo espiritual. O sagrado inclui um núcleo – Deus, o Divino, uma Realidade Transcendente –, mas inclui também aquilo que uma pessoa pode santificar ou para o qual atribui um significado sagrado.

Pargament fundamenta sua proposição em várias tradições religiosas, principalmente judaísmo, islamismo, cristianismo, hinduísmo e budismo, e vê a busca pelo sagrado como um processo que envolve a descoberta, a conservação e a transformação, movimentos não sequenciais que caracterizam o enfrentamento religioso. Para ele, quando uma pessoa descobre o sagrado, sua inclinação é a de querer conservar, construir, nutrir e guardar o que considera sagrado.

2.2.1. O âmbito do sagrado

O sagrado é o “coração e a alma” da espiritualidade. Pode ser definido como Deus, o Divino, a realidade transcendente ou outro aspecto da vida que assume um caráter e um significado divino por sua associação ou representação da divindade ou de uma virtude. (MAHONEY *et* PARGAMENT, 2002, *apud* PARGAMENT, 2007, p. 32).

Em sua conceituação o âmbito (ou domínio) do sagrado possui um núcleo e um campo sagrado. No núcleo sagrado encontram-se, independentemente da tradição religiosa, três elementos: Deus, os seres divinos e uma realidade transcendente, ou realidade última. No campo sagrado encontram-se os objetos, os lugares, as atividades ou outros aspectos da vida que o representam ou estão associados a ele.

Pargament (2007) usa também o termo *santificação* para caracterizar o processo pelo qual as pessoas veem os aspectos seculares da vida com um significado ou caráter divino. Para ele a realidade secular pode ser percebida de forma espiritual, passando por este processo de santificação por duas maneiras: ao ser vista como uma manifestação de Deus ou como possuidora de qualidades sagradas.

Os objetos sagrados, apesar de serem considerados como manifestações de Deus, não são confundidos com Deus, com o divino ou com qualquer elemento do núcleo sagrado. Pargament (2007) afirma que para algo ser possuidor de qualidades sagradas deve apresentar qualidades sagradas, ou elas devem-lhe ser atribuídas, como a transcendência (*transcendence*), a infinitude (*boundlessness*) e a plenitude (*ultimicity*).

A transcendência refere-se à percepção de que existe algo fora do comum em um objeto ou em uma experiência particular, algo que sobrepassa o exercício cotidiano e está além de nossa possibilidade de compreensão. A infinitude envolve a percepção de um espaço e de um tempo sem fim, de uma eternidade. A plenitude é a base essencial e absoluta da verdade e de toda a experiência. A plenitude não é uma abstração: é sentida concretamente como real.

Embora os conceitos de *Deus* e de *realidade transcendente* variem de tradição a tradição, de cultura a cultura e de pessoa a pessoa, Pargament

(2007) enumera três diferentes classes de objetos que podem ser percebidos como manifestações de Deus ou possuidores de atributos sagrados:

1. O *self*.
2. Os relacionamentos.
3. O tempo e o espaço.

Pargament encontra dois padrões referentes ao modo como as pessoas descrevem a si mesmas (*self*, ego) em relação ao sagrado: elas sentem que foram criadas por algo maior que elas mesmas e percebem-se como fazendo parte de uma realidade maior que a delas. (PARGAMENT, 2007, p. 42).

Acerca dos relacionamentos como manifestações do sagrado, a partir das ideias de Buber (*I and Thou*, 1970), Pargament aponta o conceito de amor como o elemento mais claro na sacralização dos relacionamentos, ou seja, os produtos do amor, como o casamento, a sexualidade e a família, podem ser percebidos em termos sagrados. (PARGAMENT, 2007, pp.45-46).

Uma terceira classe de elementos sacramentáveis são o espaço e o tempo. Pargament afirma que alguns lugares aproximam-se das qualidades atribuídas ao núcleo sagrado, como o Himalaia e o Rio Ganges. No entanto, os lugares sagrados podem ser criados em diversos espaços, como quartos, ruas, árvores e qualquer local ao qual seja atribuído um significado sagrado. (PARGAMENT, 2007). O tempo também pode ser santificado, como os calendários religiosos, as etapas de transição da vida (aniversários, casamentos, morte etc.) ou dias da semana, como o sábado para os judeus e para os adventistas. (HESCHEL, 1986, *apud* PARGAMENT, 2007).

Pargament pondera que “o que distingue uma pessoa da outra, não é a presença ou ausência de um objeto sagrado em particular, e sim a configuração individual que cada uma dá a esses objetos.” (PARGAMENT, 2007, p.49). O fato de que as pessoas não consideram tudo na vida ou as mesmas coisas como sagradas é um dos fatores que tornam as religiões distintas entre si.

Pargament lembra também que nem todas as situações e nem todos os outros objetivos importantes são considerados sagrados pelas pessoas e que nem sempre algo sagrado traz consigo uma conotação positiva. Ele lembra

quantas atrocidades e infelicidades foram realizadas historicamente em nome do sagrado.

O sagrado, para Pargament, não é um grupo de crenças e práticas estáticas e congeladas: é um processo de *busca pelo sagrado*. Por isso é importante compreender como a dinâmica do sagrado se desenvolve.

2.2.2. A dinâmica do sagrado

O processo de busca pelo sagrado, que conforma sua dinâmica, é descrito por Pargament da seguinte maneira:

A busca inicia-se com a *descoberta* de algo sagrado para o indivíduo. Quando ele ou ela encontra o sagrado, procura um caminho espiritual para *sustentar* e acolher seu relacionamento com ele. Mudanças internas ou externas na vida do indivíduo, contudo, podem ameaçar, danificar, questionar ou até levar a uma crise do sagrado. O indivíduo então busca estratégias para *preservar e proteger* o sagrado o melhor que puder [grifo meu]. (PARGAMENT, 2007, p. 61).

Nessa citação podem ser identificados alguns momentos distintos: a descoberta, a conservação, os ataques (crise) e a transformação do sagrado.

Ao observar o modo como as pessoas buscam apegar-se ao sagrado, Pargament refere-se a Piaget, para quem as crianças são conservadoras por natureza e resistem à mudança. Para Pargament essa afirmação pode ser aplicada para as pessoas em geral, pois a tendência para apegar-se ao que é importante não termina na infância.

Pargament apresenta duas categorias: os caminhos para a conservação do sagrado e os destinos sagrados. Alguns dos caminhos para a conservação do sagrado são:

1. O caminho do conhecimento.
2. O caminho da ação.
3. O caminho do relacionamento.
4. O caminho da vivência.

Sobre o caminho do conhecimento observa que os relatos dos livros sagrados são para os que neles creem mais que histórias. Tratam de questões fundamentais sobre a vida, a criação mundo e das pessoas, o propósito da vida, o sagrado e o profano, a tragédia e a morte. Para algumas pessoas os livros sagrados contêm a palavra literal de Deus. Para outros, a verdade é apresentada em símbolos e metáforas.

Em qualquer um dos casos é preciso estudo e interpretação para discernir a sabedoria espiritual da literatura sagrada. Há vários caminhos para se ganhar o conhecimento, inclusive em uma mesma tradição religiosa. Mesmo aqueles que não acreditam em autoridades religiosas não são necessariamente descomprometidos espiritualmente. Para esses, razão e intuição, ao invés da autoridade religiosa, são o caminho para a sabedoria. Outros, ainda, podem procurar por respostas finais por meio da razão e da ciência. Como o próprio Einstein escreveu, “o caminho para a genuína religiosidade [é encontrado] através da obtenção do conhecimento racional.” (EINSTEIN, 1988, *apud* PARGAMENT, 2007, p. 96).

Outro caminho para a conservação do sagrado é expresso no seguinte ditado judeu: “qualquer um cujas boas ações excedam sua sabedoria, sua sabedoria vai suportar; qualquer um cuja sabedoria exceda suas boas ações, sua sabedoria não irá suportar”. (*Ethics of the Fathers*, 3:12, *apud* PARGAMENT, 2007, p. 81).

Para viver mais completamente dentro do reino do sagrado alguns indivíduos precisam desenvolver seus conhecimentos espirituais por meio de rituais e práticas. Esse é o denominado caminho da ação.

Os rituais religiosos vêm em uma variedade de formas e tamanhos e podem ser compreendidos em parte como métodos para dar significado à vida, encorajar a expressão, diminuir a ansiedade e aumentar o equilíbrio emocional, desenvolver a identidade pessoal e promover coesão de grupo (JACÓ, 1992, *apud* PARGAMENT, 2007). Contudo, sob uma perspectiva espiritual, este tipo de análise social e psicológica é incompleto, pois os rituais são antes de tudo caminhos para se conectar ao sagrado, adentrá-lo e vivenciá-lo.

No sentido mais amplo, segundo Pargament, as práticas espirituais encerram o que quer que as pessoas façam para conservar e proteger o sagrado em suas vidas, inclusive atividades que podem não ser percebidas como espirituais por natureza.

Além do caminho do conhecimento e do caminho da ação, Pargament observa que, apesar da poderosa corrente do individualismo no mundo ocidental, poucas pessoas praticam sua fé de forma isolada. A grande maioria se une para compartilhar seu modo de conhecer o mundo e afirmar suas crenças por meio de rituais e práticas comuns. Esse é o caminho do relacionamento.

Os relacionamentos espirituais não se limitam às relações com instituições religiosas ou grupos espirituais. A espiritualidade também pode se desenrolar em relacionamentos diários com a família, os amigos e outros membros da comunidade, pode brotar de atos de amor e compaixão ou emergir de conversas ou rituais no cotidiano. No entanto, os laços espirituais não são simplesmente veículos para compartilhar, disseminar e viver crenças espirituais. Eles têm um valor sagrado próprio, pois Deus pode ser visto como estando presente nos relacionamentos ou estes podem ser vistos como recipientes de qualidades sagradas. Os relacionamentos, então, podem ser mais do que um caminho para uma ligação continuada com o sagrado: eles são portadores de seus próprios significados sagrados.

O estudo das escrituras sagradas (conhecimento), a prática de rituais religiosos (ação) e a participação em uma comunidade espiritual (relacionamento) são para muitas pessoas caminhos importantes para conservar o sagrado. Muitos, contudo, achariam difícil sustentar suas espiritualidades sem o caminho da vivência espiritual, que é a percepção de um encontro imediato com o sagrado.

As pessoas em geral transitam dos métodos tradicionais de vivência espiritual, como o estudo das escrituras, os rituais e o comparecimento à igreja, até as abordagens menos tradicionais, como a música, as drogas, o sexo e a solidão. Mas, de todos os métodos de vivenciar o sagrado, a oração e a meditação são os mais comuns. (PARGAMENT, 2007).

Embora os psicólogos tenham se concentrado no papel da oração como facilitadora da saúde física e mental, a função mais importante da oração é a comunhão com o sagrado.

Mesmo os não teístas têm seus próprios modos de vivenciar o sagrado. Eles podem vivenciar o que eles compreendem como encontro com o sagrado, por meio da música, da arte ou da meditação.

As experiências identificadas como encontros com o sagrado não se restringem à reflexão silenciosa e contemplativa ou à calma do estado meditativo. Elas podem ser vividas como uma onda avassaladora mais do que como um lago sereno: por exemplo, em um grupo pentecostal carismático, as manifestações incluem chorar profundamente, rir, dançar ou tremer intensamente. Todas são formas de vivenciar o sagrado de modo a que o indivíduo possa conservá-lo.

Pargament ressalta que a metáfora do "caminho" pode induzir a enganos. Primeiro, ela pode trazer à mente a imagem de uma estrada reta onde as pessoas nunca se desviam ao longo de suas vidas. Mais comumente, os caminhos espirituais crescem e se desenvolvem em diferentes direções. Conforme as pessoas amadurecem, suas necessidades mudam e elas encontram barreiras ocasionais em sua busca do sagrado.

A metáfora do caminho espiritual pode ser enganosa também em um segundo sentido: ela sugere que esta viagem tem um destino fixo e final. No entanto, o estudo espiritual é uma tarefa que nunca acaba, o caminho do sagrado é um modo de vida que requer prática, determinação e disciplina.

Pargament (2007) ressalta que a vasta maioria das pesquisas desenvolvidas sobre a eficácia dos caminhos espirituais centrou-se em seus efeitos psicológicos, sociais e físicos. No entanto, é importante notar que esses estudos empíricos não tratam do grau no qual os caminhos espirituais ajudam as pessoas a alcançarem seus objetivos espirituais. E, mesmo que forem relacionadas a uma variedade de resultados positivos, a solidez das correlações estatísticas muitas vezes é fraca ou no máximo média. Colocando isso em termos mais básicos, para Pargament as pesquisas mostram que a espiritualidade geralmente é benéfica, mas isto não é uma regra, pois muitas

peças que seguem caminhos espirituais não vivenciam resultados positivos. O envolvimento espiritual por si mesmo não é necessariamente construtivo.

Embora haja uma tremenda diversidade nos caminhos pelos quais o sagrado é percebido e entendido, a maioria das pessoas é seletiva quanto ao caminho que escolhe e segue e, ao longo do tempo, tende a desenvolver preferências. Os padrões de escolha juntam-se para formar *sistemas de orientação espiritual*. Eles são altamente individualizados e incluem quadros de crenças espirituais, práticas, relações, experiências e valores que constantemente direcionam a busca da pessoa pelo sagrado (PARGAMENT, 1997).

O sistema de orientação espiritual de cada pessoa ajuda a manter alguma estabilidade no processo de busca. Contudo, há momentos na vida nos quais a busca pelo sagrado pode ser severamente atingida por crises, decorrentes com frequência de etapas de transição. Em fases de crise a pessoa está propensa a ficar espiritualmente desorientada e a ser menos capaz de seguir caminhos espirituais já trilhados e pode procurar formas novas para superar a crise. No entanto, segundo Pargament a construção de novos caminhos é feita a partir dos mesmos ingredientes que compuseram os caminhos anteriores – conhecimento, ações, relacionamentos e vivências.

Para conservar a sua relação com o sagrado, Pargament afirma que as pessoas podem recorrer a um grande e diverso número de estratégias e métodos espirituais de enfrentamento. Ressalta três deles:

1. A elaboração ou construção de um significado espiritual.
2. A busca pelo apoio espiritual.
3. A busca pela conexão e pela purificação espiritual.

A construção do significado espiritual acontece quando os eventos traumáticos são ressignificados, e muitas vezes compreendidos de uma forma mais positiva. As ressignificações espirituais positivas resultantes de eventos negativos ajudam a pessoa a conservar não só o significado que dá ao mundo e a sua vida, mas também a sua relação com o sagrado.

Em períodos difíceis as pessoas costumam buscar apoio no sagrado. Esse amparo pode vir da percepção de um encontro espiritual direto ou pode

crescer a partir de fontes como a oração, a meditação, as relações com a comunidade religiosa, a prática de rituais e cultos, o estudo da literatura sagrada, a música, a arte e a contemplação da natureza. A experiência espiritual pode ser um apoio, ter efeitos físicos, psicológicos e sociais.

As ameaças ao sagrado podem vir de dentro ou de fora da pessoa. As religiões do mundo articulam uma ampla gama de atos pessoais que representam crimes contra Deus, como, por exemplo, a gula, a avareza, o orgulho, a luxúria, a preguiça, o ciúme, a calúnia, o ódio, o adultério, o roubo e o assassinato. Embora, até certo ponto, as transgressões específicas possam variar de tradição a tradição, elas compartilham uma característica comum: criam rupturas entre o indivíduo e o sagrado. Para reparar tanto a violação quanto a ruptura, muitas religiões oferecem rituais de purificação: sacrifício, arrependimento, punição e liturgias de expiação estão entre os muitos métodos de purificação. (PARGAMENT, 2007, p. 104).

Há momentos, porém, em que o sagrado não pode ser totalmente protegido. Durante esses períodos é possível experimentar desorientação, confusão espiritual e dificuldade para encontrar o caminho que leva ao sagrado. Nestas condições podem ocorrer transformações na relação da pessoa com o sagrado ou o seu afastamento. (PARGAMENT, 2007, p. 111).

Pargament discorre sobre conflitos e situações que levam à transformação do sagrado. Ele classifica os conflitos espirituais em três tipos: os interpessoais, os intrapessoais e os relacionados ao divino. (PARGAMENT, MURRAY-SWANK *et* MAGYAR, 2005). Os conflitos espirituais interpessoais envolvem tensões com a família, os amigos, as congregações e a comunidade. Neles as pessoas experimentam dúvidas sobre questões da espiritualidade pessoal, o sentido da vida, o propósito existencial, o valor das tradições religiosas. Uma terceira forma de conflitos espirituais envolve a tensão relacionada ao divino e a luta para redefinir essa relação em resposta à dor, ao sofrimento ou outras situações da existência humana.

Para Pargament a presença de conflitos espirituais de maneira alguma representa uma patologia ou uma fé debilitada. A transformação espiritual refere-se a mudanças fundamentais no posicionamento e na natureza do

sagrado na vida da pessoa e a mudanças secundárias nos caminhos que o indivíduo percorre em direção ao sagrado.

Apesar de muitas pessoas construírem seus próprios caminhos de transformação espiritual, Pargament cita as formas que considera mais importantes: as transições sagradas, as revisões do sagrado e a centralização do sagrado.

Sobre as transições sagradas, ele declara:

(...) nosso movimento através de vida está longe de ser linear. Ele é pontuado por mudanças dramáticas – nascimento, casamento, envelhecimento e por fim a morte – em que o caráter finito da vida é revelado, e nós capturamos um vislumbre de forças maiores no universo. (PARGAMENT, 2007, p. 116).

De batismos a funerais, os ritos de passagem anunciam o fato de que suas respectivas etapas de tempo passaram e uma nova transformação está em processo. Por esta razão, as chamadas transições sagradas podem estar ligadas a outra forma de transformação espiritual.

As revisões do sagrado, por sua vez, também têm seu lugar. As compreensões de Deus, segundo Maria Rizzuto (1979, *apud* PARGAMENT, 2007), são "infinitamente plásticas", vão se moldando ao longo do ciclo de vida.

Pargament afirma que novas visões do sagrado representam mais que alterações cognitivas: são frequentemente acompanhadas por outras transformações espirituais, em que o sagrado é realinhado na hierarquia de valores e esforços significativos do indivíduo. A isso ele denomina *centralização do sagrado*.

Há três etapas importantes neste processo: em primeiro lugar, o indivíduo reconhece as limitações de suas concepções atuais; em segundo, decide que é hora de deixar valores antigos; por último, substitui as fontes antigas de significado sagrado por outras. Mas a busca pelo sagrado não termina nem mesmo quando a transformação é bem-sucedida, pois o indivíduo se depara constantemente com a tarefa de conservar sua relação com o que foi transformado, e assim o processo continua.

A transformação espiritual pode resultar em extinção, em desligamento espiritual, em uma desconexão com o divino, no desapego da comunidade

religiosa e no distanciamento de qualquer sentido de transcendência, infinitude e plenitude. O desligamento espiritual é definido como a perda de interesse pelas coisas sagradas.

Para o autor os processos de descoberta, conservação e transformação do sagrado não devem ser confundidos com indicadores de saúde e bem-estar ou patologia. São parcelas da vida do ser humano. A busca pelo sagrado pode levar a expressões positivas do potencial humano, mas pode também transformar algo que era potencialmente valioso em uma força destrutiva.

2.2.3. Problemas espirituais

Pargament enumera três grupos de critérios comumente utilizados para avaliar a espiritualidade: os baseados na verdade, os baseados no pragmatismo e os baseados no processo. Critérios baseados na verdade são insuficientes como guias para avaliar a espiritualidade, pois tanto os clientes quanto os terapeutas definem a verdade como a veem.

Pargament cita William James (1907/1975) para falar dos critérios baseados no pragmatismo. Mais do que focar as raízes da religião, James propôs considerar seus frutos. A melhor religião, ele acreditava, é aquela que funciona melhor. No entanto, aplicar critérios pragmáticos à avaliação da espiritualidade não é fácil, pois a espiritualidade trata de questões que ultrapassam o concreto e o empírico, como a transcendência, a infinitude e a plenitude.

De acordo com Pargament, uma avaliação mais justa de espiritualidade requer atenção não somente aos resultados espirituais, mas também ao processo espiritual (PARGAMENT, 2007, p. 131). Não é fácil transmitir este processo em palavras, mas os que tentaram descrevem os níveis de espiritualidade em termos de equilíbrio, dinamismo, compreensão, flexibilidade e interconexão.

Orlo Strunk descreve a religião madura como “uma organização dinâmica de fatores cognitivo-afetivo-conativo possuindo profundidade e elevação” (STRUNK, 1956, *apud* PARGAMENT, 2007, p. 133). Esta é a linguagem do processo. Quando é julgada pelos padrões do processo, o valor da espiritualidade baseia-se em sua qualidade, mais do que em sua verdade ou em seus resultados.

Para Pargament um processo espiritual não precisa ser definido dentro de uma tradição religiosa particular. A vivência espiritual não está nem em uma única crença, nem em uma determinada prática. O processo espiritual dá-se na interação da pessoa com as situações da vida em um contexto ampliado. Ele mostra que as pessoas podem seguir muitas trajetórias em suas vidas: algumas podem ser tranquilas, outras acidentadas; algumas irão em direção ao crescimento, outras à decadência, dependendo do grau em que a espiritualidade é integrada.

Uma espiritualidade bem integrada é definida não por uma crença específica, uma prática, uma emoção ou um relacionamento, mas pelo grau em que os caminhos e os destinos espirituais do indivíduo trabalham juntos, em sincronia uns com os outros. Neste sentido, para Pargament, a espiritualidade integrada como processo de busca pelo sagrado é definida por caminhos amplos e profundos, receptivos às situações da vida, nutridos por um contexto social maior e capaz de flexibilidade e de continuidade. Ademais, é orientada para um destino sagrado suficientemente grande para englobar toda a gama de potencial humano e luminoso o suficiente para prover o indivíduo com uma poderosa visão orientada.

No sentido oposto a espiritualidade é desintegrada e definida por caminhos em que faltam âmbito e profundidade; falha em atender aos desafios e às exigências dos eventos da vida; conflita e colide com o sistema social à sua volta, altera-se e muda muito facilmente ou é inflexível e desorienta a busca de valores.

Pargament distingue dois grandes grupos de problemas espirituais: os do caminho e o do destino. Ele apresenta três tipos de problemas associados aos destinos espirituais:

- Pequenos deuses
- Falsos deuses
- Conflitos internos com o sagrado

Os pequenos deuses constituem representações limitadas do sagrado, que não tem condições para lidar com a série de desafios apresentada pela vida. Podem ser, entre outras, concepções de um sagrado muito punitivo ou sempre protetor.

Para Pargament os falsos deuses remetem à idolatria. Aqueles que adoram falsos deuses podem ser representados por pessoas que centram suas vidas em torno das drogas, do álcool ou da comida; ou se devotam a um cônjuge abusivo ou a uma autoridade despótica.

Uma pessoa pode ter muitas imagens diferentes do sagrado simultaneamente. O mesmo indivíduo pode ver Deus como amoroso em um nível, punitivo em outro e isolado em outro. Como o quadro do sagrado é desenhado a partir de materiais tão diferentes quanto a representação de pai, a cultura, a religião organizada, as necessidades pessoais, o temperamento, as experiências sagradas e os anseios espirituais, diferentes problemas podem surgir. Pargament considera quatro exemplos de problemas: 1) ambivalência com respeito ao sagrado; 2) autodegradação; 3) demonização; e 4) guerras sagradas.

Sobre a ambivalência em relação ao sagrado, Jones escreve:

Se a necessidade de idealização não é satisfeita, se a uma criança não é permitido idealizar, ou se objetos idealizados falham muito cedo, a criança pode bloquear a capacidade de idealizar. Como pessoa não pode idealizar (...) [e] deve desacreditar e desmascarar tudo. Mas a necessidade por objetos de idealização não desaparece (...) propela o indivíduo a uma frenética busca por objetos de idealização que mais cedo ou mais tarde são compelidos a falhar e reforçam ainda mais suas atitudes cínicas. (JONES, 2002, *apud* PARGAMENT, 2007, p. 33).

Conflitos com os pais também podem se manifestar por meio da autodegradação na relação com o sagrado. Quando desapontadas, frustradas ou machucadas por seu pai ou sua mãe, as crianças podem perceber a maldade como algo que não pertence a seus pais e depositá-la em si mesmas para preservar a sensação de que seus pais são bons. Com o mesmo fim, as

crianças também podem projetar suas boas qualidades em seus pais. Este padrão de incorporação do mau e projeção do bom frequentemente torna-se o modelo para relacionamentos subsequentes, incluindo aqueles com o sagrado.

A autodegradação pode se expressar como a demonização do self e dos outros e como guerras internas. Na maneira mais extrema, na demonização do self, ele é percebido como mais do que pecaminoso: é visto como demoníaco. A tensão dialética entre o self e o sagrado pode levar a diferentes direções, da demonização do self à demonização dos outros, e as pessoas ficam incapazes de integrar sua compreensão do mal consigo mesmas, com outras pessoas e com o mundo.

Segundo Pargament, quando as pessoas se tornam espiritualmente desorientadas, suas formas de pensar, agir, sentir, relacionar-se e enfrentar desafios falham em criar caminhos transversais para o sagrado. Pargament fala, por exemplo, de uma variedade de formas de espiritualidade que carecem de amplitude: a independente, focada exclusivamente na satisfação pessoal e sem preocupação com os outros; práticas vazias, separadas dos sentimentos de sagrado; experiências isoladas, sem fundamento na sabedoria de grandes mestres espirituais do passado e do presente; e a falta de rituais que simbolizem e representem as verdades mais profundas da vida.

Gallup Jr. e Lindsay concluíram que "a espiritualidade nos Estados Unidos pode ter três mil milhas de largura, mas permanece com apenas três polegadas de profundidade" (GALLUP JR *et* LINDSAY, 2006, p.45, *apud* PARGAMENT, 2007). Pargament esclarece que sem amplitude e profundidade espiritual as pessoas provavelmente experimentam uma desintegração espiritual em sua busca pelo sagrado. Sugere que sem uma finalidade e alguma profundidade a espiritualidade perde poder: pode ser incapaz de servir às funções psicológicas e contribuir para mais problemas.

Para Pargament, a respeito dos problemas de adaptação, é possível afirmar que poucos indivíduos alcançam uma vida perfeitamente integrada. Na busca pelas coisas que mais importam, faz-se necessário lidar simultaneamente com obstáculos colocados no caminho da vida; necessidades próprias e preferências, em constante mudança; pressões da família, dos amigos e da comunidade; e uma quantidade enorme de informações do mundo

externo. Felizmente, a maioria das pessoas pode viver muito bem com algum grau de incoerência espiritual. Às vezes, porém, as inconsistências se tornam mais problemáticas, a espiritualidade falha em ter coerência e o indivíduo encontra problemas de ajuste espiritual.

Também os atos de extremismo são problemáticos porque minam os objetivos que se pretende alcançar. Medos e dúvidas sobre se um pecado ocorreu levam o indivíduo escrupuloso a desenvolver rituais compulsivos que aliviam apenas parcialmente seus temores e podem resultar em atos de mais penitência. O extremismo espiritual pode levar as pessoas para mais longe do que perto de seus destinos espirituais.

A hipocrisia espiritual, por sua vez, pode se manifestar em comportamentos aparentemente simples: o vendedor de seguros que frequenta regularmente a igreja para fazer contatos de novos negócios, a mulher que tem assento no conselho de diversas instituições religiosas de caridade porque isso a faz parecer boa aos olhos da comunidade etc. Exemplos como esses podem mostrar uma adequação pobre entre a motivação e a prática espiritual. Há uma incongruência básica naqueles que permanecem em um caminho espiritual por razões não espirituais. Em casos mais extremos o problema da hipocrisia espiritual representa um uso deliberado e indevido dos caminhos espirituais para chegar a destinos que são muitas vezes anti-espirituais.

Pargament cita, também, problemas de ajuste entre o contexto individual e o social. Frequentemente a falta de ajuste entre o indivíduo e seu contexto social prepara o cenário para surgirem os problemas. Parceiros matrimoniais de diferentes tradições religiosas tendem a ter menor satisfação matrimonial, mais conflitos maritais e maiores índices de divórcio do que casais religiosamente homogêneos (MAHONEY, PARGAMENT, TARAKESHWAR *et SWANK*, 2001, *apud* PARGAMENT, 2007). Semelhantemente, crianças criadas em vizinhanças nas quais estão em minoria religiosa sofrem mais de depressão, sintomas psicossomáticos e baixa autoestima do que crianças criadas em vizinhanças nas quais elas fazem parte da maioria religiosa (ROSEMBERG, 1962, *apud* PARGAMENT, 2007).

Pargament lembra que longos períodos de estabilidade, quando as pessoas estão focadas em sustentar seus relacionamentos com o sagrado,

podem ser seguidos por períodos de mudança aguda ou gradual, quando buscam novas maneiras de compreender e se aproximar do sagrado. Em uma visão mais pragmática, uma espiritualidade em que falta flexibilidade provavelmente se torna inadequada, conforme as mudanças do tempo e das circunstâncias. Igualmente problemática é a incapacidade de sustentar uma abordagem espiritual em sua vida. Sem compromisso e continuidade a busca pelo sagrado pode tomar a forma de saltos excêntricos de uma tendência espiritual a outra, buscas superficiais em amostras oriundas de vários caminhos espirituais. Esses são alguns dos problemas espirituais que demandam uma atenção do psicoterapeuta que procura desenvolver uma psicoterapia espiritualmente integrada.

Para Pargament as avaliações da espiritualidade não podem se limitar a um, dois ou três fatores. Nenhuma qualidade em particular é suficiente para avaliar se uma espiritualidade é efetiva ou não. A espiritualidade como um processo que pode ter muitos graus, bem integrados ou não, acrescenta complexidade à tarefa dos clínicos. Cabe ao clínico: peneirar, pesar e balancear dúzias de fatores para traçar um quadro da vida de seus pacientes e poder conduzir o tratamento.

2.3. A Psicoterapia Espiritualmente Integrada

Pargament afirma que no início de suas pesquisas procurou relacionar a religiosidade à saúde. Fez estudos empíricos que exploraram a relação entre vários aspectos da religiosidade, da saúde mental e das competências psicossociais. Concluiu naquele então que suas pesquisas sobre religião tinham pouco a contribuir para a sua prática clínica, assim como seu trabalho clínico exercia pouco impacto em suas pesquisas (PARGAMENT, 2007). Sentiu então a necessidade de expandir sua perspectiva biopsicossocial para uma perspectiva biopsicossocioespiritual do comportamento humano.

Ele diz:

As pessoas quando entram na sala do terapeuta, não deixam do lado de fora aguardando na sala de espera sua espiritualidade. Eles levam consigo suas crenças, práticas, experiências, valores, relacionamentos e dúvidas. Implícita ou explicitamente, este conjunto de fatores espirituais comumente adentram o processo terapêutico. (PARGAMENT, 2007, p. ix).

Por esta razão Pargament defende que “a espiritualidade deve ser compreendida e trabalhada como uma dimensão legítima da experiência humana, e não como um subproduto de outra experiência, mais elementar, da natureza humana”. Trata-se de uma dimensão legítima e única, que não deve ser idealizada, mas considerada como algo que pode ser tanto positivo quanto negativo; deve ser parte da solução dos problemas ou a sua causa. (PARGAMENT, 2007, p. xi).

Referindo-se ao atendimento clínico, ele apresenta quatro razões para incluir a espiritualidade na psicoterapia:

1. A espiritualidade não pode ser separada da psicoterapia.
2. As pessoas esperam uma ajuda sensível ao tema da espiritualidade.
3. A espiritualidade pode ser parte da solução.
4. A espiritualidade pode ser parte do problema.

Com essas justificativas em mente, Pargament apresenta dois grandes momentos na construção de um atendimento psicológico que aborde a espiritualidade.

1. A compreensão do que é espiritualidade e de como se desenvolve no indivíduo.

Antes de “fazer” psicoterapia, o psicólogo precisa construir uma forma de pensar as pessoas, os problemas e as mudanças. Antes dos psicoterapeutas poderem lidar com a espiritualidade na terapia, eles precisam saber como pensar a espiritualidade: o que é? como funciona? e como avaliá-la? (PARGAMENT, 2007, p. 29).

2. O manejo dessa dimensão no atendimento clínico.

Para Pargament, estar atento à espiritualidade do cliente inclui considerar que seus problemas espirituais podem ser tanto a causa quanto o resultado de problemas psicológicos e que a espiritualidade pode ser tanto uma fonte de soluções quanto uma fonte de resistência às soluções. O terapeuta é alertado a observar possíveis sinais da própria intolerância às

posições espirituais de seu cliente, já que no processo psicoterapêutico tanto a espiritualidade do cliente quanto a do terapeuta podem ser afetadas, mesmo quando o sagrado não é um foco explícito de atenção.

Para lidar com essa questão Pargament apresenta um modelo clínico: a Psicoterapia Espiritualmente Integrada (PEI). A PEI "é uma abordagem ao tratamento que reconhece e aborda a espiritualidade do cliente, a espiritualidade do terapeuta e o processo de mudança." (PARGAMENT, 2007, p.176). Afirma que qualquer modalidade de terapia pode ser enriquecida ao dar uma atenção explícita à dimensão espiritual das pessoas, pois as mudanças psicológicas e espirituais podem andar de mãos dadas e uma Psicoterapia Espiritualmente Integrada pode proporcionar novas perspectivas e soluções para os problemas psicológicos.

Antes de tratar da avaliação e da intervenção psicológica, Pargament ressalta que na PEI deve-se ter atenção a três elementos:

1. Uma orientação espiritualmente integrada relativa ao cliente.
2. Uma orientação espiritualmente integrada relativa ao psicoterapeuta.
3. Uma orientação espiritualmente integrada relativa ao processo.

A PEI repousa na ideia de que a espiritualidade é uma dimensão vital na vida de muitos clientes. Ela é o conjunto de caminhos que a pessoa segue em busca do sagrado. Quando as pessoas vêm à psicoterapia, elas não deixam a sua espiritualidade de fora. Ela frequentemente está atrelada aos problemas que o cliente traz, às soluções para os problemas, e aos grandes contextos culturais e sociais dos clientes.

A maioria dos clientes não fala dos problemas religiosos ou espirituais quando vem à psicoterapia, de acordo com profissionais de saúde mental. Contudo, Pargament apresenta algumas razões que questionam esses baixos níveis. Primeiro, a falta de inclusão do tema nos diagnósticos usuais. Segundo, os terapeutas formam um grupo que frequentemente deixa passar em branco a dimensão espiritual em seus trabalhos com os clientes. Hathaway *et al* (2004), em um estudo, mostram que mais da metade dos psicólogos raramente ou nunca examinaram o impacto do funcionamento religioso ou espiritual dos clientes em seus problemas. Além disso, há uma longa tradição na Psicologia

em reduzir questões espirituais a outros problemas. Portanto, mesmo quando questões espirituais são levantadas na terapia, elas costumam receber pouca atenção direta do terapeuta. Assume-se que se o problema psicológico for tratado, o problema espiritual também será resolvido.

A concepção presente na PEI é de que a espiritualidade frequentemente está atrelada aos problemas dos clientes e a dimensão espiritual dos problemas pede uma atenção clínica. Assim como a espiritualidade pode levar a problemas psicológicos, problemas psicológicos podem levar a problemas espirituais. Pressupõe que o processo de mudança será alargado, aprofundado, fortalecido e enriquecido ao prestar atenção explícita à espiritualidade.

2.3.1. A dimensão espiritual no contexto dos clientes

Clientes chegam para a psicoterapia trazendo uma maneira própria de enxergar o mundo, que é em parte o produto de um contexto maior: gênero, etnia, idade, família, amigos, comunidade, cultura. Também há o âmbito da espiritualidade, embora atualmente enfatize-se o seu caráter particular, interno e subjetivo.

É preciso lembrar, repetidamente, que as pessoas podem viver sua espiritualidade sem serem religiosas. Mas, embora as pessoas possam rejeitar uma identificação religiosa tradicional, elas não podem desconectar sua espiritualidade de um contexto maior. Para Pargament a busca pelo sagrado sempre se desdobra dentro de um campo de forças maiores, mesmo que os clientes as desconheçam ou reajam contra elas. O contexto pode ser rejeitado por um cliente, mas ele continua tendo um papel crítico na sua espiritualidade. Por essa razão a identificação da vida religiosa do cliente, ou de sua falta, é uma parte fundamental do contexto maior que ele traz para a psicoterapia.

Ao considerar este contexto, há o perigo de se criar estereótipos ligados a diferentes grupos religiosos. Nem todos os fundamentalistas têm cabeça fechada, nem todos os católicos estão se recuperando de suas experiências na

igreja, nem todos os judeus sofrem de angústia existencial. Portanto, por mais importante que seja o entendimento das denominações religiosas, ele não substitui a necessidade de uma atenção mais próxima e cuidadosa para a maneira como cada cliente vive a sua tradição.

Pargament lembra:

(...) a psicoterapia envolve um encontro de dois mundos. Conforme eu observo pela primeira vez meu cliente sentado na sala de espera, eu começo a entrar no mundo dele. E conforme eu me apresento e trago o cliente de volta para o meu consultório, ele começa a entrar no meu (...). Há uma dimensão espiritual para este novo relacionamento, mesmo o cliente e o terapeuta estando ou não atentos para isso. Conhecemos, compartilhamos e mudamos não somente como seres psicológicos, sociais e físicos, mas como seres espirituais também. (PARGAMENT, 2007, p.194)

A PEI torna explícita a dimensão espiritual do encontro do terapeuta com o cliente. Este encontro pode ocorrer em qualquer modalidade terapêutica ou abordagem e deve ser respeitoso para com a espiritualidade dos clientes. Neste sentido a PEI não é uma forma independente de terapia, é uma abordagem que enriquece as várias formas de terapia por dar uma atenção explícita à dimensão espiritual das pessoas em seus problemas, em seus recursos e no processo de mudança. A principal maneira com que a PEI pode colaborar com outros modos de tratamento é fornecer uma perspectiva espiritual ampla para os problemas psicológicos e mostrar que as fontes espirituais podem colaborar para o processo de mudança em psicoterapia.

A PEI é multimodal. Ela integra um vasto leque de terapias, não somente a cognitiva-comportamental, mas também a psicodinâmica, a existencial, a de casal e de família, a interpessoal, a humanista, a experiencial, a racional-emocional, a de aceitação e também as de compromisso (SHAFRANSKE, 1996).

É importante enfatizar aqui que a Psicoterapia Espiritualmente Integrada não é simplesmente um conjunto de técnicas que podem ser transportadas para outras terapias. Ela desenvolve uma maneira diferente de pensar sobre problemas, soluções e a natureza humana. É provável, no entanto, que o processo de lidar mais inteiramente com a dimensão espiritual influa no processo de qualquer terapia.

Pargament relata que Mahoney comentou que seu estilo mudou para “uma autenticidade mais profunda, um testemunho misericordioso e um cuidado desenvolvido, ao invés de planejamento esperto e soluções técnicas” (MAHONEY, 2000, pp. 53-54 *apud* PARGAMENT, 2007, p. 200), conforme sua terapia se tornou mais espiritualmente orientada. É provável que os próprios clientes também experienciem a Psicoterapia Espiritualmente Integrada de maneiras diferentes.

Para Pargament (2007), a Psicoterapia Espiritualmente Integrada (PEI) deve:

1. Ser explícita. O terapeuta e o cliente falam abertamente sobre a espiritualidade como uma dimensão significativa, algo que não pode ser reduzido a um processo psicológico. No processo de tornar explícito o que está implícito, ambos podem fazer melhor da espiritualidade como elemento em potencial para o sucesso da psicoterapia. (PARGAMENT, 2007).
2. Ser psicoespiritual. A PEI é tanto espiritual quanto psicológica, e a espiritualidade é o fenômeno central de interesse nessa abordagem de tratamento. No entanto, a PEI é predominantemente uma terapia psicológica. Ela não é validada por nenhuma autoridade religiosa nem legitimada por uma base teológica, diferentemente, por exemplo, do aconselhamento pastoral. O terapeuta não lida com questões ontológicas. No atendimento terapêutico o importante é trabalhar com as verdades espirituais dos pacientes, e não com as do terapeuta. Além disso, a PEI lança mão de dois recursos, a construção teórica e a pesquisa científica, e repousa em uma forma sistematizada de pensar a espiritualidade, pois “ser capaz de pensar claramente sobre espiritualidade é um pré-requisito para trabalhar com essa dimensão em terapia” (PARGAMENT, 2007, p.19).
3. Ser pluralística. A PEI necessita ser espiritualmente multilíngue. Mesmo trabalhando com clientes de uma tradição religiosa familiar, o terapeuta irá se deparar com clientes que criam sua própria forma de viver a religião. (BIBBANY, 1977, *apud* PARGAMENT, 2007, p. 20).
4. Ser integrativa. A espiritualidade não está divorciada das dimensões psicológica, social e física da vida. Por isso não faz sentido menosprezar a dimensão espiritual. Por outro lado, não faz sentido focar somente a

espiritualidade na psicoterapia, pois ela não pode ser encontrada isolada do resto da vida do paciente. (PARGAMENT, 2007, p. 21). O vocábulo *integrada* permite aplicar a PEI a diversas linhas psicológicas e trabalhar com diversas tradições religiosas. Neste sentido, torna-se integrada (PARGAMENT, 2007, p. 21).

5. Reconhecer a existência de um conjunto de valores. Pargament argumenta que a Psicologia e a psicoterapia não são neutras como se supõe: todas as abordagens teóricas em Psicologia têm um conjunto de valores e o risco está em procurar impô-los ao cliente. Pargament argumenta que é melhor ter esse conjunto de valores explicitado para melhor trabalhar com eles. (PARGAMENT, 2007, p. 22).

2.3.2. Avaliação espiritual

Pargament aborda a avaliação psicológica, dividindo-a em avaliação inicial, avaliação implícita e avaliação explícita. O propósito da avaliação espiritual é estabelecer um plano de ação para incluir a espiritualidade na terapia. Por esta razão deve-se evitar uma aproximação mecânica ao tema, pois: 1) a espiritualidade é profundamente pessoal, e muitos clientes podem não estar prontos para discutir este assunto, tão íntimo, em terapia; 2) é difícil colocar a experiência espiritual em palavras e alguns clientes precisam ser ajudados nisso; 3) os instrumentos de avaliação da espiritualidade ainda estão sendo desenvolvidos; 4) a espiritualidade é um processo, e deve ser conhecida como um processo baseado em uma boa relação terapeuta-cliente.

Por isso, no processo de avaliação ou diagnóstico na PEI, Pargament focaliza alguns elementos importantes:

1. Preparar o caminho para o diálogo sobre a espiritualidade.
2. Realizar uma avaliação inicial sobre a espiritualidade.
3. Realizar as avaliações implícita e explícita sobre a espiritualidade.

A terapia não é a primeira opção de ajuda para a maioria das pessoas e o cliente testa o terapeuta antes de se abrir. Por essas razões o terapeuta precisa ser convidado a entrar no mundo do cliente, e este convite precisa ser conquistado por meio de dois elementos: a) a abertura para aprender e b) a honestidade para compartilhar. O terapeuta não deve imaginar que conhece a espiritualidade de seu cliente porque conhece a sua denominação religiosa: ele deve perguntar ao cliente sobre sua vivência e sobre sua religião. Como Pargament afirma: “uma pequena dose de humildade por parte do terapeuta pode dar autoridade a clientes que no começo da terapia, geralmente creem que têm pouco a ensinar a alguém” (PARGAMENT, 2007). O terapeuta precisa estar aberto ao cliente e ter cuidado e clareza sobre como e quando pode se revelar, e sempre a serviço do cliente.

Para Pargament o cliente tem o direito de saber a religião do terapeuta e até escolhê-lo com base neste dado, assim como pode escolhê-lo pelo sexo, por sua filiação teórica, por sua idade etc. Pargament diz que, quando perguntado, conta que é judeu e pergunta ao cliente como ele se sente ao trabalhar com um judeu. Cada cliente reage de um jeito a essa revelação. Alguns aceitam, outros pedem a indicação de um terapeuta da sua religião, outros ainda perguntam sobre a sua experiência com clientes de outras religiões, ou até mesmo perguntam se ele não vai convertê-los a sua religião.

Pargament diz que o terapeuta sempre deve responder diretamente às questões dos clientes, sem muita profundidade, pois a conversa inicial sobre a espiritualidade não deve ser muito extensa: deve apenas dar informações para o cliente para que ele decida mais claramente se quer trabalhar com ele ou não.

A autorevelação por parte do terapeuta deve ser apropriada para ajudar o cliente a determinar se considera que ele poderá ajudá-lo a alcançar seus objetivos na terapia. Antes de continuar a terapia, o cliente pode desejar saber da posição do terapeuta acerca de temas moralmente polêmicos, como aborto, divórcio, sexo extraconjugal e homossexualidade.

Há três possíveis respostas por parte do terapeuta: 1) no caso mais simples, ele não tem problemas quanto ao tema e pode ajudar com tranquilidade seu cliente; 2) o terapeuta pode ter uma posição forte com relação ao tema, mas ainda assim pensa que poderá ajudar seu cliente a achar

sua própria posição; 3) o terapeuta pode não se sentir apto para atender determinadas demandas por causa de seus valores mais profundos.

A primeira sessão em terapia é geralmente a mais trabalhosa; ela não é uma sessão para aprofundamentos intensos sobre a espiritualidade ou para outras áreas importantes da vida do cliente. Ainda assim, a espiritualidade deve ser abordada, especialmente em quatro áreas importantes:

1. A importância da espiritualidade para o cliente.
2. A importância da afiliação ou da comunidade religiosa para o cliente.
3. A importância da espiritualidade para os problemas que ele vive.
4. A importância da espiritualidade para a solução desses problemas.

Pargament esclarece que ao se levantar essas questões pode-se notar sinais de conflitos e de recursos espirituais. Em uma primeira entrevista elas não devem se destacar demais de outros questionamentos que visam conhecer o cliente e devem ser colocadas no momento adequado da conversa.

No decorrer da avaliação, ocorre de forma implícita um compartilhamento espiritual, pois o terapeuta faz perguntas e elas são feitas pelo uso de palavras psicoespirituais, ou seja, palavras que contenham qualidades sagradas, como paz, coragem, consolo, amparo, devoção, fé, esperança, amor, liberdade, perdão, remorso, desespero e sofrimento, por outro lado, o terapeuta atenta à linguagem espiritual do cliente e pode perceber a mudança da atmosfera da sala, assim como atentar aos processos que caminham paralelamente com a espiritualidade, e como o de perceber se e quando o cliente projeta neles qualidades sagradas.

Por meio do compartilhamento implícito o terapeuta oferece ao cliente uma oportunidade de explorar o domínio do espiritual. Para Pargament preparar o caminho para o diálogo espiritual e conduzir uma avaliação espiritual inicial são passos importantes no processo de conhecer a espiritualidade do cliente. Ainda que sejam importantes, esses passos ainda não fornecem informações completas e detalhadas sobre a espiritualidade e como ela está integrada, ou não, na vida do cliente. Para isto é necessário uma avaliação mais extensa e explícita.

Para fazer uma avaliação explícita da espiritualidade o terapeuta deve focar direta e extensivamente o lugar da espiritualidade na vida do cliente. Aparentemente simples, essas questões levam a outras, mais complexas, sobre como o cliente integra sua espiritualidade no seu todo. Primeiro, o terapeuta deve saber em que parte o cliente está na sua busca pelo sagrado. Segundo, qual o grau de integração da sua espiritualidade. Terceiro, verificar a eficácia da espiritualidade do cliente, incluindo o nível de conforto espiritual e o grau no qual ela leva a resultados valiosos. Finalmente, precisa detectar qual o papel que a espiritualidade poderá ter na terapia.

As informações sobre a espiritualidade podem ser reunidas de diferentes formas:

- colhendo informações sobre a história espiritual do cliente;
- percebendo o seu comportamento não verbal;
- usando testes quantitativos;
- conhecendo o contexto do cliente.

Como Pargament afirma: “As questões caminham pelos ‘o que é’ da espiritualidade, para os ‘porquês’, os ‘onde’, os ‘quando’ e os ‘como’ da espiritualidade” (PARGAMENT, 2007). A busca pelo sagrado propicia uma série de emoções positivas e negativas. É especialmente importante considerar as negativas, mesmo se as positivas ultrapassarem de longes as negativas, estas são mais poderosas. Mas os conflitos espirituais não levam necessariamente a maus prognósticos, podem também ser prenúncios de crescimento e desenvolvimento espiritual. O terapeuta deve estar atento não só ao que é dito e ao que é sentido, mas também à *congruência* entre falas, ações e sentimentos.

Para o autor, a avaliação espiritual é um processo que se dá na relação entre o terapeuta e o cliente. Por isso o diálogo espiritual precisa florescer em uma atmosfera de respeito e abertura para escuta e compartilhamento. A avaliação espiritual não é alheia à terapia, é uma parte vital do processo terapêutico.

2.3.3. Desenvolvendo e fortalecendo os recursos espirituais

Pargament diz que em tempos de estresse emocional é comum as pessoas perderem contato com os recursos que normalmente sustentam suas vidas. Por isso, ajudar os clientes a identificarem e aproveitarem seus recursos é um dos serviços mais importantes que os terapeutas podem oferecer. Ele considera algumas poucas regras práticas:

- É importante adaptar os recursos espirituais ao caso e ao problema particular.
- É preciso tempo e prática para colher os benefícios dos recursos espirituais. Muitos clientes esperam resultados imediatos quando se trata de terapia e de espiritualidade.
- Deve-se manusear os recursos com cuidado. Os recursos espirituais não devem ser tomados apenas como uma técnica a mais. Eles têm uma finalidade espiritual: facilitar a relação com o sagrado.
- É preciso trabalhar dentro dos próprios limites pessoais e profissionais. Eles podem ajudar seus clientes a alcançar os seus recursos religiosos formais, mas não devem confundir seus papéis com o das figuras clericais.
- Os terapeutas precisam estar alertas aos problemas que constituem barreiras ao desenvolvimento espiritual. A falta de amplitude espiritual e de profundidade é uma barreira comum. Frequentemente as pessoas não têm consciência dos recursos espirituais que estão disponíveis para elas.

Ajudar os clientes a identificarem seus anseios espirituais é o maior desafio no trabalho com pessoas que parecem estar espiritualmente perdidas. Para alcançar este fim os terapeutas devem manter três pontos em mente:

1. É difícil para as pessoas pensarem espiritualmente quando estão envolvidas no seu cotidiano. Para identificar seus anseios mais profundos os clientes devem dar um passo atrás e analisar as suas vidas a partir de uma perspectiva mais abrangente. O terapeuta pode facilitar este processo atribuindo aos clientes diversos tipos de tarefas.
2. Os clientes frequentemente precisam de ajuda para distinguir o verdadeiro anseio do falso. É parte do trabalho terapêutico separar o que os outros

querem para os clientes daquilo que eles querem para si mesmos e discernir as motivações subjacentes às várias escolhas.

3. Este processo é mais do que intelectual, já que as percepções do sagrado frequentemente eliciam poderosas emoções espirituais. Prestar atenção àquilo em que os clientes colocam sua energia e sua paixão pode ser a chave para discernir seus anseios espirituais. Poderosas emoções de uma espécie ou de outra frequentemente fornecem importantes pistas a respeito das mais profundas esperanças e sonhos do indivíduo.

Ajudar os clientes a identificarem e acessarem seus anseios espirituais não garante que eles terão sucesso em realizá-los. Muitos obstáculos podem aparecer no caminho, mas é um bom começo.

Partilhar o conhecimento é um ingrediente fundamental da psicoterapia. Os terapeutas compartilham informações com seus clientes sobre as várias dimensões do comportamento humano, como emoções, relações, desenvolvimento, stress, comunicação e assim por diante. Do mesmo modo, o conhecimento sobre a espiritualidade pode ser compartilhado.

Pargament (2007) comenta Griffith e Griffith, que ilustram como fazer uso de textos religiosos para encorajar os clientes a pensarem sobre si mesmos e sobre os seus problemas de um modo diferente. Isto mostra que o conhecimento espiritual e a sabedoria podem ser adquiridos a partir tanto de fontes modernas quanto de tradicionais. Assim os clientes podem ser incentivados a encontrar modelos espirituais modernos para si, não só entre os mais famosos (como Madre Teresa de Calcutá, Nelson Mandela e o Dalai Lama), mas também entre os membros de inspiração da sua própria família e de seu círculo de amigos.

A experiência espiritual é mais um recurso potencialmente poderoso. A oração e a meditação começaram a receber atenção especial, como recursos que facilitam a experiência espiritual. As orações são projetadas para manter e reforçar a ligação do indivíduo com Deus. Ao mesmo tempo, elas oferecem uma resposta às muitas necessidades e aspirações humanas. A meditação, em contraste com a oração, tem recebido grande atenção de profissionais e de investigadores. Apesar dos diferentes tipos de meditação existentes, todas elas

foram projetadas para ajudar as pessoas a experimentarem um nível diferente de consciência.

Para Pargament a mudança a um nível diferente de consciência promovida pela meditação pode ser valiosa para quem sofrem de duas classes de problemas psicológicos: a dificuldade de separar-se dos desejos (de álcool, drogas, comida e sexo, por exemplo), e a dificuldade em pôr fim a emoções e experiências dolorosas, como ansiedade, raiva, dor física e histórias de vida difíceis. Pargament comenta que a meditação tem sido aplicada a uma variedade de problemas psicológicos por profissionais de diversas orientações terapêuticas. No entanto, ao tentar explicar a eficácia da meditação, muitos pesquisadores e praticantes têm negligenciado a natureza espiritual desta técnica ou tentam separar o método de suas ligações com o sagrado. Na tentativa de afastar as conotações sagradas da meditação os terapeutas podem estar removendo um de seus ingredientes essenciais.

A espiritualidade incorpora um conjunto rico e diversificado de recursos que podem ser aplicados à variedade de problemas que as pessoas trazem para a psicoterapia. De todas as práticas espirituais, os rituais têm recebido maior atenção na psicoterapia, embora a desritualização seja um problema na cultura atual. Desconectadas de rituais, as pessoas não podem participar de atos de transformação que as impulsionariam a limiares sagrados mais elevados. Ao invés disso, ficam presas em emoções específicas (raiva, vergonha, tristeza), modos particulares de vida (trabalho constante, isolamento social) ou condições de vida em particular (viuvez, desemprego). Traçar rituais na terapia é uma forma de abordagem que pode servir a muitos propósitos, como estimular a catarse emocional, definir a identidade e ajudar as pessoas a elaborarem mudanças. Eles reinstigam um senso de sacralização nas pessoas colocando as condições de suas vidas dentro do contexto do grande drama humano. Os rituais têm uma natureza dual uma vez que promovem tanto a continuidade quanto a mudança (PARGAMENT, 1997). Eles são transformadores, ao empurrarem as pessoas de uma fase da vida para outra, de uma emoção para a outra e de um nível de experiência para outro e, ao mesmo tempo, proporcionam um alicerce seguro, lembrando que, apesar das mudanças algumas coisas permanecem constantes.

Apesar da sua diversidade, os rituais eficazes têm vários pontos em comum. Primeiro, eles são simples. Segundo, eles são honestos. Encorajam pessoas a enfrentarem tanto as realidades da dor e da perda quanto as da esperança e dos sonhos. Terceiro, são públicos. E, finalmente, eles são sagrados. Tratam da dimensão final da existência humana e tocam nos níveis mais profundos de emoção e de significação. (PARGAMENT, 2007).

Outro recurso pode encontrar-se nos relacionamentos familiares e afetivos. E o relacionamento do cliente com o terapeuta também pode ser visto como um recurso sagrado.

Pode parecer estranho pensar na relação terapêutica como um recurso espiritual. Afinal, os terapeutas têm evitado a vida espiritual do cliente por completo, para não mencionar as características espirituais do relacionamento terapêutico. No entanto, as qualidades sagradas da conexão entre clientes e terapeutas podem estar entre os mais importantes ingredientes da terapia. (PARGAMENT, 2007, p. 269).

Dois outros recursos de enfrentamento merecem uma atenção clínica para Pargament: o apoio espiritual e a ressignificação espiritual. Ambos podem ajudar o cliente a sustentar-se psicologicamente, social e espiritualmente. O apoio espiritual dado pela congregação e pelo clero pode ser uma importante fonte de conforto, força e encorajamento. No esforço para dar sentido às experiências de vida difíceis, muitos clientes veem-se diante de uma crise de sentido. A ressignificação espiritual pode ajudar o cliente a colocar os eventos negativos da vida em um contexto maior, muitas vezes, mais esperançoso e benevolente.

Em suma, Pargament considera que a espiritualidade oferece um grande número de recursos para a terapia. No entanto, há momentos em que a espiritualidade é mais parte do problema do que parte da solução. Nesses casos a tarefa do terapeuta desloca-se para ajudar o cliente a solucionar seus problemas espirituais e avançar para uma integração maior.

2.3.4. Abordando os problemas espirituais em terapia.

Para Pargament os problemas de amplitude e de profundidade espiritual podem ter muitas causas: falta de familiaridade com os recursos da tradição religiosa, uma mistura de crenças, práticas, relações, emoções e experiências ou uma atitude passiva na qual o indivíduo não consegue internalizar e adaptar ensinamentos à sua própria vida e outros.

Os clientes que associam a espiritualidade a crenças e práticas religiosas podem ser encorajados a explorarem novamente as práticas e os lugares em que já experimentaram o sagrado, buscando integrar essas experiências a suas vidas.

Outras pessoas descobriram caminhos não tradicionais para o sagrado, como a música, a arte, a fotografia, e podem explorar a sua espiritualidade de modo mais profundo nessas fontes.

O terapeuta pode ainda ajudar o cliente no desenvolvimento de mais abertura e intimidade em suas comunicações com Deus e, em seguida, ajudá-lo a aprofundar as relações com as pessoas de sua rede social. Como ritual a oração pode tornar-se *pro forma* para muitas pessoas, por ser composta de recitações que mantêm pouca ligação com o mais profundo sentimento do cliente ou da relação com o sagrado. O desafio nesses casos é estimular a mudança de um monólogo espiritual para um diálogo espiritual, e esta é uma mudança não só para falar com Deus, mas também para imaginar e esperar a resposta de Deus.

O terapeuta pode ajudar o cliente a desenvolver uma perspectiva espiritual mais profunda e diferenciada, que aumente a sua capacidade de lidar com os desafios da vida. Seu papel neste processo não é criticar, condenar ou fazer proselitismo. Debates sobre a veracidade das afirmações religiosas devem ser evitados, pois o terapeuta não tem conhecimentos privilegiados quando se trata de assuntos específicos das religiões.

A regra clínica – comece com a abordagem menos intrusiva – aplica-se especialmente bem ao domínio espiritual. O trabalho do terapeuta é criar um ambiente no qual o cliente possa explorar com segurança todos os temas, inclusive o espiritual. É conveniente fazer perguntas reflexivas, que explorem os pontos espirituais sensíveis e aumentem as perspectivas; contrabalancear a

alternativa e sugerir novas leituras sobre o tema e experimentar com a mudança são alguns dos métodos clínicos que auxiliam no aprofundamento das vias espirituais do cliente. Mas eles serão eficazes apenas com clientes que têm algum grau de flexibilidade espiritual.

Pargament também volta sua atenção ao problema espiritual da continuidade e da mudança, centrando-se em um aspecto particular: a rigidez espiritual. Vários métodos podem ser úteis no processo de dissipação de medos subjacentes, pois o medo está na raiz da rigidez espiritual. O medo é, em parte, psicológico, especialmente diante da incerteza, da confusão e da desorientação. Esquemas espirituais rígidos oferecem uma resposta a esses temores. O terapeuta não será bem-sucedido se não reconhecer que a mudança espiritual pode representar tanto um benefício quanto uma ameaça psicológica e espiritual para a pessoa. Por esta razão, deve lidar com o problema da rigidez com muito cuidado.

Os terapeutas devem, demonstrar sensibilidade e respeito pelos assuntos sagrados como um prelúdio para qualquer conversa sobre mudança espiritual. Deve ficar claro para o cliente que o objetivo do diálogo não é diminuir ou eliminar crenças e práticas, mas enriquecer o lugar do sagrado em sua vida. É preciso transmitir uma apreciação pela necessidade do cliente de obter respostas para as suas dúvidas e a sua estrutura de vida. É importante assegurar que as discussões sobre as mudanças não visam a tornar seu mundo um caos, mas permitir a ele responder de modo efetivo às reviravoltas que fazem parte da vida de qualquer um. A mensagem fundamental é que a flexibilidade espiritual complementa a necessidade de estabilidade e estrutura, ao invés de se opor a ela.

A biblioterapia é um recurso poderoso para os clientes que têm dificuldade em visualizar as crenças espirituais e as práticas a partir de diversos pontos de vista. O terapeuta bem familiarizado com as tradições de seu cliente pode recomendar livros que o ajudem a abrir-se para vários níveis de significados em textos religiosos e ensinamentos. Nesse sentido, o cliente pode também escrever suas próprias orações, ou encontrar orações e meditações na sua tradição religiosa que o apoiem. O terapeuta precisa assegurar ao cliente que, apesar das mudanças da vida, algumas coisas

permanecem mesmo em meio à transformação, e o sagrado continuará a ser uma constante.

Muitas vezes, no entanto, pode ser necessário desafiar a rigidez espiritual de modo mais incisivo. Pargament ressalta que muitos terapeutas são relutantes em agir de modo assertivo na terapia, pois têm receio de interferir diretamente no modo que o cliente escolheu para viver sua vida. Ele lembra que até mesmo as habilidades terapêuticas mais básicas, como a escuta, a empatia e o reforço positivo podem influenciar o cliente. O desafio é encontrar um meio de confrontar seus clientes respeitando a autonomia e a responsabilidade sobre suas próprias vidas. É preciso compreender também, que os problemas espirituais podem ter consequências graves, especialmente quando o cliente adere rigidamente a extremismos. Tal como acontece com outras formas de tratamento, há momentos em que o desafio é um elemento necessário da terapia espiritual integrada.

Pargament apresenta algumas formas de desafiar o cliente. Apontar para a inconsistência espiritual é uma forma de desafio que estimula a flexibilidade. Oferecer alternativas de citações bíblicas é uma outra forma de desafiar a rigidez espiritual. Embora o cliente possa se sentir provocado ele entenderá que é a sua interpretação que está sendo questionada, e não a sua religião. O mais importante é que cada um desses desafios seja realizado de uma maneira que transmita respeito aos textos sagrados e ao compromisso espiritual do cliente.

Segundo Pargament, uma maneira de desafiar a rigidez espiritual merece especial consideração: o uso do humor. Ele diz:

(...) por humor, não me refiro a rir do cliente, da sua situação, ou da sua fé. (...) os terapeutas, que usam mal o humor, perderão a oportunidade de ganhos com o cliente. Se corretamente utilizado, o humor pode descontrair os clientes que parecem estar espiritualmente congelados e pode ser especialmente útil para desafiar as resistências espirituais do cliente, mas o bom humor cria possibilidades de mudança em situações aparentemente insolúveis, inclusive espirituais. (PARGAMENT, 2007, p. 304-305).

Sem um certo grau de flexibilidade espiritual o cliente não pode adaptar-se às mudanças dos tempos e das circunstâncias, não pode crescer na compreensão do sagrado e não pode ampliar e aprofundar seus caminhos

espirituais. Ajudá-lo a enfrentar a inflexibilidade espiritual é um elemento chave na psicoterapia espiritualmente integrada.

Um último grupo de problemas que deve ser abordado na terapia é o dos problemas de ajuste. Pargament considera algumas estratégias para melhorar o ajuste, com especial atenção para os problemas de conflitos espirituais entre o indivíduo e o sistema social. Os conflitos espirituais devem ser abordados de frente.

Eles devem ser explicitados ajudando na construção de um discernimento maior, promovendo a tolerância espiritual e explorando novos nichos.

Para realizar todo este trabalho, o psicólogo deve receber um preparo adequado, pois, assim como com as outras facetas da clínica psicológica, um bom processo terapêutico não ocorre sem um bom terapeuta.

2.4. A Espiritualidade na formação do psicólogo

Uma das razões que Pargament utiliza para justificar a necessidade de treinamento em Psicoterapia Espiritualmente Integrada é o fato de os clientes não se sentirem confortáveis para falar com os psicoterapeutas sobre espiritualidade por temerem não serem bem recebidos. Ele aponta algumas posturas frente à espiritualidade que os psicoterapeutas apresentam na clínica e que podem colaborar com esse desconforto aparente:

- *Viés espiritual*: tendência para manter visões estereotipadas sobre religião e espiritualidade.
- *Miopia espiritual*: dificuldade para enxergar os problemas espirituais, sua dimensão e suas possíveis soluções.
- *Timidez espiritual*: medo de abordar a espiritualidade na terapia com base na crença de que a espiritualidade deve ser separada da clínica psicológica.

- *Entusiasmo espiritual exacerbado*: tendência a ver a espiritualidade como a raiz de todos os problemas ou como a fonte de todas as soluções.
- *Intolerância à ambiguidade*: desejo de soluções simples e definitivas para problemas espiritualmente complexos.
- *Arrogância espiritual*: superestimação da própria capacidade como psicoterapeuta espiritualmente integrado, com base apenas na própria espiritualidade.

Pargament considera que duas posições gerais, fruto das acima citadas, são particularmente perigosas (PARGAMENT, 1997):

- A *intolerância espiritual*, revelada numa atitude de rejeição ou exclusivismo.
- A *ignorância espiritual* do terapeuta, entendida como falta de conhecimento.

A rejeição manifesta-se no modo de ver a espiritualidade como inerentemente problemática, como uma fonte de patologia que deve ser combatida, desencorajada e substituída por uma perspectiva mais saudável. A rejeição pode assumir várias formas na terapia, como a de um discurso claramente antagônico em relação à crença religiosa do cliente ou como uma desconsideração das suas experiências espirituais, considerando que são imaturas e deveriam ser substituídas por comportamentos mais adultos. A rejeição também pode se apresentar como uma insensibilidade ou recusa a levar as questões espirituais a sério. Ao assumir que as questões espirituais são expressões de problemas, muitos terapeutas mudam o foco da conversa, ignorando o tópico espiritual.

A postura de rejeição do psicoterapeuta pode levar a alguns problemas: a) negligenciar a espiritualidade do sujeito na psicoterapia; b) criar uma incompatibilidade terapêutica com os clientes que veem o mundo por uma lente espiritual e buscam terapeutas que respeitem suas crenças e seus valores básicos; c) desrespeitar a ética profissional, pois, segundo a American Psychological Association (APA), “os psicólogos [devem] respeitar os valores e as crenças espirituais e/ou religiosas dos clientes, incluindo atribuições e tabus,

já que eles afetam a visão de mundo, o funcionamento psicossocial, e as manifestações de sofrimento” (PARGAMENT, 2007, p. 46).

O exclusivismo, ou seja, a suposição de que há uma única verdade absoluta e uma única maneira de abordá-la, frequentemente está associada à *intolerância espiritual*. A perspectiva espiritual restrita dos exclusivistas pode levar o terapeuta a negligenciar fontes espirituais potencialmente valiosas para o cliente que tem uma orientação espiritual diferente da sua, falhando em respeitar perspectivas espirituais diversas e correndo o risco de impor a sua visão de mundo para o paciente.

Para Pargament o maior problema dos psicoterapeutas, no entanto, é a falta de conhecimento sobre espiritualidade. Considera que sem instrução e sem conhecimentos específicos muitos psicoterapeutas se encontram impossibilitados de entender a espiritualidade, por estarem desfamiliarizados com as pesquisas empíricas na área, desinformados a respeito dos caminhos e dos destinos espirituais; assim, desvalorizam as diferentes tradições religiosas e, portanto, tornam-se inaptos para avaliar e abordar a espiritualidade na psicoterapia.

Esse perfil, de um terapeuta cujo entendimento sobre a espiritualidade é raso, estreito e incoerente, é denominado por Pargament como o de um psicólogo espiritualmente desintegrado. Ele afirma que muitos psicólogos tentam separar a espiritualidade da terapia ou manter uma neutralidade terapêutica. No entanto, a separação e a neutralidade são impossíveis, particularmente no âmbito espiritual, porque a espiritualidade dialoga com os pressupostos mais fundamentais da vida, as crenças e os temas mais sagrados para o indivíduo. (PARGAMENT, 2007).

De forma consciente ou não, a espiritualidade do terapeuta permeia seu entendimento. A Psicoterapia Espiritualmente Integrada (PEI) que Pargament propõe explicita a importância da posição do terapeuta em relação à espiritualidade. Mais importante do que seu grau de integração espiritual pessoal é o seu nível de integração espiritual profissional, já que isso afetará diretamente o paciente.

A PEI fundamenta-se no conhecimento sobre a espiritualidade e na competência do terapeuta. Por mais preparado que o terapeuta possa estar na sua própria tradição espiritual, se ele quiser desenvolver a espiritualidade integrada à psicoterapia deve ir além da espiritualidade pessoal e construir uma perspectiva espiritual no âmbito profissional, ou seja, desenvolver a compreensão da religiosidade e da espiritualidade em um sentido mais amplo. Para chegar a essa compreensão o conhecimento espiritual, a abertura e a tolerância, o autoconhecimento e a autenticidade são qualidades essenciais. O conhecimento deve transcender qualquer conjunto de ensinamentos, crenças e práticas. A PEI envolve mais que o conhecimento sobre espiritualidade e sobre terapia: ela se baseia na sabedoria de conseguir agregá-los de forma a serem úteis ao processo terapêutico.

A abertura leva o terapeuta a expandir seu entendimento sobre a espiritualidade. Ela decorre da experiência pessoal, de leituras e de reflexão sobre o próprio trabalho clínico. Todo cliente tem o potencial de ensinar algo novo e valioso sobre espiritualidade ao terapeuta, e a disposição para aprender com o cliente é importante para a formação de um forte relacionamento terapêutico. (PARGAMENT, 2007).

Nesse processo, também é necessário ter tolerância frente às diversas manifestações espirituais existentes. O terapeuta deve ser capaz de transmitir respeito para com as várias maneiras de entender e de se relacionar com o sagrado. Isto não significa que ele deva aceitar todas as manifestações espirituais, pois algumas formas de espiritualidade podem ser claramente destrutivas para o cliente, e nesse caso ele precisará, então, confrontá-lo com alguns aspectos da sua espiritualidade. Nesse desafio é preciso mostrar sensibilidade e respeito pelos valores do paciente e pelo seu direito de escolha.

No atendimento psicológico o terapeuta encontra-se em uma posição de maior poder e autoridade do que seu cliente, e como resultado pode, conscientemente ou não, influenciar suas escolhas, restringindo a sua autonomia. Para evitar que isto aconteça é preciso que o terapeuta desenvolva o autoconhecimento espiritual, ou seja, o conhecimento de suas percepções e concepções de mundo espiritual, e que esteja atento à forma como elas podem

moldar o processo terapêutico. Pargament (1997) relata como a sua orientação espiritual está presente em todos os seus atendimentos:

Minha orientação espiritual, portanto, afeta minha prática clínica de psicologia e psicanálise. (...). Que nós somos a imagem e semelhança de Deus, que nós vivemos em um universo maior do que nós podemos compreender, que nós somos chamados para a coragem de ser, que nem o sofrimento nem o êxtase são sem propósito, que a construção de significado supera a felicidade ordinária – cada uma dessas crenças pessoais orienta o meu ato de sentar com a pessoa à minha frente [minha consulta]. (PARGAMENT, 1997, p. 176).

Para ele o autoconhecimento espiritual permite ao terapeuta identificar seus próprios valores, pontos fortes, vulnerabilidades, preconceitos e pontos cegos e, em última instância, reduz a probabilidade de coerção no tratamento e possibilita maior autenticidade na relação. A autenticidade consiste em poder compartilhar os entendimentos mais básicos sobre a vida em formas respeitadas para com o cliente. É uma autoexposição cuidadosa que promove e melhora o relacionamento clínico e cria condições para uma comunicação em níveis mais profundos, um dos elementos essenciais para o psicoterapeuta espiritualmente integrado.

O desenvolvimento do conhecimento espiritual, a abertura e a tolerância, o autoconhecimento e a autenticidade são imprescindíveis para o trabalho em Psicoterapia Espiritualmente Integrada. Para tanto, o preparo é essencial. Pargament coloca da seguinte maneira: “a formação é claramente necessária se os psicólogos objetivam cuidar da dimensão espiritual na psicoterapia com mais sabedoria, habilidade e sensibilidade. Como esta formação deve ser? Eu acredito que deva ter componentes formais e informais.” (PARGAMENT, 2007, p. 333).

Pargament coloca que não há um curso padrão que deva ser seguido pois a espiritualidade se expressa em um sem número de formas. (PARGAMENT, 2007). Mas o objetivo da formação é oferecer uma perspectiva conceitual e prática sobre a espiritualidade na psicoterapia. Atualmente alguns autores que trabalham com a formação de psicólogos, ao focar sua atenção nesta área, falam de competência, habilidade e atitudes esperadas (HATHAWAY, 2013).

Pargament dá sugestões em uma direção particular, falando de duas diretrizes para essa formação que denomina *preparo formal* e *preparo informal*. O *preparo formal* seria oferecido em centros de formação acadêmica por meio de algumas iniciativas, como as seguintes:

1. Seminários de pós-graduação em Psicologia da Religião e da Espiritualidade que apresentem aos alunos a literatura clássica e contemporânea, teórica e empírica sobre o tema.
2. Cursos de religiões comparadas que proporcionem conhecimento sobre a diversidade das tradições religiosas e suas crenças e práticas.
3. Cursos de psicoterapia espiritualmente integrada que ofereçam aos alunos maneiras de entender e avaliar a espiritualidade como uma fonte de problemas ou de soluções na psicoterapia.
4. Integração das questões espirituais nas aulas de psicopatologia, psicoterapia e psicodiagnóstico, tanto na pós-graduação quanto em supervisões e consultas.
5. Supervisão espiritualmente sensível de casos clínicos.
6. Educação contínua em espiritualidade, mantendo os psicoterapeutas atualizados em relação aos avanços na área.

Pargament ressalta que uma formação espiritualmente integrada exige mais do que conhecimento acadêmico. Os psicoterapeutas devem buscar uma “perspectiva integrada sobre espiritualidade”, o que implica abertura para várias possibilidades e caminhos e permite apreciar “a profundidade, riqueza e diversidade da espiritualidade; uma percepção do papel da espiritualidade na vida dos clientes, terapeutas, e no processo de terapia; e uma vontade de compartilhar a si mesmos autenticamente em terapia.” (PARGAMENT, 2007).

O preparo informal pode ocorrer de várias maneiras:

1. Participação em cultos de grupos religiosos diversos.
2. Exploração da literatura sagrada das grandes tradições religiosas.
3. Aproximação a líderes e membros de grupos religiosos para conversar sobre o papel que a comunidade religiosa desempenha em suas vidas.
4. Presença em rituais e cerimônias espirituais que explicitem os métodos de enfrentamento promovidos por membros de diferentes tradições religiosas.

Além desses pontos, devem ser adotadas todas as iniciativas que enriqueçam a experiência do psicólogo na área e o aproximem de pessoas que colaborem na abordagem dessas questões. Pargament justifica o contato mais próximo com as religiões da seguinte forma:

Faltando estes tipos de experiências diretas, os psicoterapeutas muitas vezes ficam imersos em desinformação e estereótipos espirituais. Felizmente, esses estereótipos podem ser corrigidos. O que é preciso é a coragem de deixar a segurança dos conceitos e experiências religiosas familiares (ou dos consultórios), e aventurar-se em novos e desconhecidos contextos religiosos, expressando um sincero interesse em aprender sobre a vida espiritual de seus participantes. (PARGAMENT, 2007, p. 335).

Um efeito do preparo informal é a autoconsciência, o autoconhecimento espiritual, para ele o antídoto mais eficaz contra os perigos da imposição espiritual aos clientes. Sugere que os terapeutas escrevam suas autobiografias espirituais, incluindo um genograma dessas histórias (PARGAMENT, 2007).

Com suas sugestões, Pargament procura viabilizar formas de aproximar os avanços nas pesquisas com o preparo dos psicólogos para o trabalho na clínica. O Quadro 1 é uma tentativa de resumir, para os fins desta dissertação, as ideias principais que apresentei sobre os aportes de Pargament relativos ao tema.

Quadro 1

1. IDEIAS PRINCIPAIS SOBRE O CLIENTE
<ul style="list-style-type: none">❖ <u>A Espiritualidade faz parte da vida dos clientes:</u><ul style="list-style-type: none">➤ O Âmbito do sagrado (destinos espirituais)<ul style="list-style-type: none">○ Núcleo (Deus, seres divinos e realidade transcendente)○ Campo [o <i>self</i>, os relacionamentos, o tempo e o espaço, e qualquer outro objeto ao qual se atribuem características sagradas (transcendência, infinitude e plenitude)]➤ A Dinâmica do sagrado (caminhos espirituais)<ul style="list-style-type: none">○ A Descoberta do sagrado○ A Conservação do sagrado

- *O caminho do conhecimento*
- *O caminho da ação*
- *O caminho dos relacionamentos*

- *O caminho da vivência*
- A Crise do sagrado (durante a qual existe a busca por):
 - *Elaborar ou construir um significado espiritual*
 - *Apoio espiritual*
 - *Conexão e purificação espiritual*
- A Transformação do sagrado (por meio de):
 - *Transições sagradas*
 - *Revisões do sagrado*
 - *Centralização do sagrado*
 - *Desligamento espiritual*

- ❖ **O cliente não deixa sua espiritualidade fora do consultório:** ao contrário, ele traz um contexto social, cultural e religioso amplo para a psicoterapia, que deve ser levado em conta.

- ❖ **As pessoas esperam uma ajuda sensível para o tema da espiritualidade.**

- ❖ **Os problemas espirituais** podem ser uma das causas de problemas psicológicos, e também os problemas psicológicos podem ser uma das causas de problemas espirituais.
 - **Problemas do âmbito do sagrado** (destinos)
 - Pequenos deuses (insuficiência) e Falsos deuses
 - Conflitos internos com o sagrado (ambivalência, autodegradação)
 - **Problemas da dinâmica do sagrado** (caminhos)
 - Problemas de amplitude e profundidade
 - Problemas de adequação (ajuste)
 - Problemas de continuidade e mudança

- ❖ **A espiritualidade pode ser uma fonte de soluções na terapia, ou pode tornar-se uma fonte de resistência a soluções na terapia.**

2. IDEIAS PRINCIPAIS SOBRE O PSICOTERAPEUTA

- ❖ **O psicoterapeuta não deixa sua espiritualidade fora do seu consultório.**

- ❖ **O psicoterapeuta varia em seu grau profissional de integração espiritual da seguinte forma:**
 - Viés espiritual
 - Miopia espiritual
 - Timidez espiritual
 - Entusiasmo espiritual exacerbado
 - Intolerância à ambiguidade
 - Arrogância espiritual
 - Ignorância espiritual (falta de conhecimento)
 - Intolerância espiritual (rejeição ou exclusivismo)

- ❖ **As competências e as habilidades necessárias por parte do terapeuta:**
 - Conhecimento espiritual
 - Abertura
 - Tolerância
 - Autoconhecimento
 - Autenticidade.

- ❖ **Na formação de psicólogos deve haver dois tipos de preparo para lidar com a espiritualidade:**
 - **Preparo formal** (dentro do âmbito acadêmico)
 - Seminários de pós-graduação em Psicologia da Religião e da Espiritualidade que apresentem a literatura sobre o tema
 - Cursos de religiões comparadas que proporcionem conhecimento sobre a diversidade das tradições religiosas
 - Cursos de psicoterapia espiritualmente integrada que ofereçam aos alunos maneiras de entender e avaliar a espiritualidade na psicoterapia

- Integração das questões espirituais nas aulas de psicopatologia e psicoterapia
- Supervisão espiritualmente sensível de casos clínicos
- Educação contínua em espiritualidade
- **Preparo Informal** (além do âmbito acadêmico)
 - Participação em cultos de grupos religiosos diversos
 - Exploração da literatura sagrada das grandes religiões
 - Aproximação a líderes e membros de grupos religiosos para conversar sobre o papel da comunidade religiosa em suas vidas
 - Presença em rituais e cerimônias espirituais que explicitem os métodos de enfrentamento promovidos por membros de diferentes tradições religiosas.

3. IDEIAS PRINCIPAIS SOBRE O PROCESSO DE ATENDIMENTO CLÍNICO

- ❖ **Há uma dimensão espiritual na psicoterapia:**
 - A espiritualidade do cliente e do terapeuta é afetada no tratamento, mesmo quando o sagrado não é um foco explícito de atenção
 - As mudanças psicológicas e as mudanças espirituais caminham juntas na psicoterapia
 - Qualquer modalidade de terapia pode ser enriquecida ao dar atenção mais explícita para a dimensão espiritual
- ❖ **A Psicoterapia Espiritualmente Integrada (PEI) é:**
 - Explícita
 - Psicoespiritual
 - Pluralística
 - Integrativa
 - Reconhece a existência de valores
- ❖ **As novas perspectivas e soluções sobre os problemas psicológicos que a PEI pode fornecer:**

- **A avaliação psicológica da espiritualidade**
 - Prepara o caminho para o diálogo sobre a espiritualidade
 - Realiza uma avaliação inicial sobre a espiritualidade
 - Realiza as avaliações implícita e explícita sobre a espiritualidade

- **O desenvolvimento e o fortalecimento dos recursos espirituais**
 - Adaptar os recursos a cada caso particular
 - Ter tempo e prática
 - Ter cuidado ao manusear os recursos espirituais
 - Trabalhar dentro do próprio limite pessoal e profissional
 - Estar alerta aos problemas espirituais que bloqueiam os recursos espirituais
 - Ajudar a identificar os anseios espirituais de cada cliente

- **A abordagem de problemas espirituais em terapia**
 - Começar pela abordagem menos intrusiva
 - Promover mais abertura e profundidade espiritual
 - Combater a rigidez espiritual
 - Contar com a possibilidade de utilização da biblioterapia
 - Utilizar a confrontação quando esta se fizer necessária
 - Utilizar o humor para promover a flexibilidade espiritual

Refletindo sobre as contribuições de Pargament, considerei que um passo inicial para pensar sobre a formação de psicólogo para atuar com questões de espiritualidade na psicoterapia seria compreender melhor como os alunos relacionam Psicologia e Espiritualidade. Considerei que um grupo temático permitiria alcançar inicialmente esse objetivo por favorecer o intercâmbio de vivências e facilitar a exposição das ideias e das experiências dos jovens sobre o tema.

A compreensão obtida permitirá refletir sobre as possibilidades de aproximar essas áreas nos cursos de graduação em Psicologia, visando à formação do psicólogo para lidar, em terapia, com as questões da espiritualidade.

3. PERCURSO DA PESQUISA

3.1. Objetivo

O objetivo da pesquisa foi compreender como alunas de um curso de Graduação em Psicologia que participaram de um grupo temático relacionam a Psicologia e a Espiritualidade, a fim de refletir sobre as possibilidades de aproximação entre essas áreas e contribuir para a formação do psicólogo.

3.2. Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (DENZIN *et al.*, 2006), que busca registrar as vivências das participantes de um grupo de reflexão temática, manifestadas verbalmente e por escrito. Alguns dos pressupostos da pesquisa qualitativa são que as vivências podem ser representadas discursivamente e manifestadas corporalmente e seus significados podem ser compreendidos pelo pesquisador. A investigação aqui desenvolvida contempla as seguintes características da pesquisa qualitativa:

- os dados são coletados no ambiente natural dos colaboradores;
- o próprio pesquisador coleta o material de pesquisa;
- são utilizados diferentes tipos de material;
- a análise focaliza os dados a partir das perspectivas do pesquisador e dos participantes;
- a interpretação dos dados busca uma visão global e integrada, com vistas a responder ao objetivo da pesquisa;
- a pesquisa visa o “como”, e não o “porque” da questão.

O grupo de reflexão temática foi adotado considerando que esses grupos são criados para refletir sobre assuntos específicos. Eles são compostos por um ou mais profissionais que conhecem o tema e por pessoas interessadas nele. O responsável pelo grupo deve desempenhar o papel de facilitador, auxiliando os colaboradores a manifestarem diferentes posições suscitadas pelo tema disparador, e estimular o diálogo, promovendo a socialização (ZIMERMAN, 1997).

O grupo foi coordenado por mim e teve a colaboração de um profissional que se ocupou das gravações.

O fato de que em grupos de reflexão temática organizados para fins de pesquisa os membros devem ter condições para o diálogo e para expressar suas posições norteou a escolha das colaboradoras (GILES, GOUGH *ET* PARKER, 2004).

3.3. Colaboradoras e local

As seis colaboradoras selecionadas eram alunas do último semestre do curso de Graduação em Psicologia oferecido por uma Instituição de Ensino Superior (IES), particular e confessional, situada na cidade de São Paulo: o Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Essa IES integra a Rede Adventista de Educação, ligada à Igreja Adventista do Sétimo Dia e mantida por ela.

O curso de Psicologia da UNASP é relativamente recente, existindo há 12 anos. O local foi escolhido por preencher as condições necessárias para a realização da pesquisa já que eu havia sido funcionário da instituição, no setor da pastoral estudantil, e também por apresentar um contexto aparentemente favorável à proposta da realização de um grupo temático sobre Psicologia e Espiritualidade.

Para Martinez (1994) a escolha dos colaboradores de uma pesquisa depende da natureza do conhecimento que se deseja alcançar. A opção por

alunas do último semestre deveu-se ao fato de estarem em um estágio de sua formação no qual já haviam estudado os conteúdos básicos da Psicologia e iniciado suas primeiras experiências de atendimento psicológico supervisionado. As participantes já haviam passado pelas práticas de triagem do sétimo semestre e, no oitavo, trataram de tópicos como conselho tutelar, psicodiagnóstico, psicoterapia breve, psicoterapia individual e familiar e psicologia hospitalar, entre outros.

O convite para os encontros e o esclarecimento quanto à natureza da atividade foram realizados na sala de aula do último semestre do curso de Psicologia, após a emissão do parecer devido pelo CEP/PUC-SP. Na apresentação falei sobre o objetivo da pesquisa e os procedimentos a serem utilizados, informando os cuidados éticos tomados. Os alunos interessados em participar anotaram seus nomes e e-mails em uma folha, para posterior contato e a oferta de mais detalhes.

Uma professora que ministrava certa disciplina, à qual todos atendiam, cedeu uma hora de aula para que os interessados que já houvessem realizado uma determinada atividade curricular pudessem participar do projeto; conseguimos uma sala ao lado da dela para realizar os encontros. Essa gentileza da colega docente possibilitou a realização dos encontros, pois havíamos enfrentado muitas dificuldades para conjugar os horários de todos os interessados, devido aos estágios e às atividades próprias do final do curso.

Cabe ressaltar que houve 12 alunos interessados em participar do grupo; no entanto, apenas 6 alunas puderam atender aos encontros, pela razão citada anteriormente. Assim, as 6 participantes foram selecionadas, considerando o interesse pelo tema, a motivação para participar da pesquisa e as contingências práticas para a participação.

Essa configuração de espaço e tempo para a realização dos encontros, apesar de em um primeiro momento ser percebida como limitante, posteriormente mostrou-se ideal, pois de certa forma colaborou para que realizássemos a atividade em um ambiente comum aos alunos, que remeteu, de certa forma, à situação que se desejou investigar: o tratamento da relação entre Psicologia e Espiritualidade justamente no contexto do ambiente de estudo das alunas.

A participação na pesquisa foi voluntária e foram respeitados os critérios de autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça. O direito à privacidade e à confidencialidade dos participantes está explicitado no TCLE, e é assegurado o uso dos materiais colhidos apenas para os objetivos declarados na pesquisa.

3.4. Procedimentos para a realização do grupo

O projeto desta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP – e obteve aprovação em 14 de abril de 2014, com o Protocolo No 628.103. Após essa aprovação foram realizados os contatos com os alunos e marcados a data e horário para o início dos encontros.

A equipe de pesquisa foi composta por duas pessoas: eu (Filipe, o pesquisador que conduziu o grupo) e a assistente (Josane), responsável por cuidar dos gravadores de voz durante os encontros.

Foram realizados quatro encontros semanais, de uma hora cada, em uma sala de aulas cedida pela instituição. O comportamento central foi o de abrir espaço para uma reflexão baseada em uma pergunta disparadora.

Os temas norteadores selecionados previamente para os encontros foram: o conceito de espiritualidade; o manejo da espiritualidade na psicoterapia; a formação do psicoterapeuta e a espiritualidade; e a própria espiritualidade. As perguntas disparadoras, decorrentes de cada tema, foram as seguintes:

1. O que é espiritualidade para você?
2. Você já se defrontou no atendimento com alguma questão relacionada à espiritualidade de seu cliente ou à sua própria espiritualidade? Como lidou com isso?
3. Como o assunto religiosidade e espiritualidade foi abordado na sua formação? Como você gostaria que ele fosse abordado?

4. Como o conhecimento da própria espiritualidade pode influenciar na sua atuação como psicólogo?

No último encontro foi solicitado aos membros do grupo que falassem sobre o significado dos encontros, incluindo o que foi marcante, e se consideravam que houvesse ocorrido algum efeito no seu modo de pensar sobre espiritualidade e psicoterapia. Em seguida, foram convidados a expressar por escrito as suas impressões, redigindo um relato em primeira pessoa a partir da seguinte questão: “O que esses encontros fizeram você pensar a respeito de sua própria espiritualidade e de sua atuação como psicólogo(a)?”

Todos os encontros foram gravados e transcritos. Os depoimentos individuais escritos no último encontro também foram utilizados para análise.

3.5. Procedimentos para a análise e a interpretação dos dados

Após os encontros fiz a transcrição integral do seu conteúdo. As transcrições foram enviadas às participantes para que pudessem lê-las, tomar conhecimento do conteúdo transcrito e sugerir adequações, caso sentissem necessidade. Em seguida fiz a síntese, com o propósito de ter uma melhor visibilidade das experiências compartilhadas pelo grupo e levantar as colocações significativas acerca do tema. Apresento no capítulo IV a síntese dos encontros.

A transcrição completa dos encontros na íntegra está sob os meus cuidados; entretanto, apresento em anexo a transcrição completa de um encontro e as considerações individuais a respeito do grupo redigidas em resposta à pergunta norteadora final.

Analisei o material a partir de uma perspectiva qualitativa. Como diz Maciel (2004):

O pesquisador é alguém que está disponível para se deixar fecundar mediante exaustiva busca interior, diálogos e trocas com outras

peças, especialistas ou envolvidas diretamente na experiência em foco (...) toda esta abertura dá origem a um conhecimento “compreensivo”, que se resolve em uma “exposição sistemática e definitiva” (MACIEL, 2004, p. 179).

Desta forma, inicialmente a leitura das transcrições dos relatos foi orientada pela procura de uma visão geral que tivesse por eixo o objetivo da pesquisa, sem um posicionamento teórico prévio.

Após as primeiras leituras das transcrições, selecionei 50 unidades de significado que foram agrupadas em 4 temas centrais, com 17 subtemas no total. Os significados que compõem cada subtema encontram-se em anexo. Apresento, a seguir, os temas e subtemas que resultaram da análise realizada.

Quadro 2

<p>1. Espiritualidade</p> <p>1.1 Espiritualidade como vivência</p> <p>1.2 Espiritualidade e Religiosidade</p> <p>1.3 Vivência pessoal da Espiritualidade</p> <p>1.4 Espiritualidade como dinâmica do sagrado</p> <p>2. Psicologia e Espiritualidade</p> <p>2.1 Psicologia e espiritualidade</p> <p>2.2 Psicologia como elemento de reforço espiritual</p> <p>2.3 Psicologia como elemento de questionamento espiritual</p> <p>2.4 Espiritualidade e Crise</p> <p>2.5 Dificuldade em conciliar a Psicologia e a Espiritualidade na vida pessoal</p> <p>3. Psicologia, Espiritualidade e Atendimento Clínico</p> <p>3.1 Espiritualidade do terapeuta e do cliente no atendimento</p> <p>3.2 Dificuldades em conversar sobre espiritualidade no atendimento</p> <p>3.3 Dificuldades para intervir em questões relacionadas à espiritualidade</p> <p>4. Formação do Psicólogo e a Espiritualidade</p> <p>4.1 Formação no curso de graduação</p> <p>4.2 Supervisão: experiências negativas e positivas</p> <p>4.3 A ausência de formação consistente na área da espiritualidade</p> <p>4.4 Habilidades a promover na formação do terapeuta sobre espiritualidade</p> <p>4.5 O Grupo como elemento facilitador para a formação sobre espiritualidade</p>
--

Posteriormente, a discussão dos temas e subtemas evocou as contribuições de Pargament. Por fim, os resultados obtidos a partir das análises e das interpretações foram considerados do ponto de vista da formação do psicólogo, apresentando a minha compreensão e suscitando outras questões acerca do assunto a serem desenvolvidas em trabalhos futuros.

3.6. Etapas

A pesquisa apresentou as seguintes etapas: levantamento bibliográfico e seleção das obras que constituíram a referência teórica da pesquisa; apresentação das relações entre a Psicologia e a Espiritualidade, enfocando a formação do psicólogo e a apresentação da obra de Kenneth Pargament; apresentação do objetivo da dissertação e detalhamento do percurso metodológico, incluindo a definição dos temas norteadores, a organização do grupo, a escolha dos colaboradores e o local das reuniões; descrição dos encontros de grupo realizados e do material levantado; preparação de uma síntese do material, sua análise, conclusão e discussão final.

4. SÍNTESE DO GRUPO TEMÁTICO: PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

A seguir apresento uma breve síntese dos encontros em forma de relatos, buscando transmitir ao leitor a sua dinâmica. Os relatos buscam conjugar três aspectos: a descrição de como foi cada encontro, as minhas percepções e citações das falas das participantes para indicar os momentos relevantes.

Lembro que qualquer síntese corre o risco de reduzir os conteúdos apresentados em função de pressupostos e tendências. Neste processo em busca da compreensão do fenômeno, por meio da leitura e da releitura do material, busquei manter uma abertura para dar lugar ao encontro com o vivido da maneira mais clara possível, procurando deixar em suspenso as minhas ideias e pressuposições.

4.1. Perfil das participantes

As participantes foram seis: Natália, Mônica, Ana, Júlia, Luiza e Talita. Os nomes e alguns dados foram alterados para respeitar a confidencialidade dos indivíduos. Todas são do sexo feminino, com entre 22 e 32 anos de idade, alunas do último semestre de Psicologia na mesma turma de uma Instituição de Ensino Superior. Citado no método, o convite para participar do grupo, e consequentemente da pesquisa, foi aberto; apesar disso, casualmente, todas elas apresentaram-se aos encontros como praticantes do Adventismo do Sétimo Dia. Essa é a mesma denominação religiosa do pesquisador e da mantenedora da instituição de ensino superior que frequentam; esta situação não foi planejada, mas foi tomada em conta no momento da análise e das considerações finais.

Foi-lhes pedido que dissessem seus nomes, suas origens e se tinham alguma afiliação ou prática religiosa. Elas se apresentaram da seguinte maneira:

1. Ana:

Tenho 22 anos, solteira, e sou natural de São Paulo. Adventista de sexta geração.

2. Júlia:

Meu nome é Júlia. Tenho 22 anos. Eu nasci no interior de São Paulo. Quando criança morei em Goiás, no Pará e, por fim, em Palmas, no Tocantins. Lugar de onde realmente me considero, ficamos lá treze anos. E atualmente estou em São Paulo novamente há cinco anos. É difícil falar de onde sou, pois penso que sou um pouco de cada, pouco de São Paulo, pouco de Goiânia, bastante do Pará e muito tocantinense, rsrs (...) Sou solteira e Adventista do Sétimo Dia. Ah... não sou filha de pastor (risos), pelo histórico de mudanças... Eu e minha mãe somos as únicas adventista de uma família católica.

3. Luiza:

Tenho 22 anos, faço 23 anos dia 2 de janeiro, meu presente, heim (risos). Nasci no interior de São Paulo e com 12 anos fui para Engenheiro Coelho –SP. Minha mãe e meus irmãos moram lá até hoje, mas meu pai mora aqui em São Paulo, e eu não tenho casa, nem emprego (risos). Sou solteira e adventista.

4. Natália:

Tenho 25 anos, nasci no Pará, sou solteira, pelo menos até o início de janeiro (risos), depois estarei casada, e sou Adventista do Sétimo Dia "de berço".

5. Mônica:

Eu sou a Mônica, sou descendente de japoneses, tenho 22 anos, nasci no interior de São Paulo, mas fui criada no interior do Paraná, então me considero paranaense. Sou casada e adventista. [Casou-se no período da pesquisa].

6. Talita:

Eu sou a Talita, sou maranhense, solteira, 32 anos e adventista.

Este foi o grupo de estudantes de Psicologia que participou da pesquisa. Apesar de uma aparente homogeneidade nos aspectos religioso e etário, a diversidade de experiências e matizes de opinião foi suficiente para enriquecer o trabalho. Todas elas assistiram aos quatro encontros realizados.

4.2. Síntese dos encontros

4.2.1. Síntese do primeiro encontro

No horário combinado, apresentei-me com minha assistente na sala designada para o encontro. A meu pedido as cadeiras foram posicionadas em forma de círculo, com lugar para oito pessoas.

Todas as participantes chegaram pontualmente e, após apresentar-me e à minha assistente solicitei que cada uma das colaboradoras se apresentasse.

Após as explicações, os agradecimentos iniciais e a assinatura do termo de consentimento por cada uma delas, iniciamos o diálogo comentando que apresentamos uma temática inicial para cada encontro e que haveria espaço para a exposição livre de opiniões e percepções que enriquecessem a vivência do grupo.

Apresentei a seguinte questão: “O que é espiritualidade para vocês?” Inicialmente surgiram dois tipos de respostas, ainda tímidas, sobre o assunto:

É nossa relação com Deus (...) o conhecimento, a vivência, a experiência de vida, aquilo que eu acredito, que envolve os meus princípios, aquilo que aprendi sobre Deus através da Bíblia, é essa comunicação com Ele. (Talita).

Essa visão mais específica sobre espiritualidade foi ampliada com a que veio a seguir:

Eu já acho que espiritualidade está relacionada com a vivência, com a experiência que pode ser com Deus ou qualquer outro aspecto que possa transcender ao indivíduo, no sentido que exista algo fora de você mesmo, que você não pode controlar (...) muda de pessoa para pessoa. (Natália).

Conversamos sobre as diferenças entre religiosidade e espiritualidade. Elas comentaram que recentemente haviam indagado uma professora sobre o assunto, e demonstraram estar parcialmente convencidas sobre essas diferenças. Aparentemente reproduziram as explicações recebidas, dizendo:

A religiosidade está muito ligada à filiação a uma comunidade religiosa com uma série de princípios, é muitas vezes institucionalizado. E a espiritualidade você não precisa estar institucionalizado para ter aquela vivência de espiritual. (Natália).

Houve também uma observação sobre o uso comercial das religiões:

Agora existe uma diferença entre o que estamos falando de espiritualidade e o que a sociedade vê como espiritualidade, pois há outros interesses envolvidos: a religião virou um comércio, e as pessoas compram essa espiritualidade e acabam não vivenciando isso. (Natália)

Ao perguntarmos por aspectos da vida que podem exemplificar a expressão da espiritualidade além do âmbito especificamente religioso a dança foi citada como exemplo:

Vi uma apresentação de dança [não especificou qual] e como aquelas pessoas se comportam e falam dessa questão de extensão (...) a dança, na experiência que eles vivenciam, é o que os completa (...) como eles colocam como expressão de sagrado, aquilo os satisfaz. (Júlia).

Eu tenho uma amiga que gosta de dança circular (...) algumas pessoas estão lá só pelo movimento, outras acreditam na interação com a terra, o ar e o fogo através do corpo nos movimentos, achei interessante (...) muitas pessoas se relacionam com esse objeto como sagrado, com objetivo religioso. (Natália).

Quando perguntei sobre a origem dos conceitos sobre a espiritualidade que elas apresentaram, ouvi as primeiras reações relativas à formação na graduação: “Isso não é muito colocado (...)” (Mônica). Frases como essa foram recorrentes ao adentrarmos em assuntos de definições e explicações psicológicas sobre as dimensões espiritual e religiosa:

Eu acho que temos uma ideia do que os autores falam a respeito disso, mais falta na faculdade (...). Temos dificuldade porque alguns professores colocam a religião como racionalização e às vezes é. Sei que os teóricos falam, mas não me dediquei a estudar (...). (Natália).

Um dos momentos de bastante interação entre as participantes foi quando se discutiu a questão de como se desenvolve o sagrado – se o indivíduo é que decide o que é sagrado para si ou o sagrado já existe a priori. “Eu torno sagrado, eu escolho acreditar (...). Até porque se formos pensar que nós fazemos isso, então somos nós que fazemos de Deus um ser sagrado.” (Mônica). Júlia apresentou uma vivência pessoal para dizer como entende esse aspecto:

(...) eu tenho algo comigo, que acho que exemplifique isso(...) na correria de tudo, eu tenho particularmente a vontade de ver séries [programas de entretenimento] (...), me faz bem. Mas tem uma coisa muito particular, aquele momento é meu (...) enquanto estou vendo, gosto de ver sozinha. (Júlia).

Natália buscou em seu repertório religioso uma análise sobre o assunto:

Algo interessante é que dentro da nossa própria crença (adventista), nosso Deus admite que podemos colocar outras coisas no lugar sagrado: não colocarás outros deuses diante de mim, diz a Bíblia. Ele mesmo deixa claro que é possível que isso ocorra, que você santifique outras coisas. (Natália).

Discutimos sobre os lugares considerados sagrados e como são vivenciados. E, assim, as reflexões relativas à atuação na clínica surgiram naturalmente em cada questionamento, como a seguinte:

como psicóloga preciso entender que cada um tem a sua verdade, que o ser humano acredita num Ser superior, e elas investem em formas de relacionar-se com Ele, mas elas vivenciam a experiência da eternidade também, procriando, escrevendo um livro, é a maneira pra ficar eternizado, por meio da família que vai se perpetuando. Pode ser ruim mas pode não ser, assim como algumas pessoas vivenciam Deus de uma maneira especial, dentro da clínica, precisamos ter outra posição, às vezes é difícil tocar nisso, não sei explicar como(...)mas é difícil colocar na clínica de que aquilo está fazendo mal pra eles porque é um tema delicado de ser conversado (...). (Natália).

Falou-se sobre a dinâmica do que se considera sagrado, situações de crise em que a espiritualidade pode surgir e o valor desse assunto na clínica: “Você pode vir a negar o sagrado (...) como um pai quando perde o filho. Ele pode se sentir desamparado (...); é uma crise, que pode ser espiritual também.” (Natália). Houve colocações sobre aspectos positivos da crise espiritual:

Ela [a crise] tem um aspecto positivo porque te permite avaliar o quanto isso é seu e quanto é do outro. Nós não compartilhamos muito isso(...); sempre tentamos fixar nossas ideias em grupos e acabamos agregando essa ideia ao nosso repertório individual. Mas essas crises ajudam a questionar o que é meu, em que eu acredito, o que está me satisfazendo etc. Acho que é benéfico neste sentido(...). (Júlia).

Sobre as dificuldades iniciais nos atendimentos, elas expressaram:

É difícil de colocar na clínica que a crença daquela pessoa está fazendo mal a ela, quando existe uma norma implícita que diz que devemos respeitar a religião daquela pessoa acima de tudo, aí o assunto fica meio intocável (...). (Natália).

Referindo-se a uma jovem que vivia um conflito entre sua religiosidade e seus desejos, Natália disse: “Acho que ela já traz o conflito dela; a questão é você ouvir e devolver pra ela; a pessoa vai ter que escolher, vai ter que pesar o que é mais importante, nós não podemos dizer, e eu também não conheço nenhuma técnica (...) (todos riem)”. No final dialogamos sobre essa dificuldade de compreender a espiritualidade na clínica psicológica e como abordá-la.

Posso dizer que o primeiro encontro foi positivo. Houve uma participação mais intensa de duas das participantes, mas todas demonstraram envolvimento e interesse no diálogo. Houve expressões de vivências pessoais voltadas à religiosidade, questionamentos referentes à formação em Psicologia e tentativas de compreender como trabalhar com religião e espiritualidade na clínica. Notei, ao final do encontro, que havia uma boa adesão à proposta de participar do grupo.

4.2.2. Síntese do segundo encontro

No horário combinado chegaram quatro participantes: Talita, Julia, Natalia e Luiza. Foram chegando e de forma natural começaram a conversar sobre o tema. Foi quando ouvi duas perguntas dirigidas a mim que me chamaram muito a atenção e que denotavam interesse em alguns aspectos do tema: “Você não acredita que é necessária a formulação de uma Psicologia Adventista, ou uma teoria psicológica cristã para adventistas?” (Talita). Essa pergunta me tomou de surpresa e respondi brevemente com minha opinião pessoal.

Surgiu também outra pergunta relativa à minha atuação profissional. “Você não acha mais difícil ser pastor e psicólogo na clínica?” (Júlia). Expliquei que não atuo como psicólogo clínico no momento e comentei que temos de lidar com as expectativas criadas pelos pacientes e ao mesmo tempo com as nossas próprias expectativas no setting terapêutico. Natalia disse:

Ou mesmo pela idade, as pessoas têm uma expectativa diferente. Você disse isso e me lembrei que a Mônica foi atender e ela percebeu que a paciente que teve problema no relacionamento teve uma atitude totalmente inusitada quando viu que ela estava com a aliança de noivado(...); então, qualquer coisa pode provocar uma resposta inusitada. Qualquer coisa pode provocar uma expectativa ou frustração, mas aquilo do fato de ser pastor foi o que eu disse mesmo, aqui onde estudamos as pessoas vêm procurando uma resposta também em relação à religião. (Natália).

Aproveitando o assunto perguntei sobre a relação entre a espiritualidade ou a religião do terapeuta e do cliente:

Eu já me fiz essa pergunta, porque varias pessoas perguntaram a mesma coisa: o seu psicólogo tem que ser da sua religião ou não importa? Eu tenho duas respostas que não consegui definir qual aceito mais. Ao mesmo tempo tem o aspecto bom, que como terapeuta você teria maior facilidade para compreender a linguagem e a cultura religiosa do paciente, mas um outro aspecto seria o ruim (...), por exemplo: uma colega psicóloga disse que teve dificuldade em iniciar a carreira porque onde estava havia muitos cristãos da mesma denominação que ela e eles tinham um pré-julgamento dela e não a procuravam com medo de ela julgar religiosamente suas questões de conflito. O fato para mim é que o bom profissional, cristão ou não, vai exercer o trabalho dele satisfatoriamente. (Júlia).

Falaram também de suas experiências como pacientes em psicoterapia:

Fiz terapia até o semestre passado e meu terapeuta é da mesma religião que eu; eu não sabia à princípio, mas depois de umas sessões eu percebi(...) e vou ser sincera, me senti bem melhor, sabendo que ele era da mesma religião, até porque já conhece e já sabe, até porque agente já conhece e já sabe da opinião do outro em geral(...). (Talita).

A questão espiritual, enquanto terapeuta(...), pra mim, a religião é pessoal, pra mim não importa a religião do terapeuta, o que vem primeiro pra mim é a minha concepção da parte espiritual. (Júlia).

Talita contou que uma psicoterapeuta fez uma intervenção contrária aos valores religiosos de seu paciente, o que fez com que ele desistisse do atendimento. Natalia e Luiza comentaram:

(...) mais do que uma questão religiosa, está em jogo, você questionar uma escolha do paciente. Não cabe ao psicólogo induzir e sim, talvez, compreender melhor as razões do paciente para depois acompanhá-lo nesta escolha (...). (Natália).

Eu acho que o terapeuta tinha que tentar entender mais os motivos do paciente, em todos os aspectos (...). (Luiza).

Mostrando novamente a dificuldade que sentem para falar sobre isso na clínica, Natália disse:

É difícil tocar em alguns assuntos às vezes sem desrespeitar as questões do paciente (...), mas acho que a religiosidade e a espiritualidade, não é que elas sejam contrárias às questões da Psicologia, mas elas se expressam de maneira que às vezes é difícil compreender melhor as questões pessoais do paciente (...). (Natália).

Comentando um atendimento no qual surgiu de modo muito intenso a questão de religião por parte do paciente, Júlia disse:

(...) para agir diante daquilo era difícil, e eu pensava: o que eu tenho que fazer? Será que eu estou plantando questões religiosas ou ele está trazendo isso? Dava muito trabalho e exigia um pouco de atenção separar o que ele estava trazendo e minhas impressões(...). (Júlia).

Essa colocação levou a discussão da questão da neutralidade e houve grande interesse das participantes que demonstraram dificuldade em assumir um posicionamento definitivo sobre o assunto. Enquanto algumas defendiam a necessidade da neutralidade, outras, como Talita, se posicionaram seguramente contra essa necessidade:

Me desculpe, mas eu não acredito na neutralidade total de Psicologia, e eu tive essa experiência com o que não era e o que era adventista. Por isso quando você falou deste tema de pesquisa eu fiquei muito interessada, eu achei importante participar, e também já ouvi de pessoas adventistas, não somente deste meu amigo de Barreiras, como de outros também que já tiveram essa experiência, e outros falando assim: que bom que hoje também temos adventistas que vão ser psicólogos. (Talita).

Nesse momento chegaram Mônica e Ana e considerei ser importante incluí-las na discussão. Sintetizei o que havíamos conversado até então e retomei dizendo que a pergunta norteadora daquele dia estava relacionada ao início da prática clínica como terapeutas. A pergunta tinha sido: “Você já se defrontou no atendimento com alguma questão relacionada à espiritualidade do seu cliente, ou a sua própria espiritualidade, e como lidou com isso?” Era o que estávamos discutindo:

Natalia e Julia comentaram:

“Às vezes você não precisa nem tocar no assunto da religião, o que aparece mais é o medo e a vulnerabilidade dele como pessoa(...)Querendo ou não, agente precisa trabalhar o paciente, não tem que trabalhar a dimensão da crença que ele escolheu ter, mas como essas crenças tocam o paciente(...). (Natália).
E ver aquilo que o paciente traz, porque na verdade, o que eu entendo do que ele estava me trazendo era a dúvida do que ele deveria fazer ou não(...); enquanto psicólogos somos auxiliares, agente vê as outras questões de fundo, mas não cabe a mim naquele momento se ele não permitisse ter aquela discussão [aspecto religioso]. (Júlia).

A discussão encaminhou-se para o porquê de não se abordar a questão especificamente com uma linguagem direta, relacionada à espiritualidade:

É complicado porque nós temos medo de que nossas próprias crenças estejam influenciando o que formos tocar, por mais que aqui se esteja trazendo a forma como vamos lidar com isso dá um certo medo. Por vezes eu penso: poxa, será que eu estou sendo tendenciosa para minha crença, minha religião – então algo que realmente agente acaba fazendo é fugir para o teoricamente essencial e, pensando, não vou tocar nisso justamente porque bate com o que eu creio ou não(...). (Ana).
Por mais que tenhamos isso claro na prática, pra mim, quando se está ali na clínica, eu penso (...) essas coisas, colidem porque são bem pessoais, e separar mentalmente e dizer, isso aqui é espiritual,

não é fácil ter essa organização, e penso, por outro lado, eu poderia pegar um outro caminho que é mais fácil ou conhecido. (Júlia).
Tem paciente como o que eu estou atendendo agora, que o assunto não surgiu, pouquíssimas vezes surgiu algo de religião, mais é algo que eu penso e torço, tomara que não apareça! [Todos riem].Eu não sei o que fazer (...). (Júlia).

Natália então pediu a palavra e compartilhou um atendimento:

Foi um paciente que eu me senti totalmente abandonada na clinica, e na supervisão totalmente perdida, e o nome era de um personagem da bíblia que tem uma experiência relacionada à sexualidade, e o paciente traz uma experiência que eu fiquei perdida nesse atendimento (...). Ele trazia muito forte a questão religiosa, tudo o que ele trazia era envolvida com a religião e sexo, ele trazia desejos sexuais por outras mulheres (...).

Em meio a este relato as colaboradoras fizeram observações relativas à supervisão clínica na graduação: “(...) só abrindo o espaço e complementando, porque a Natália falou sobre os professores, porque não temos supervisões que nos digam algo sobre esses assuntos (...)” (Júlia); “Eles fazem um silêncio sepulcral (...)” (Natália); “Não só os professores aqui, mas qualquer outro profissional (...)” (Júlia).

Natália seguiu apresentando o caso no qual teve dificuldades, compartilhou a intervenção que fez sobre o conteúdo religioso que o paciente trazia:

Toda semana ele trazia esse conflito interno relativo à sexualidade, justificando-o de forma religiosa, e parecia que o paciente estava me ensinando a sua doutrina. Por sua vez, minha supervisão era sempre um silêncio, e eu não sabia mais o que fazer. Então certo dia que ele ficou falando, que não tem escolha, não tem escolha, que é o destino dele, e eu lhe confrontei dizendo: como você tem uma crença muito fundamentada na Bíblia o que você acredita sobre a historia de Adão e Eva? Porque eles fizeram uma escolha, e a consequência veio sobre suas decisões (...)

Natalia disse que o paciente ficou pensativo e retomou o assunto na sessão seguinte, reconhecendo que realmente havia uma possibilidade de escolha em sua situação. No entanto, apesar de não ver prejuízos ao atendimento, ela se sente insegura frente à sua intervenção:

Porque eu compreendi que eu fiz errado (...) porque eu falei isso não somente para ajudá-lo, mas porque eu não aguentava mais ele dizendo que não tinha escolha e aí eu sinto que a minha crença entrou (...) porque eu quis colocar a minha crença de que você tem escolha, a Bíblia diz que você tem escolha e que as consequências vêm (...). Olhando pela questão dele, o nosso vínculo não se quebrou, ele compreendeu o que eu disse, disse o que ele pensava sobre o que eu lhe disse, e aí ele ficou assim, pensando e dizendo – ah, eu

sei que tenho escolha, que eu tenho – aí ele se colocou como participante da vida dele, mas não como uma continuação dos erros do pai. (Natália).

Eu fui morrendo de medo levar isso para a supervisão. porque eu achei que ia reprovar, e aí eu ouvi um outro silêncio(...)eu perguntei:“eu fiz errado ou certo? “A resposta foi: “agente não tem como saber, tem que esperar para ver o que o paciente vai trazer”; ou seja, não foi nada (...). (Natália).

O relato da Natália incentivou outras colaboradoras a apresentarem seus casos clínicos e reflexões pessoais.

Eu estava pensando, como é tão conflituoso esse assunto da religião (...) e porque agente, enquanto psicólogo, é tão aconselhável fazermos terapia. Porque vamos supor que o paciente estava falando sobre a relação dele com a esposa e você está casada, quando o paciente toca naquele ponto que justamente você está passando na sua vida pessoal e você impacientemente passa um conteúdo seu, não respeitando o tempo do paciente, e você coloca uma questão para ele que na verdade é para você(...) agente acha normal pensar nisso em outros aspectos, mas quando parte para o aspecto espiritual ficamos numa angústia muito grande porque é algo que a gente não consegue entender tudo (...). (Júlia).

Uma vez eu estava fazendo triagem e a paciente que chegou trazia muito o assunto de religião, e ela havia sido infiel ao marido, era bem religiosa, ela traía, não tinha mais casamento nenhum, ela se culpava muito por isso, ela falava que estava errada, culpava a religião, a Bíblia, culpava ela, culpava a todos, daí a professora falou para perguntar até onde a religião dela estava fazendo bem pra ela? E foi bom, ela foi a única que pontuou isso em supervisão (...). (Luiza).

Quando comentávamos questões relativas ao atendimento de Natália e possíveis sugestões o tempo se esgotou. O encontro foi curto para a apresentação de todas as vivências das participantes e combinamos continuar na semana seguinte. As alunas saíram visivelmente envolvidas e empolgadas com a discussão e o grupo estava à vontade.

4.2.3. Síntese do terceiro encontro

No terceiro encontro o grupo aparentou estar ainda mais à vontade em comparação com os encontros anteriores e todas as colaboradoras estavam presentes desde o início. Após algumas explicações referentes ao andamento do grupo, devido a um feriado, marcamos a data do último encontro. Falamos

que continuaríamos a falar sobre a prática clínica e Talita se prontificou a compartilhar seu atendimento.

Talita relatou o caso de uma paciente que trouxe um forte conteúdo religioso:

Estive atendendo uma mãe que relatava angústia por não saber como lidar com a escolha homossexual do filho. Trazia conflitos internos, expressos em frases religiosas como: “Deus não aprova isso. É pecado o que ele faz” etc. E sempre falando de Deus. Meu supervisor me orientou para falar com ela perguntando: se Deus é amor como ele agiria nessa situação como seu filho? Pois ela havia dito que Deus era amor, e foi quando fiz a intervenção recomendada. Na semana seguinte ela retomou aquele momento dizendo: “você lembra daquele momento que você disse que Deus é amor e respeita a privacidade de cada um. Eu pensei nisso...”. E relatou que havia decidido respeitar a escolha do filho e conversou com o ele sobre isso.

Eu achei interessante como isso esteve relacionado com a espiritualidade. Depois que ela percebeu esse amor que acreditava sobre Deus, e decidiu conversar com ele, percebeu que independentemente de tudo isso o amor estava acima, e eles conseguiram entrar em harmonia (...).

Discutimos os posicionamentos da Talita como terapeuta, falamos sobre a dificuldade de lidar com a temática trazida, referente à orientação sexual do filho da paciente, as suas crenças religiosas e ao apoio provido pelo supervisor para o atendimento. Segundo Talita, as colocações do supervisor proporcionaram alívio e confiança para seguir satisfatoriamente com o cliente.

Lembro que na primeira vez eu até fiquei preocupada e pensei, como vou levar isso à supervisão, mas depois que conversamos tranquilamente sobre o assunto e nas vezes seguintes tornou-se um algo normal, e ele [supervisor] não criticou, então me senti bem. E depois passou, fez parte mas não apareceu mais depois. E seguimos em frente com outros temas. (Talita).

Voltamos ao pouco espaço dado ao tema durante a graduação:

Na verdade estamos tendo agora mais supervisões, e ao mesmo tempo vendo a logoterapia, que pelo que vimos dá uma abertura mais a ela, mas tem essa questão de estarmos envolvidos em uma comunidade religiosa, então existem esses temas, como o divórcio e a sexualidade, que apresentam esse conflito religioso-emocional latente. Estamos conversando sobre esses assuntos. (Mônica)

Logo em seguida Mônica e Ana relataram o atendimento de uma mãe e de uma filha, que eram atendidas separadamente por elas. A mãe falava de um conflito relacionado a um possível divórcio, permeado por questões de violência familiar e pelo conceito do casamento como algo sagrado. Discutimos este atendimento e notamos a tendência, tanto dos supervisores quanto dos

próprios alunos, de abordar outras questões, supostamente mais essenciais, quando o assunto religioso ou espiritual surgia. Pressupunham que o trabalho com os aspectos psicológicos resolveria as questões espirituais, consideradas secundárias.

É porque agente não está colocando realmente o foco no fato dela falar que Deus vai ajudar...estamos enfatizando o bem-estar e segurança dela e da filha, e realmente acabamos excluindo essa parte. Nós conhecemos, sabemos da importância, mas se podemos focar nessa parte física, no caso, o cuidado dela, ela ter de proteger-se, acabamos não comentando isso (...). (Mônica).

A nossa supervisora se ateve também à questão da segurança e ela também acabou excluindo essa parte, e acabamos ignorando a crença, que é importante para ela. (Mônica).

Agente se sente mais segura(...)para não falar algo errado e a professora ficar bem brava. (Natália).

Falou-se então da necessidade de auto-avaliação do terapeuta e sobre o fato de que a neutralidade, muitas vezes almejada, não ocorre tão facilmente.

Eu fiquei pensando a tendência que eu tenho. Porque nós acabamos seguindo os professores, e eu vejo mais como uma maneira que a pessoa enfrenta todos os desejos. (Júlia).

Acho que quando agente se sente desconfortável com uma situação acabamos tentando ficar neutros, mas ser neutro não é mais neutro, porque se fosse qualquer outra situação agente encararia, mas ser neutro nisso já acaba sendo fugir, porque aquilo vai de encontro com nossas crenças também. Agente acaba não concordando e pensando: mas não é assim que eu acredito, mas é assim que ele acredita. Então não vou tocar nisso, mas vou ficar neutro(...). (Luiza).

Natalia e Mônica trouxeram outros aspectos do diálogo sobre neutralidade:

Tem a questão da gente não concordar, e ficar como elas falaram, neutra (...) e tem a questão de identificar-nos com os mesmos conflitos, pois a minha crença também esbarra em minhas decisões, e então tem aquelas questões que o paciente traz que para você está muito nítido que concorda ou não e tem também aquelas questões que você fica extremamente identificada e isso também traz um conflito. Então acabamos trazendo para aquele espaço os seus conflitos em relação ao sagrado e as vezes isso trava. (Natalia).

E também se vem alguém e diz que quer assumir um comportamento ou ideia que está claramente contrária a seus valores o que você faz? Isso vai contra o que eu acredito, mas ele é o paciente isso é importante para ele, mas eu estaria indo contra meus princípios (Mônica).

Julia respondeu brevemente, com humor, dizendo: “Encaminha (...) [risos]. Natalia continuou, e diz:

Eu entendo que não estaria indo contra os meus princípios se o acompanho em sua decisão. Se eu estou caminhando junto com ele em sua decisão não estou decidindo por ele. E na minha crença Deus

deu o livre arbítrio para o ser humano decidir da maneira que ele quiser, então para fazer como Deus eu não posso deixar de acompanhar nessa escolha. (Natália).

Mas você acaba ajudando ele a escolher (...). Eu encaminharia porque eu preferiria não me ariscar. (Mônica).

Isso entra no que já estava sendo discutido sobre as crenças. Essas são as nossas crenças. Eu poderia questionar, sim, se fôssemos ter um peso decisivo na decisão do paciente. E não somente nesse assunto. Hoje eu encaminharia essa questão por não saber de fato se eu conseguiria lidar com ela. Eu manteria a neutralidade. (Júlia).

Se for interferir no tratamento sem dúvidas o melhor é encaminhar. Mas a pergunta que eu ainda tenho é essa: até que ponto é uma questão profissional e até que ponto é uma questão extremamente pessoal. (Natália).

“Em nossa profissão”, disse Natália, o tratamento da religião “está bagunçadíssimo, mesmo no código de ética; enfim, é uma questão que está ainda em construção”.

A partir dos questionamentos referentes ao posicionamento frente a uma situação do paciente que de alguma maneira toque a espiritualidade de ambos, dialogamos um pouco sobre o que seria necessário na formação de um terapeuta para lidar com isso. Iniciamos discutindo sobre possíveis atitudes negativas dos terapeutas ao abordar esse assunto na clínica e houve várias respostas breves, dentre elas as seguintes: “Impor” (Talita); “Negar” (Mônica); “Fugir” (Júlia); “Que é o que mais fazemos (...)” (Natália).

Prosseguimos conversando, agora no sentido contrário: como se posicionar frente à espiritualidade como psicóloga clínica e que qualidades isso poderia ter?

“Saber questionar. Porque quando o assunto vem a gente não questiona e de repente, se fosse um outro assunto, nós nos interessaríamos mais; então nossa posição deveria ser de mais interesse. (Júlia).

Considerar isso como uma parte integrante e importante da vida de uma pessoa. Diante de tudo que a gente aprendeu aqui, eu acredito que seja um terapeuta que sabe reconhecer dentro da crença dele o que é sagrado o que desenvolve a sua espiritualidade de maneira sadia e consciente, acredito que esse seja o primeiro passo. (Natália).

O que eu acho é que se deve respeitar a pessoa e o sofrimento que ela está trazendo diante de nós em terapia, porque não respeitamos se de repente mudamos de assunto para não entrar nele. (Talita).

O conhecimento também. Porque o questionar faz com que conheça a visão e se colocar no lugar dela para que você possa criar empatia pelo paciente. Nós estamos falando muito no âmbito evangélico, mas no mundo todo existem muitas outras denominações e visão de mundo que a gente desconhece. Por isso a importância de fazer esses questionamentos para saber a visão de mundo dele. Pesquisar. (Ana).

Nós deveríamos realmente ouvir o paciente e ter uma boa escuta do que ele está falando, porque se de fato você não escuta você não entende o que ele quer te passar e assim você perde um ponto importante. E depois, quando estamos fazendo o relatório, percebemos que ele falou o fato importante, mas que nós não demos atenção ao que o paciente falou. (Mônica).

Eu acho que quando nós recebemos esses tipos de informações imediatamente nós nos deparamos com as nossas crenças e em seguida nossas atitudes vão ser de acordo com essa circunstância. E isso que é perigoso. Por isso eu considero que temos que estar bem com o nosso sagrado para que isso não influencie nessas circunstâncias. (Natália).

Houve comentários sobre vivências pessoais na graduação e dificuldades de encontrar espaço para falar sobre o assunto em sala de aula.

Então eu fiquei curiosa para saber do espírito que a paciente dizia ver atrás da terapeuta, mas a professora advertiu que quando acontecer essa situação é para falar para a paciente que aquele não é o momento e que não é para comentar sobre isso. Mas fiquei curiosa em entender isso psicologicamente e não houve espaço para falar (...). (Júlia).

Ao final, aproveitando alguns comentários referentes ao autoconhecimento do terapeuta como positivo, propus a atividade a ser realizada em casa antes do último encontro: a execução de um genograma ou um relato autobiográfico que sinalizasse questões espirituais de sua família e de si mesmo. Pedi que o trouxessem para o último encontro, quando abríamos espaço para quem desejasse falar sobre sua perspectiva e trajetória espiritual. As alunas, apesar de no início mostrarem alguma dúvida sobre a maneira de realizar a atividade, demonstraram desejo e curiosidade para fazê-lo. Assim, terminamos o terceiro encontro e despedimos ao grupo.

4.2.4. Síntese do quarto encontro

No quarto e último encontro o grupo estava bem descontraído, porém preocupado com questões relativas ao encerramento do semestre letivo e a uma reunião de estágio que teriam após o encontro. Iniciei agradecendo novamente a disposição que todas mostraram ao participar do grupo. Em seguida retomei resumidamente o que dialogamos nos encontros prévios.

Relembrei a atividade proposta ao final do terceiro encontro, sobre o genograma e o relato autobiográfico. Talita se prontificou a ser a primeira a

compartilhar o que havia feito. Falou de um momento no qual a espiritualidade teve um papel importante em sua vida: a decisão de terminar um relacionamento e o peso dessa escolha na sua vida.

Aos 20 anos de idade conheci um rapaz que era pastor evangélico e acabei me interessando por ele, nós namoramos a distância. Certo dia minha mãe perguntou se ele concordava que fôssemos de religiões diferentes e se isso poderia atrapalhar o relacionamento e ele negou, dizendo que para ele Deus é um só. Algum tempo depois fui morar na mesma cidade que ele. Neste período ele começou a fazer muitas exigências: por exemplo, que eu deveria ir à sua igreja. Ao completar dez meses de namoro ele começou a falar em casamento, eu gostava muito dele, mas ele me pressionou dizendo que eu teria que escolher passar para sua religião ou então não daria certo. Na hora eu fiquei sem respostas e pensativa, fiquei muito perturbada e sonhei durante a semana. Sonhei que minha aliança e a dele se uniam e ao unirem-se elas enferrujavam (...), chorei muito na época. Mas depois de sete dias que eu tive o sonho tomei uma decisão e comuniquei-lhe que ficaria na minha religião, por mais que eu o amasse eu não iria deixar a minha religião porque acreditava que era a que tinha mais fundamentos bíblicos. Resumindo, acabou o casamento, mas eu me senti melhor.

Essa experiência mexeu comigo porque, apesar de eu ter sido muito nova, tive que fazer uma escolha difícil. Estar com ele e sair da minha religião ou ficar sem ele e permanecer com minhas convicções. (Talita).

Em seguida Natália comentou seu genograma e aspectos religiosos e espirituais de sua família. Refletimos sobre o impacto da família em sua personalidade e sua visão espiritual atual.

O que eu pensei em relação a esse assunto foi como eu compreendi a espiritualidade ao longo da vida. Minha mãe é adventista, na verdade nossa família tem uma história curiosa porque o meu avô materno era filho de uma mulher que se prostituía e ela abandonou a família. Aos dez anos ele fugiu do lugar que ele estava (Pernambuco) e foi para o Rio de Janeiro, em busca da mãe e depois de alguns anos, quando tinha 16 anos, ele a encontrou. Ela trabalhava numa casa de família, e eles eram adventistas, então ele ao morar nesse lugar, aprendeu as coisas da Bíblia.

Depois ela voltou pra vida da prostituição e se envolveu com “macumba”, e se casou com um homem bem “macumbeiro” mesmo. Então meu avô vivenciou muito essas duas experiências, mas se tornou adventista, inclusive converteu toda a família, sua esposa e um pedaço da família do meu pai. Ele é bem estudioso da Bíblia. E então eu tinha essa referência e a tenho até hoje!

Por sua vez, minha mãe se casou e meu pai se tornou adventista. Mas após alguns anos ele saiu da igreja. Na verdade a família do meu pai é uma família bem maluca, eles são todos músicos e bem liberais. Na adolescência, eu e meus irmãos quisemos nos aventurar nas coisas do pai: ele ganhava muitos ingressos pra shows e a gente queria ir, mesmo sendo na sexta feira à noite. E eu acho que a música dele nos influenciou porque a música é uma coisa muito forte na família. Hoje pensando no conceito de espiritualidade, eu acho que ao longo do tempo mudou muito em minha vida. Ora eu era cristã e religiosa e outra hora eu fazia outras coisas (...). Hoje eu acho que

a minha questão espiritual está mais voltada para meu relacionamento pessoal do que pra religião. (Natália).

Ao ouvir o relato de Natália, Júlia se identificou com alguns aspectos desse vai-e-vem e também compartilhou sua reflexão pessoal.

Pensando de uma forma bem profunda, na história da Natália tem algumas coisas que vão de encontro com a minha. Eu venho de uma família católica, mas não praticante, e até os meus nove ou doze anos eu me considerava católica. E algo sempre ficou muito presente em todo esse meu processo espiritual: foi a questão da autonomia que os meus pais me deram para decidir. (Júlia).

Ela relatou o processo de descoberta espiritual e a passagem por uma grande variedade de grupos religiosos até decidir-se e escolher a religião que tem hoje:

Quando eu tinha doze anos sempre questionava muito as crenças da Igreja Católica. Então me desprendi e meus pais sempre me disseram que eu podia escolher aquilo que eu quisesse porque eles valorizavam muito essa questão da livre escolha religiosa. Eu tinha várias amigas de diferentes denominações evangélicas. Enfim, eu visitei todas e nenhuma permitia que eu refletisse e entendesse o porquê daquilo tudo. Passou o tempo e quando eu tinha dezessete anos meus pais foram morar numa casa alugada e as pessoas de lá falavam sobre esperança que culminava na questão adventista. E pensando nisso eu pude ver como a Psicologia entrou em tudo isso, exatamente por eu ter essa característica crítica, e hoje eu sou adventista acho que por tabela.

Eu busquei a Igreja Adventista sozinha, eu fiz estudos bíblicos e fui batizada. E na Psicologia nós estudamos muito esse assunto das escolhas, de você se sentir bem, e tem mesmo um processo, vejo como isso interferiu em alguns momentos de maneira positiva e em outros de uma maneira negativa em minha vida. Eu racionalizo muito quando falamos da divindade, da questão do sagrado, eu vejo que teve bastante mudanças nesse processo ao estudar para tornar-me uma futura psicóloga. Hoje acho que estou caminhando pro equilíbrio (risos). (Júlia)

Luiza, em sua participação, trouxe outra nuance que enriqueceu a atividade: ela apresentou uma vivência familiar recente e relacionou-a com a questão espiritual discutida em grupo.

Eu sempre achei a família uma coisa muito sagrada e em casa tínhamos uma espiritualidade e religiosidade compartilhada. (Luiza).

A família do meu pai é adventista e depois que a minha mãe se casou com ele, aos poucos ela também foi se tornando. Na família da minha mãe não tem ninguém adventista; todos têm outras religiões e somos do interior de São Paulo. Sou a filha mais velha e quando eu nasci eles já estavam na igreja, mas passaram a religião e ensinamentos de maneira superficial, pois eu nunca tive nenhuma cobrança sobre alguma doutrina como o sábado, por exemplo. Nunca tivemos problemas com isso, muito pelo contrário: sempre foi muito gostoso.

Recentemente meus pais se separaram e isso foi muito chocante. Faz um ano que isso ocorreu, e essa imagem de família como sagrada se perdeu por causa do choque, porque eu cresci ouvindo uma coisa e depois me deparei com uma realidade “totalmente diferente” e isso mexeu muito comigo, com os meus irmãos, com a família inteira.

Hoje conseguimos falar sobre isso de uma maneira mais natural, e vejo que por mais que tenha havido essa separação continuamos uma família e o vínculo quebrado foi o deles [pais] e Deus não tem nada a ver com essa situação. Eu trabalhei muito isso na minha terapia. (Luiza)

Em determinado momento Luiza mudou um pouco o foco e comentou sobre o fato de considerar o grupo como uma ajuda válida nessa situação que vive.

O grupo ajudou bastante a ver essa dimensão da espiritualidade, que às vezes é focada muito na religião e na verdade é muito mais que isso. Por exemplo, a música, e no meu caso a família. Em todos os encontros eu ficava pensando, para mim é a família, com certeza. E essa quebra na minha família [separação dos pais] foi muito chocante porque eu via aquilo como algo sagrado e eu consegui enxergar isso aqui também, nas conversas que fomos tendo, como por exemplo, aonde nós depositamos a nossa energia etc. (Luiza).

E em relação ao aluno, ajudaria a ter certeza do que quer como profissão e vida. Por exemplo, em relação a minha história eu tive mais confiança e por isso dentro do curso eu tive mais segurança, fiquei mais ligada a Deus e percebi que a religião não é um monte de regras, mas realmente a sua comunhão com um Deus de amor. (Luiza).

Elas então teceram algumas reflexões sobre sua espiritualidade e depois de iniciarem o curso de Psicologia.

A minha visão mudou em muita coisa pra melhor. Dentro da minha espiritualidade eu aprendi a ser mais assertiva, mais compreensiva, mais efetiva, mais empática, a também respeitar a individualidade do outro(...). (Talita).

Eu acho que eu tenho muito certo pra mim o que é meu: as minhas crenças, o que eu quero pra mim, a minha visão de mundo hoje, mas eu consigo muito respeitar com muito mais clareza e muito mais o espaço do outro. Respeitar, se pra ele é isso, tá bom! Sem conflitos. (Luiza).

Após esses comentários Ana falou um pouco de sua história espiritual.

Eu venho de uma família bastante tradicional na Igreja Adventista. Eu sou a sexta geração de adventistas na minha família por parte materna. Na família paterna meu pai se tornou adventista na adolescência pela influencia de uma tia; então a família do meu pai já é mais bagunçada. E eu acho isso muito engraçado porque isso reflete na dinâmica familiar, minha família materna é muito unida justamente por esse motivo religioso, e a família do meu pai é diferente, é mais bagunçada, cada um tem uma crença diferente e tem brigas por causa disso, e eu cresci dessa forma.

Quando eu fui chegando na adolescência, comecei a questionar o porque de muitas coisas relacionadas às crenças adventistas. Aos

dezesseis anos tive um momento central na minha vida espiritual porque aconteceu uma tragédia na família. Nossa casa pegou fogo e perdemos tudo, depois vieram alguns problemas emocionais também, e eu questioneei muito a Deus, questionando minha religião, e nesse processo fui reafirmando aquilo que eu já cria a respeito das minhas crenças. Então é basicamente isso, eu já tive momentos que eu estive mais firme nas minhas crenças e hoje está meio assim(...) [risos], mas estou realizada, tenho as minhas experiências, que me satisfazem. (Ana).

Mônica também dividiu sua história com o grupo. Ela relatou o percurso percorrido em relação a esse assunto até o momento, ressaltando ao final o casamento recente como ponto importante desse desenvolvimento.

Eu sempre tive uma influência espiritual e religiosa na minha vida. Tenho ascendência japonesa, e eu tenho uma tia que era presbiteriana, então eu sempre fui ensinada nesses caminhos, e quando a minha mãe foi a primeira vez na igreja eu tinha dois anos. Ela já nos ensinava na doutrina adventista, íamos pra “escolinha sabatina” e quando a minha mãe foi pro Japão eu fiquei três anos morando com essa tia presbiteriana, e depois ela voltou e disse que não gostou da igreja no Japão, mas voltou pra igreja aqui no Brasil pelo meu irmão e por mim. Depois ela foi de novo pro Japão e eu fiquei com outra tia, só que essa é católica. Então é assim uma bagunça de religiões. Primeiro eu estava indo na presbiteriana e na adventista e na católica. Quando minha mãe voltou pro Japão eu me afastei da igreja e curti a minha adolescência, curti a vida [risos]. Mas quando ela retornou pela segunda vez nós entramos na linha, até porque eu também comecei a pensar no que eu queria de verdade, e foi onde surgiu a ideia da Psicologia.

Aí eu quis vir pra cá por ser uma instituição adventista, mas eu senti que quando eu cheguei balancei bastante porque começamos a estudar muitas coisas, vivenciamos muitas outras e foi um choque. Vim de uma cidade do interior, então você passa a conhecer muitas coisas, dei uma boa balançada.

Recentemente me aproximei da igreja também por causa do namorado, e agora do casamento. Faz um mês que me casei, e formando uma nova família sinto que temos buscado mais a Deus. (Mônica).

Como relato da Mônica terminamos esse momento de abertura pessoal. Todas ouviram atentamente as colegas, e apesar de não fazerem muitas perguntas houve um ambiente de atenção e interesse pelo relato de cada uma. Logo após a fala da Mônica, Natália pediu a palavra:

Tem uma coisa que eu esqueci de falar que é muito importante pra mim. Eu pude compreender melhor a minha espiritualidade fazendo terapia. E eu acho que por uma característica da terapeuta que eu mesma escolhi: ela é professora onde estudo e também é religiosa e eu sinto que ela, até como professora e dentro da análise, eu senti que a minha questão espiritual foi muito respeitada e fortalecida. Então eu acho que é legal pensar nisso (...) que é possível. Embora eu não consiga me entender ainda como profissional lidando com isso, mas como paciente eu me senti muito compreendida e ela me ajudou muito a trabalhar esse aspecto. (Natália).

E ela inclusive levanta uma bandeira de que a psicanálise não é contrária à Bíblia, e ela trouxe isso pra gente e eu concordo, e eu acho que isso é interessante. Porque não é que são opostos: são teorias que precisam ser compreendidas e outras a gente aprende dentro do contexto como foi a posição de um autor. (Natália).

Teço com o comentário da Natália as palavras finais e nesse momento houve duas manifestações de apreço à atividade realizada:

Pra mim foi muito bom poder conversar sobre tudo isso. Foi além das expectativas, porque a gente pensou "ah vai ser legal", mas a gente não imaginou quão rico isso seria para nós. Realmente fazer pensar sobre esse assunto que a gente não para e pensa. Reflete sobre alguns questionamentos que ficam latentes durante toda a formação(...). (Júlia).

Obrigada de verdade! Foi muito bom, serviu bastante! (Luiza).

Finalizei solicitando que cada uma delas expressasse por escrito, sua experiência de participar do grupo. A folha com a pergunta norteadora foi distribuída e lida para o grupo: “O que esses encontros sobre Psicologia e Espiritualidade fizeram você pensar a respeito de sua própria espiritualidade e de sua atuação como psicóloga?” Pedi que me encaminhassem o texto por e-mail nas 48 horas seguintes, opção proposta pelo próprio grupo.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresento os temas e os subtemas resultantes da análise realizada, buscando discuti-los em diálogo com as colocações de Pargament.

5.1. Espiritualidade

5.1.1. *Espiritualidade como vivência*

O grupo apresentou duas posições referentes ao conceito de espiritualidade. As colaboradoras usaram as mesmas palavras para descrevê-las. Uma das posições relaciona a vivência diretamente à figura de Deus e a outra a relaciona com o indivíduo.

É nossa relação com Deus (...) o conhecimento, a vivência, a experiência de vida, aquilo que eu acredito, envolve meus princípios, aquilo que aprendi sobre Deus através da Bíblia, é essa comunicação com Ele (...). (Talita).

Pode ser com Deus ou qualquer outro aspecto que possa transcender o indivíduo, algo que exista fora de si mesmo, que você não pode controlar (...). Depende da cultura, do que a sociedade valoriza (...); a impressão que eu tenho é que, mesmo dentro de um mesmo país, há uma variação muito grande de experiências. (Natália).

Pargament (2007) define a espiritualidade como a busca de sentido para o sagrado e relaciona as orientações funcionais da Psicologia da Religião às orientações substantivas. O que distingue a busca espiritual de outros tipos de busca é a referência ao sagrado, denominador comum às definições apresentadas pelo grupo. O posicionamento em relação a um Ser identificado como Deus é parte do que Pargament chama de núcleo do sagrado, que independentemente da tradição religiosa pode apresentar três elementos: Deus, seres divinos e a realidade transcendente. O campo do sagrado inclui objetos, lugares, atividades e outros aspectos da vida que podem representar ou estar associados ao sagrado. De fato, as alunas incluíram experiências ou objetos

com características sagradas nas definições de espiritualidade que apresentaram ao longo das discussões.

A espiritualidade, sua dinâmica e suas expressões foram vistas no grupo por diferentes ângulos: duas participantes se referiram à dança como uma experiência do sagrado. Com este e outros exemplos o grupo foi ampliando a sua visão sobre a espiritualidade. Referindo-se a isso, Pargament (2007) diz que vários aspectos da vida podem ser considerados sagrados, além daqueles do campo religioso tradicional; o mais importante é considerar que “a espiritualidade deve ser compreendida e trabalhada como uma dimensão legítima da experiência humana, e não como um subproduto de outra experiência”. (PARGAMENT, 2007, p. xi).

5.1.2. Espiritualidade e Religiosidade

Pargament usa “espiritualidade” para tratar da dimensão anímica da natureza humana e “religião” e “religiosidade” para referir-se a seus contextos social, institucional e cultural, ressaltando que esses termos não são excludentes. (PARGAMENT, 2007). A respeito da diferenciação entre essas palavras, houve no grupo o consenso de que a primeira refere-se a uma experiência íntima e pessoal e a segunda a um aspecto mais organizado e socialmente estruturado. Discussões sobre o assunto haviam acontecido recentemente em sala de aula e os pensamentos de Natália e de Mônica resumem a ideia geral do grupo:

A religiosidade está muito ligada à filiação a uma comunidade religiosa com uma série de princípios. Você participa dentro de um grupo, um núcleo que tem um objetivo e crenças particulares e muitas vezes é institucionalizado. A espiritualidade por sua vez, você não precisa estar institucionalizado para ter aquela vivência. (Natália).
Você não precisa necessariamente da religião para transcender, para o seu bem-estar espiritual, não precisa necessariamente da religião (...). (Mônica).

No grupo a palavra “processo” foi compreendida como o desenvolvimento dinâmico da espiritualidade: “Para mim a palavra que se encaixa melhor nisso é processo e onde eu me encontro nele; se é um

processo estou indo em uma direção e me pergunto: em que direção estou indo?” (Júlia). Isso se aproxima de Pargament: “uma avaliação mais justa da espiritualidade requer atenção não somente em relação aos resultados espirituais, mas também ao processo” (PARGAMENT, 2007). Não é fácil transmitir este conceito em palavras, mas a linguagem do processo se dá quando o valor da espiritualidade baseia-se em sua qualidade, mais do que em critérios pragmáticos de verdade ou resultados.

5.1.3. Vivência pessoal da Espiritualidade

Talita descreve um momento de contemplação que vivenciou como sagrado:

Um dia fui a um lugar que tinha uma cachoeira na minha cidade natal, naquele dia eu não estava muito bem (...); olhei para aquela natureza e parecia que Deus estava sentado à minha frente na grama (...); fiquei muito tempo ouvindo o som da cachoeira, fiquei silenciosa ouvindo a água batendo nas pedras, depois de um tempo consegui ouvir o cantar dos pássaros, consegui sentir a brisa que estava ali e aquilo me acalmou muito (...). (Talita).

Júlia enfatiza a autonomia sentida em relação à escolha da religião:

Eu busquei a Igreja Adventista sozinha, eu fiz estudos bíblicos e fui batizada. Minha mãe também estudava, mas só depois de dois anos ela se batizou na igreja. Então, numa família inteira, somente ela e eu que somos adventistas (...) e algo sempre ficou muito presente em todo esse meu processo espiritual: a questão da autonomia que os meus pais me deram para decidir. (Júlia).

Nas declarações de Natália, Mônica e Ana pude observar a influência dos relacionamentos familiares e sociais na conformação da espiritualidade:

Hoje, pensando no conceito de espiritualidade, eu acho que mudou muito na minha vida. Uma hora eu era cristã e religiosa e outra hora eu fazia outras coisas, inclusive namorados. Hoje eu acho que a minha questão espiritual está mais voltado para meu relacionamento pessoal do que pra religião; se for olhar com mais cuidado, apesar do meu conhecimento de estar aqui a realidade é outra. Mas eu acho que se for fazer uma linha assim na minha história o movimento tem muito a ver com o lugar e as pessoas (...). (Natália).

Bom, eu sempre tive uma influência espiritual e religiosa na minha vida. Tenho ascendência japonesa, minha família direta veio do Japão. E eu tenho uma tia que era presbiteriana, então eu sempre fui ensinada nesses caminhos e quando a minha mãe foi a primeira vez

na igreja adventista eu tinha dois anos. Quando ela retornou por segunda vez nós entramos na linha outra vez [voltamos para a igreja], até porque eu também comecei a pensar no que eu queria de verdade (...). (Mônica)

Eu venho de uma família bastante tradicional na Igreja Adventista. Eu sou a sexta geração de adventistas na minha família. E é uma coisa muito enraizada na minha família materna, embora na família paterna, meu pai se tornou adventista na adolescência pela influência de uma tia; então a família do meu pai já é mais bagunçada (...). (Ana).

Segundo Pargament a busca do sagrado inicia-se com a descoberta de algo sagrado para o indivíduo. Quando este o encontra, procura um caminho espiritual para sustentar e acolher seu relacionamento com ele. Mudanças internas ou externas na vida podem ameaçar, danificar, questionar ou até levar a uma crise do sagrado; o indivíduo busca então estratégias para *preservar e proteger* o sagrado o melhor que puder. (PARGAMENT, 2007).

Notei nos relatos o caminho percorrido por cada uma das participantes em sua experiência com o sagrado. Talita relatou uma vivência com ele, Julia ressaltou a ação e a aquisição de conhecimentos e Natália, Mônica e Ana relataram a influência dos relacionamentos na conformação da espiritualidade. Além de ajudar a compreender a dinâmica do sagrado na vida delas, o diálogo em grupo sobre o assunto promoveu o autoconhecimento e a abertura para falar sobre o assunto.

5.1.4. Espiritualidade como dinâmica do sagrado

A visão pessoal das participantes sobre o sagrado influi na maneira como elas compreendem a relação entre a Espiritualidade e a Psicologia. Em um dos diálogos mais intensos a esse respeito Luiza diz categoricamente: “Cada pessoa tem a sua verdade, independe da existência disso ou não (...)”. A ideia de que o indivíduo atribui a determinado objeto, pessoa ou situação atributos sagrados é apresentada pela maioria delas: “Eu torno sagrado, eu escolho acreditar; se formos pensar que nós fazemos isso, então somos nós que fazemos de Deus um ser sagrado” (Mônica). Natália busca inclusive uma

referência religiosa para explicar sua interpretação do sagrado e cita um dos mandamentos da Bíblia:

Algo interessante é que, dentro da nossa própria crença, nosso Deus admite que podemos colocar outras coisas no lugar sagrado. A Bíblia diz: “não colocarás outros deuses diante de mim”. Ela mesma deixa claro que é possível que isso ocorra (...), santificar outras coisas. (Natália).

A participante que de início se referiu a Deus como a figura central em sua espiritualidade mostrou alguma resistência em pensar que é o próprio ser humano que torna algo sagrado para si e questionou isso algumas vezes. Mas Pargament (2007) usa o termo “santificação” para caracterizar o processo pelo qual as pessoas atribuem um significado divino a aspectos da vida: para algo ser considerado sagrado, qualidades sagradas devem ser-lhe atribuídas, como transcendência, infinitude e plenitude. Pode existir uma tremenda diversidade nos caminhos pelos quais o sagrado é entendido, mas com o tempo as pessoas desenvolvem preferências por certos caminhos e destinos. Essas preferências se juntam para formar sistemas de orientação espiritual individualizados, que incluem quadros de crenças espirituais, práticas, relações, experiências e valores que constantemente direcionam a busca pelo sagrado (PARGAMENT, 1997).

5.2. Psicologia e espiritualidade

5.2.1. Psicologia e Espiritualidade

Para Mônica as duas áreas têm objetivos em comum: “a Espiritualidade e o objetivo da Psicologia caminham no mesmo sentido, que resumidamente é o bem-estar do ser humano.” Júlia entende que a Psicologia favorece a compreensão de questões humanas por trás das manifestações espirituais, como se fossem somente um meio para manifestar aspectos mais essenciais

do ser humano. Sendo assim, mais que juntas, as duas áreas poderiam andar paralelamente.

Ao falar sobre Psicologia e Espiritualidade, Pargament adverte sobre a tendência de tentar reduzir a espiritualidade a aspectos psicológicos, sociais e físicos considerados mais básicos. Para ele a espiritualidade deve ser compreendida e tratada como uma dimensão única e legítima da experiência humana. Por isso, passível de ser estudada pela Psicologia, mas não reduzida a ela. (PARGAMENT, 2007).

Outro aspecto é a dificuldade em relacionar os dois campos, por utilizarem linguagens distintas. Natália diz:

É difícil tocar em alguns assuntos às vezes sem “desrespeitar” as questões do paciente(...), acho que a religiosidade e a espiritualidade, não é que sejam contrárias às questões da Psicologia, mas elas se expressam de maneira que às vezes tornam difícil compreender melhor as questões individuais do paciente. (Natália).

Como campos e linguagens distintas, Pargament ressalta a importância de compreender bem o que é cada uma. Ele diz:

Um dos meus pressupostos básicos tem sido que não podemos trabalhar com questões de espiritualidade na psicoterapia, a menos que compreendamos o que é espiritualidade. Assim, tentei proporcionar aos psicólogos uma maneira empiricamente fundamentada para pensar a espiritualidade para a prática clínica. (PARGAMENT, 2007, p. xi).

Pargament (2007) também enfatiza a importância de conhecer e de trabalhar com diversas expressões espirituais, tanto tradicionais como não tradicionais, e utilizar diversas teorias psicológicas, pesquisas científicas e métodos clínicos para capturar pelo menos uma parte desse fenômeno.

No contexto de dificuldades em relacionar as linguagens das duas áreas surgiu o primeiro questionamento sobre o valor positivo ou negativo da espiritualidade na vivência das pessoas.

Falamos muito da questão espiritual como um lugar que dá prazer e felicidade. Mas na clínica percebemos que os pacientes também possuem lugares que trazem lembranças negativas e não conseguem sair desse momento. Esse momento negativo na experiência deles ou esse lugar que evoca estas experiências é sagrado também? Será que é espiritual aquilo que também não te faz feliz? (Natália).

5.2.2. A Psicologia como elemento de reforço espiritual

Encontrei a posição de que a Psicologia colabora para um desenvolvimento mais satisfatório da espiritualidade: “Dentro da minha espiritualidade eu aprendi a ser mais assertiva, mais compreensiva, mais efetiva, mais empática, a também respeitar a individualidade do outro (...) as minhas crenças e valores também foram fortalecidos”. (Talita). Nota-se que a Psicologia teve um papel preponderante na vida de Talita e fortaleceu seus valores espirituais.

Pargament diz que o período da juventude no qual geralmente os jovens estão na faculdade, ao contrário do que muitos afirmam, pode ser um período de conflito, interesse e até fortalecimento espiritual. (PARGAMENT, 2007, p. 340-341).

5.2.3. Psicologia como elemento de questionamento espiritual

Para algumas participantes a Psicologia surgiu como um elemento de questionamento espiritual: “(...) desde o início da vida somos ensinados dentro do ambiente familiar, até que na Psicologia começamos a questionar nossas representações, e nesse momento temos a opção de negar, de seguir acreditando, de acreditar em outras coisas(...)” (Natália).

Na Psicologia nós estudamos muito esse negócio de escolhas, de você se sentir bem (...); vejo como isso interferiu em alguns momentos de maneira positiva e em outros de uma maneira negativa em minha vida. Eu racionalizo muito quando falamos da divindade, da questão do sagrado, eu vejo que teve bastante mudanças nesse processo ao estudar para tornar-me uma futura psicóloga. (Júlia).

A Psicologia fez Júlia questionar sua espiritualidade: “estou buscando um equilíbrio (...) pra decidir o que realmente é bom pra mim e até onde eu quero isso. E eu acho que a Psicologia me ajudou a ter um acesso mais rápido a esses questionamentos”.

Pargament diz que os primeiros psicólogos não viam razão para separar a Espiritualidade do estudo da Psicologia, mas ao longo dos anos as diferentes abordagens psicológicas foram distanciando-se da religião e, por conseguinte, da espiritualidade. De certa forma os psicólogos foram tornando-se indiferentes a essa dimensão humana. E ele cita pesquisas para dizer que os psicólogos e a população em geral diferem no valor que dão à religião e à crença em Deus, dizendo: “no que diz respeito à religião, terapeutas e seus clientes parece que vêm de mundos distintos.” (PARGAMENT, 2007, p. 9).

Para as participantes a Psicologia não chegou a anular ou transformar totalmente a sua espiritualidade, mas foi um elemento de questionamento e reorganização espiritual.

5.2.4. Espiritualidade e crise

Um tema intenso foi o papel da espiritualidade nas crises. Natália diz: “às vezes complica porque você percebe tudo isso misturado, uma coisa pessoal que ela projeta também como crenças religiosas, mas que na verdade é como uma dependência direta de um indivíduo”.

Para Júlia questionar as crenças espirituais em momentos de crise não é necessariamente negativo ou patológico: tem um aspecto positivo porque te permite avaliar o quanto isso é meu e quanto é do outro.

Isso se aproxima de Pargament, que diz que a presença de conflitos espirituais de maneira alguma representa uma patologia ou uma fé debilitada. Ele apresenta as crises em relação ao espiritual como pontos de transição que podem levar à renovação, ao crescimento e à transformação positiva, em uma direção, ou ao desespero, à desesperança e à falta de sentido, em outra. O direcionamento que cada situação terá depende da capacidade do indivíduo de se engajar no que ele chama de uma transformação espiritual bem-sucedida. (PARGAMENT, 2007).

Quando falamos sobre a crise espiritual da perspectiva profissional surgiram vivências pessoais que serviram para reflexão. Uma das participantes

reflete sobre o papel da espiritualidade e da Psicologia no enfrentamento de uma crise familiar:

Eu sempre achei a família uma coisa muito sagrada e nós tínhamos uma espiritualidade e religião. Nunca tivemos problemas com isso, muito pelo contrário: sempre foi muito gostoso. Mas, depois de vários anos, nossos pais se separaram e isso foi muito chocante (...). Nós nos questionamos muito, e na hora parece que não tem nada certo e que Deus podia ter intervindo, mas depois entendemos como uma decisão pessoal dos dois, se queremos fazer as coisas do nosso jeito Deus não vai mudar isso. Eu trabalhei isso muito em terapia. (Luiza).

Esse relato indica que as perspectivas sobre espiritualidade e religião estão presentes na história pessoal das futuras psicólogas, e Luiza as apresenta como algo “discutível” em terapia. Outras experiências pessoais também são compartilhadas, indicando a variedade de situações e o dinamismo da vida humana e como a espiritualidade pode acompanhá-la e tomar diversos papéis. Encontrei similaridades entre os relatos pessoais das participantes e os tipos de conflitos espirituais que Pargament apresenta.

Para Pargament, os conflitos espirituais podem sinalizar uma tensão espiritual e podem ser interpessoais, intrapessoais ou relacionados ao divino. (PARGAMENT, MURRAY-SWANK *et* MAGYAR, 2005). Os conflitos espirituais interpessoais envolvem tensões com a família, os amigos, as congregações e a comunidade. Esse seria o tipo de conflitos apresentado por Luiza. Nos intrapessoais as pessoas experimentam incertezas e dúvidas sobre questões da espiritualidade pessoal, como seu próprio valor e o sentido da vida, ou mesmo dúvidas sobre suas tradições religiosas. Natalia e Julia foram as que apresentaram conflitos dessa natureza.

5.2.5. Dificuldades em conciliar Psicologia e Espiritualidade

A maioria dos relatos enfatizou as dificuldades em conciliar as duas áreas satisfatoriamente. Embora as participantes tenham reconhecido que ambas são importantes, manifestaram dúvidas sobre como e em que grau isso pode ocorrer: no dizer de Mônica, “é difícil fazer essa relação entre a Espiritualidade e a Psicologia”. Júlia foi mais adiante e mostra sua frustração ao chegar ao final do curso de graduação e ainda ter esse assunto inconcluso:

Penso que passamos cinco anos estudando e buscando “preparo” e “direções” como profissionais, mas, por ser um assunto tão delicado, preferi muitas vezes esconder e reprimir essa parte por não saber lidar com o assunto. Em alguns momentos abri mão de buscar enriquecer a minha espiritualidade com o Deus que acredito por conflito mesmo, e questionei várias vezes a Psicologia, com indagações relativas à dificuldade em conciliar esses dois aspectos tão importantes para mim. (Júlia).

Percebo nos relatos que a constatação de outras investigações que apontam uma lacuna nesse campo ainda é uma realidade.

5.3. Psicologia, Espiritualidade e atendimento clínico

Ao longo dos encontros conversamos sobre muitos assuntos e de certa forma todos eles foram convergindo para o tema de maior expectativa por parte das participantes: a espiritualidade no atendimento clínico. Isso confirma o que Pargament afirma quando diz que “compreender a espiritualidade não é um exercício intelectual irrelevante; é importante para lidar com ela na psicoterapia”. (PARGAMENT, 2007, p. 30).

5.3.1. A espiritualidade do terapeuta e a do cliente no atendimento

O debate sobre a relação entre a espiritualidade do terapeuta e a do cliente foi o que proporcionou o maior grupo de considerações. Sobre as perspectivas religiosas de ambos, Júlia disse: “até hoje não consegui fechar uma ideia, até que ponto é bom ou ruim. O fato é que o bom profissional, cristão ou não, vai exercer o trabalho dele bem”. Enquanto a maioria se posicionou de forma neutra com relação a isso, Talita disse explicitamente que acredita ser positivo que compartilhem dos mesmos valores religiosos:

Fiz terapia até o semestre passado, e meu terapeuta é da mesma religião que eu; eu não sabia a princípio, mas depois de umas sessões eu percebi (...) e vou ser sincera: me senti bem melhor,

sabendo que ele era da mesma religião (...). Eu fiquei mais confortável. (Talita).

As reações a essa questão mostram que ela ainda traz polêmica. Uma das participantes disse que seria importante o terapeuta conhecer bem a religião do paciente para entendê-lo, mas a maioria do grupo considerou que o trabalho terapêutico deve ser independente. Essa afirmação mostra que para elas a espiritualidade está separada da psicoterapia no que diz respeito ao atendimento clínico. Entre os posicionamentos que o psicoterapeuta pode apresentar frente à espiritualidade, Pargament (2007) aponta o viés espiritual e a miopia espiritual. O primeiro tende a manter visões estereotipadas sobre religião e espiritualidade, e o segundo enxerga os problemas espirituais, sua dimensão e suas possíveis soluções com dificuldade. Ambos, para o autor, podem dificultar o trabalho em relação à espiritualidade do paciente.

Outro questionamento foi sobre a autorrevelação, em função da qual o terapeuta explicita ou não sua religiosidade no atendimento: “Eu acho que eu tenho muito certo pra mim o que é meu, as minhas crenças, o que eu quero pra mim, a minha visão de mundo hoje, mas eu consigo muito respeitar com muito mais clareza e muito mais o espaço do outro (...)” (Luiza). “Acho que você, como terapeuta, não vai colocar as suas questões de religiosidade ao paciente, o que faz sentido pra você não faz sentido pra ele (...)”. (Luiza) “Pra mim, a minha religião é pessoal, não importa a religião do terapeuta (...)” (Júlia). Sobre este assunto Pargament defende que o terapeuta deve, sim, deixar claras as suas convicções espirituais ao cliente, e que isto colabora ao bom andamento da psicoterapia (PARGAMENT, 2007). A experiência de Júlia ilustra a situação, pois ela notou que isso influenciou o discurso do paciente nas sessões seguintes e, em consequência, no atendimento:

Ele tinha conflitos conjugais, era muito agressivo nas discussões (...); ele dizia que a religião ditava que o desejo dele não era a atitude correta, ele desejava o divórcio (...). Num momento da terapia começamos a conversar sobre a possibilidade dele realmente buscar o divórcio (...). Então perguntou (...) você é adventista? Eu disse: sou, e não dei muita atenção a isso. A partir daí percebi que a fala dele mudou (...); não falava mais dele, mas trazia as questões doutrinárias e da religião (...). Parecia que ele ficava com mais medo, pensando, qual seria a minha postura frente a tudo o que ele estava trazendo: será que eu iria julgá-lo, levando em consideração as minhas crenças religiosas que ele conhecia? (Júlia).

Apesar desse possível “risco”, Pargament (2007) defende que o terapeuta precisa abrir suas vivências, mas sempre atento ao fato de que sua vida não é o foco da terapia: ele deve ter clareza sobre como e quando pode se revelar, e sempre a serviço do cliente. Este tem o direito de saber a religião do terapeuta e até de escolhê-lo com base neste ou em outro dado, como sexo, filiação teórica, idade etc. É nesse contexto que um assunto volta com força: a dificuldade de compreender a espiritualidade amplamente e, conseqüentemente, a de falar sobre ela na clínica:

Eu estava pensando, como é tão conflituoso esse assunto da religião (...) e porque é tão aconselhável ao psicólogo fazer terapia. Nós achamos normal pensar e refletir sobre tantas dificuldades, mas quando parte para o aspecto espiritual ficamos numa angústia muito grande porque é algo que não conseguimos entender amplamente (...). (Júlia).

É complicado porque nós temos medo de que nossas próprias crenças estejam influenciando o que formos tocar, por mais que aqui se esteja trazendo a forma como vamos lidar com isso dá um certo medo. Por vezes eu penso, será que eu estou sendo tendenciosa, então algo que realmente a gente acaba fazendo é fugir para o teoricamente essencial (...). (Ana).

As declarações reforçam o risco de proceder com miopia espiritual, deixando de ver aspectos da vida do paciente que podem ser importantes. Sobre a postura terapêutica delas em situações diversas, notei um conflito entre o que devem fazer como psicólogas e o que devem fazer com seus valores pessoais. Mônica pergunta: “E se vem um paciente e diz que quer assumir e desenvolver uma escolha que é contrária a meus valores, o que faço? Ele é o paciente, isso é importante para ele, mas eu estaria indo contra meus princípios?!” Natália responde dizendo: “Não cabe ao psicólogo induzir, e sim, talvez, compreender melhor as razões do paciente para depois acompanhá-lo nesta escolha (...)”; utiliza inclusive uma referência religiosa para basear seu posicionamento:

Eu entendo que não estaria indo contra os meus princípios se o acompanho em sua decisão. Se eu estou caminhando junto com ele em uma decisão não estou decidindo por ele. E na minha concepção, Deus deu o livre arbítrio para cada ser humano decidir da maneira livre o que ele quiser. Então, para fazer como Deus, eu também não posso deixar de acompanhar o paciente nessa escolha. (Natália).

Percebi certa angústia no grupo pelas formas distintas de pensar de Mônica e de Natália; enquanto uma busca coerência profissional baseada em valores religiosos, a outra encontra uma justificativa “espiritual” para adotar

uma postura neutra, dissociada de seus valores pessoais. Para Pargament há três possíveis respostas por parte do terapeuta: 1) no caso mais simples, ele não tem problemas quanto ao tema e pode ajudar seu cliente com tranquilidade; 2) ele tem uma posição mais forte com relação ao tema, mas ainda assim pensa que pode ajudar seu cliente a achar a sua própria; e 3) pode não se sentir apto a atender determinadas demandas por causa de seus valores mais profundos. (PARGAMENT, 2007, p. 210). Natália, Júlia e Ana se posicionam próximas à segunda postura, enquanto as demais ainda demonstram não se sentirem aptas para atender demandas que estejam muito distantes de seus valores pessoais, estando mais propensas a encaminhar tais casos à outro profissional.

As participantes discutiram a inviabilidade do atendimento pela “incompatibilidade” de valores e o encaminhamento de atendimentos: “Se for interferir no tratamento sem dúvidas o melhor é encaminhar. Mas a pergunta que eu ainda tenho é essa: Até que ponto é uma questão profissional e até que ponto é uma questão extremamente pessoal?” (Natália).

5.3.2. Dificuldades em conversar sobre espiritualidade no atendimento

Em inúmeros momentos as participantes expressaram sua dificuldade em abordar a espiritualidade no atendimento por diversas razões, como o medo de influenciar ou responder ao cliente. Conforme Júlia, “tem pacientes, como o que eu estou atendendo agora, que o assunto não surge, pouquíssimas vezes surgiu algo de religião, mas é algo que eu penso e torço, tomara que não apareça! Eu não sei o que fazer!” Natália diz: “É difícil colocar na clínica que a crença daquela pessoa está fazendo mal a ela, quando existe uma norma implícita que diz que devemos respeitar a religião dos outros acima

de tudo; aí o assunto fica meio intocável (...).” As tentativas de abordar o assunto, por vezes tímidas e apreensivas, não têm apoio dos supervisores. Para exemplificar seu medo, a mesma Natália conta:

Quando eu era criança no final da rua tinha um morro e uma casa de trabalhos (candomblé) que tinha esses rituais de magia branca e magia negra que ao mesmo tempo em que assustavam causava muita curiosidade. Quando ocorriam os batuques nós ficávamos curiosos em saber o que realmente acontecia naquela reunião, e eu acho que na clínica não é diferente porque, ao mesmo tempo em que assusta, desperta o interesse na gente de compreender o que é necessário, mas por assustar a gente recusa porque não sabemos em que terreno estamos entrando ou o que vai aparecer se nós explorarmos aquilo; pra gente é assustador. (Natália).

Nota-se, afinal, uma tendência a esquivar-se do assunto no atendimento: “Então é bem mais cômodo enquanto terapeuta ter o distanciamento porque você não tem esse choque (...) e penso, por outro lado, eu poderia pegar um outro caminho que é mais fácil ou conhecido” (Júlia). A dificuldade não se encontra só na discordância, mas também na identificação com o que o paciente traz: “E tem também aquelas questões que você fica extremamente identificada, então acaba trazendo para aquele espaço também os seus conflitos em relação ao sagrado e às vezes ficamos com aquilo e às vezes isso trava” (Natália). Pargament (2007) chama essa postura de viés espiritual, o que também pode prejudicar o correto manejo da situação. Com receio de proceder com esse viés, as colaboradoras reconhecem que diversas vezes evitaram abordar a espiritualidade no atendimento por medo de não saber lidar com o tema, comportamento que Pargament chama de timidez espiritual.

5.3.3. Dificuldades para intervir em questões relacionadas à espiritualidade

Em relação a intervenções psicológicas em assuntos com conteúdo espiritual, há receio e dúvidas. Ficou clara a tendência de restringir a atuação ao campo conhecido e negligenciar o espiritual, talvez justamente devido a essa falta de familiaridade com esse campo:

Nós não estamos colocando realmente o foco no fato dela falar que Deus vai ajudar (...) estamos enfatizando o bem-estar e segurança

dela e da filha e realmente acabamos excluindo essa parte. Nós conhecemos, sabemos da importância, mas se podemos focar nessa parte física (...) acabamos não comentando isso(...). (Mônica).

De acordo com Pargament, a recusa a intervir quando se trata de espiritualidade pode levar a alguns problemas: 1) negligenciar a espiritualidade do sujeito na psicoterapia; 2) criar uma incompatibilidade terapêutica com os clientes que veem o mundo por uma lente espiritual; 3) desrespeitar a ética profissional (PARGAMENT, 2007, p. 46). A esquiva leva à postura mais apresentada, que é a neutralidade terapêutica, tomada de tal forma que parece quase uma fuga: “Causa um desconforto você estar atendendo e muitas vezes seu paciente vai falar de coisas que você não concorda mesmo, mas você ao atender parece que se neutraliza para que não interfira, e a gente esquece que aquilo é importante”. (Júlia).

Pargament afirma que muitos psicólogos tentam separar a espiritualidade da terapia ou manter a neutralidade terapêutica. No entanto, a separação e a neutralidade são impossíveis, particularmente no âmbito espiritual, porque “a espiritualidade dialoga com os pressupostos mais fundamentais da vida, as crenças mais profundas e os temas mais sagrados”. (PARGAMENT, 2007). E relata como a sua orientação espiritual está presente em todos os seus atendimentos:

Minha orientação espiritual, portanto, afeta minha prática clínica de psicologia e psicanálise. (...). Que nós somos a imagem e semelhança de Deus, que nós vivemos em um universo maior do que nós podemos compreender, que nós somos chamados para a coragem de ser, que nem o sofrimento nem o êxtase são sem propósito, que a construção de significado supera a felicidade ordinária – cada uma dessas crenças pessoais orienta o meu ato de sentar com a pessoa à minha frente [minha consulta]. (PARGAMENT, 1997, p. 176).

Pargament (2007) conclui que ajudar os clientes a identificarem e aproveitarem seus recursos, inclusive os espirituais, é um dos serviços mais importantes que os terapeutas podem oferecer. No entanto, a observação de que os terapeutas respondem a questões espirituais com preconceitos e estereótipos não o surpreende e a causa disso, segundo ele, é a falta de preparo adequado nas áreas da religião e da espiritualidade por parte dos profissionais. Tal afirmação é corroborada pelo que encontrei nos relatos do grupo, no qual nota-se uma consciência da necessidade de preparo e atuação

sobre a espiritualidade na clínica, embora o despreparo dificulte, e muitas vezes impossibilite, essa atuação.

5.4. A formação do psicólogo e a espiritualidade

Como quarto e último tema, os assuntos relacionados à formação do psicólogo também permearam todas as reuniões desde o primeiro encontro. Ao falarem da fragilidade que sentem nesse campo, ao sugerirem que algo fosse feito a respeito, ao expressarem que sentiram falta de uma abordagem psicológica consistente referente à espiritualidade no atendimento clínico, e até o último encontro demonstrando a satisfação de participar do grupo, notamos que este assunto – a formação do psicólogo na área de espiritualidade – é muito importante.

5.4.1. Formação no curso de graduação

Cabe analisar a percepção do grupo sobre o contexto da Instituição de Ensino Superior onde estão inseridas. A IES integra a rede educacional adventista e apresenta uma série de iniciativas para o fomento da vida religiosa e espiritual de seus alunos. Ao redor do campus há uma comunidade muito religiosa, na periferia da região sul de São Paulo, e elas percebem a expectativa social e institucional de que todos os cursos e atividades promovidas pela IES girem em torno desses valores: “Na instituição que nós estamos vimos muito nesses anos a questão da individualidade em relação ao assunto. O que o sujeito entende como sendo sagrado para si” (Júlia); “Tem essa questão de estarmos inseridos em uma comunidade religiosa, então existem esses temas como o divórcio que apresentam esse conflito, religioso-emocional latente. Estamos conversando sobre esses assuntos (...)”. (Mônica).

Há disciplinas de formação espiritual todos os semestres, mas as participantes indicam que, mesmo assim, no que se refere à espiritualidade na Psicologia, há uma lacuna: “Quando digo que o assunto foi evitado não quero dizer que não se respeita a escolha espiritual no setting terapêutico, mas que não sabemos o que fazer e de que maneira compreender essa esfera da vida do indivíduo” (Natália); “Estamos tendo agora mais supervisões [último semestre] e, ao mesmo tempo, vendo a logoterapia, que pelo que vimos dá uma abertura maior ao tema da espiritualidade” (Mônica).

Conforme os relatos, em alguns momentos o assunto é apresentado em sala de aula; a figura do professor-supervisor é fundamental na condução e no enfoque do tema, favorecendo o diálogo sobre a Espiritualidade na Psicologia ou reprimindo qualquer manifestação sobre ele. A influência dos professores na formulação dos conceitos é pautada pela visão estereotipada: “(...) eu fiquei pensando a tendência que eu tenho. Porque nós acabamos seguindo os professores, e eu vejo mais como uma maneira que a pessoa enfrenta todos os desejos (...)” (Júlia).

5.4.2. Supervisão: experiências negativas e positivas

Embora não a aborde amplamente, Pargament diz que uma supervisão espiritualmente sensível é parte dos mecanismos de formação de psicoterapeutas. De fato a supervisão, um dos elementos mais relevantes para o grupo, recebeu manifestações negativas: “Não temos supervisões que nos digam algo sobre esses assuntos (...). Não só os professores aqui, mas qualquer outro profissional (...). Não sabem como agir (...) não sabem (...)”. (Júlia).

Sobre um incidente em especial algumas frases foram muito incisivas, demonstrando certa frustração: “(...) me senti totalmente abandonada na clínica, e na supervisão totalmente perdida”; “Eles fazem um silêncio sepulcral”; “E eu fui morrendo de medo para a supervisão (risos) porque eu achei que ia reprovar, e aí eu ouvi um outro silêncio (...)” (Natália). Outras manifestações

mostram a mesma impressão:“(...) nessa questão que apresentamos a nossa supervisora se ateuve também a questão da segurança física e ela também acabou excluindo essa parte [espiritualidade], e acabamos ignorando a crença que era importante para a paciente” (Mônica); “Aí que está nosso medo como terapeuta e estudante. Porque em supervisão nós não seríamos apoiadas à fazer isso, tanto que quando trazemos essas questões para supervisão os professores também levam para esse lado mais do bem-estar físico” (Ana).

Essas declarações refletem o que outras investigações já têm corroborado: há uma tendência a ignorar a dimensão espiritual no atendimento psicológico. O que notei foi que no caso do grupo essa postura de negligência pode ser dada por medo de lidar com ele de maneira não profissional, por sentirem falta de preparo ou por não desejarem ser repreendidas pelos supervisores.

Apesar dos relatos negativos, houve também comentários positivos, que mostram a importância de uma supervisão espiritualmente aberta e sensível.

Uma vez eu estava fazendo supervisão de triagem e a paciente que chegou trazia muito o assunto de religião. Então a supervisora falou para perguntar: "Até onde a religião estava fazendo bem pra ela [paciente]?" E foi bom, ela foi a única que pontuou isso em supervisão. (Luiza).

Lembro que na primeira vez eu até fiquei preocupada e pensei: "como vou levar isso à supervisão?" Mas depois que conversamos tranquilamente sobre o assunto, nas vezes seguintes tornou-se um assunto normal, e ele [supervisor] não criticou, então me senti bem. Até porque o que colocamos não foi diretivo, foi só uma pergunta para reflexão da paciente, e depois passou, fez parte, mas não apareceu mais depois. E seguimos em frente com outros temas. (Talita).

Este foi um assunto muito carregado de emoção: vimos nos relatos das supervisões o papel importantíssimo do professor-supervisor e o fato de tal espaço ser de abertura para o assunto espiritual, promovendo crescimento e aprendizado. Cabe ressaltar que o comentário de Natália enriquece as questões da importância da supervisão, da relação professor-aluno e até do papel da terapia do próprio psicólogo na integração da espiritualidade:

Tem uma coisa que é muito importante pra mim. Eu pude compreender melhor a minha espiritualidade fazendo terapia, principalmente por uma característica da terapeuta que eu escolhi; ela é professora onde estudo e também é religiosa, e eu senti que dentro da análise a minha questão espiritual foi muito respeitada e fortalecida. Então eu acho que é legal pensar nisso, que é possível (...). Embora eu não consiga me entender ainda como profissional

lidando com a espiritualidade, mas como paciente eu me senti muito compreendida e ela me ajudou muito nesse aspecto. (Natália).

5.4.3. A ausência de formação consistente na área da Espiritualidade

Pargament considera duas posições gerais particularmente perigosas: a intolerância espiritual, revelada em uma atitude de rejeição ou exclusivismo, e a ignorância espiritual do terapeuta (PARGAMENT, 1997; 2007). Nos encontros do grupo a característica apresentada com maior ênfase foi a ignorância espiritual, e essa constatação vai ao encontro de Pargament (2007):

(...) o maior problema dos psicoterapeutas é a falta de conhecimento sobre espiritualidade. Sem instrução e sem conhecimentos específicos muitos psicoterapeutas se encontram impossibilitados de entender a espiritualidade, por estarem desfamiliarizados com as pesquisas empíricas na área da Psicologia da Espiritualidade, desinformados a respeito dos caminhos e dos destinos espirituais; assim, desvalorizam as diferentes tradições religiosas e, portanto, tornam-se inaptos para avaliar e abordar a espiritualidade na psicoterapia. (PARGAMENT, 2007).

Essa ideia reforça a sugestão da Luiza: “Em um dos semestres finais seria bom que todos pudessem passar a olhar a espiritualidade dessa maneira. Creio que dentro da Psicologia devia surgir uma disciplina em relação a isso que pudesse orientar todo mundo a trabalhar com isso” (Luiza). Reafirma-se a ausência de preparo de várias maneiras: “Tá, a pessoa faz isso [fala de religião] e dá uma pausa; não é como alguns assuntos que de tanto você ouvir já sabe mais ou menos como se conduzir. Sobre isso a gente não sabe como, não tem qualquer tipo de orientação” (Júlia); “Falta na faculdade (...) os teóricos falaram sobre isso, mas [os professores] não falam como tocar neste assunto (...) e eu também não conheço nenhuma técnica(...) [todos riem] (...)” (Natália).

Pargament insiste em aproximar os avanços na pesquisa com o preparo dos psicólogos para o trabalho na clínica. Entende que essa aproximação não se faz por meio de um programa rígido e não é um processo pontual e acredita que essa formação deve ter componentes formais e informais. Sobre o preparo formal sugere seminários de pós-graduação em Psicologia da Religião e da

Espiritualidade, cursos de religiões comparadas, integração das questões espirituais nas aulas de outras disciplinas, supervisão espiritualmente sensível de casos clínicos e educação contínua em espiritualidade, mantendo os psicoterapeutas atualizados em relação aos avanços na área. (PARGAMENT, 2007).

Como preparo informal sugere a participação em cultos de grupos religiosos diversos, a exploração da literatura sagrada das grandes tradições religiosas, a aproximação a líderes e membros de grupos religiosos para conversar sobre o papel que a comunidade religiosa desempenha em suas vidas e até a presença em rituais e cerimônias espirituais que explicitem os métodos de enfrentamento promovidos por membros de diferentes tradições religiosas. (PARGAMENT, 2007). Estas últimas sugestões até soariam estranhas para alguns psicólogos, mas ele as defende:

Faltando estes tipos de experiências diretas, os psicoterapeutas muitas vezes ficam imersos em desinformação e estereótipos espirituais. O que é preciso é coragem de deixar a segurança dos conceitos e experiências religiosas familiares (ou dos consultórios), e aventurar-se em novos e desconhecidos contextos religiosos, expressando um sincero interesse em aprender sobre a vida espiritual de seus participantes. (PARGAMENT, 2007).

5.4.4. Habilidades a promover na formação do terapeuta

Após todas as discussões, e em resposta à pergunta sobre como deveria ser um psicólogo capacitado para lidar com a espiritualidade, noto uma grande semelhança entre o relatado pelo grupo e o que Pargament (2007) recomenda. Percebo a consciência sobre as posturas negativas que o terapeuta pode apresentar em palavras como “imposição”, “negação” e “fuga”. Pargament identifica as duas primeiras como intolerância espiritual por rejeição ou exclusivismo. A fuga “é o que mais fazemos” (Natália) e pode ser relacionada com a ignorância espiritual, com a falta de habilidade para lidar com o assunto.

O autoconhecimento espiritual está entre as características positivas e as habilidades: “(...) eu acredito que seja um terapeuta que sabe reconhecer

dentro da crença dele o que é sagrado e que desenvolve a sua espiritualidade de maneira sadia e consciente, acredito que esse seja o primeiro passo” (Natália). Para Pargament (2007) o autoconhecimento permite ao terapeuta identificar seus próprios valores, pontos fortes, vulnerabilidades, preconceitos e pontos cegos, reduzindo a probabilidade de coerção e favorecendo a autenticidade na relação terapêutica.

Dar importância ao tema mostra abertura ao diálogo: “Deveríamos realmente ouvir o paciente, porque se de fato você não escuta, não entende o que ele quer te passar, e assim você perde um ponto importante” (Mônica). Demonstrar respeito pelo que o paciente traz indica tolerância. “Respeitar a pessoa e o sofrimento que ela está trazendo diante de nós em terapia, porque não respeitamos se, de repente, mudamos de assunto para não entrar nele” (Talita); “Saber questionar. Porque quando o assunto vem a gente não questiona, e de repente, se fosse um outro assunto, nós nos interessaríamos mais, então nossa posição deveria ser de mais interesse” (Júlia). A última característica ou habilidade foi citada por Ana:

O conhecimento também. Porque questionar faz com que conheça a visão do outro e me coloque no lugar dele, e assim criar empatia pelo paciente. Nós estamos falando muito no âmbito evangélico, mas no mundo todo existem muitas outras religiões e visões de mundo que desconhecemos. Por isso a importância de fazer esses questionamentos para saber a visão de mundo do outro. Ou seja, pesquisar. (Ana).

Ao abordar essas características Pargament (2007) diz que o conhecimento espiritual, a abertura, a tolerância, o autoconhecimento e a autenticidade são qualidades essenciais para compreender a espiritualidade do paciente. Esse conhecimento transcende qualquer conjunto de ensinamentos, crenças e práticas espirituais e, para ele, baseia-se na sabedoria de conseguir agregá-los de forma a serem úteis ao processo terapêutico.

5.4.5. O grupo como elemento facilitador para a formação da Espiritualidade

Segundo Pargament não há um curso padrão ou uma proposta de atividade única que se deva seguir para favorecer a relação entre psicoterapia e espiritualidade, que se expressa em um sem número de formas. (PARGAMENT, 2007, p. 17). O importante é que a formação ofereça uma perspectiva conceitual e prática, deixando o caminho livre para o surgimento de iniciativas que a promovam.

Para as participantes a realização do grupo foi positiva em sua formação, desenvolvendo habilidades importantes para o psicólogo espiritualmente integrado. Primeiro, promovendo a abertura necessária para iniciar o diálogo:

Pra mim foi muito bom poder conversar sobre tudo isso. Foi além das expectativas, porque a gente pensou "ah, vai ser legal", mas a gente não imaginou quão rico isso seria para nós. Refletimos sobre alguns questionamentos que ficam latentes durante toda a nossa formação (...). (Júlia).

Esses poucos encontros me fizeram abrir mais espaço e me senti mais necessitada de estudar sobre esses dois assuntos que parecem não se misturar, mas que na verdade fazem todo o sentido juntos. (Mônica).

Os encontros foram muito benéficos, primeiro porque nos possibilitaram falar sobre o assunto que muitos vezes é evitado nas salas de aula, e segundo por nos auxiliar com indicações de leituras e ideias vindas de autores que discutem de maneira profunda e acadêmica o tema. (Natália).

Segundo, promoveram a aquisição de novos conhecimentos:

Ampliaram meu modo de pensar, ver e entender a espiritualidade e a sua dimensão. Muitas vezes acabava focando ou limitando o sentido de espiritualidade (...). (Luiza).

Os encontros me possibilitaram o espaço para compreender melhor ou reestruturar os significados de cada uma dessas dimensões para mim. (Júlia).

Os encontros me possibilitaram um espaço e uma abertura de reflexão e sim, me auxiliaram bastante na tarefa de distinguir de maneira clara que espiritualidade vai muito além de crenças e doutrinas, ao ouvir as trocas de experiências e ideias entre os participantes. (Júlia).

Terceiro, dando a oportunidade de desenvolver o autoconhecimento:

O grupo ajudou bastante a ver essa dimensão da espiritualidade que as vezes é focada muito na religião e na verdade é muito mais que isso(...); e eu consegui enxergar isso aqui também, nas conversas que fomos tendo. (Luiza).

Entendendo a dimensão de espiritualidade primeiramente na minha vida, pude entender melhor a espiritualidade na vida das pessoas que estão a minha volta e conseqüentemente o trabalho como psicólogo pode se expandir (...). Obrigada de verdade! Foi muito bom, serviu bastante! (Luiza).

Esses encontros agregaram bastante. Sempre senti falta de discussões que falassem sobre a espiritualidade e a profissão que escolhi; mesmo tendo disciplinas de cunho religioso me sentia

carente deste contato. Os encontros me possibilitaram refletir sobre a minha própria espiritualidade e como a minha espiritualidade reflete no meu preparo profissional. (Júlia).

Quanto a minha espiritualidade, os encontros me fizeram pensar um pouco sobre o que realmente significa isso para mim, e confesso que preciso me aprofundar mais. (Mônica).

Em cinco anos de faculdade não tive espaço para pensar sobre os limites e encontros entre clínica psicológica, espiritualidade e ética profissional. Os encontros me fizeram perceber o quanto estou treinada a ignorar ou a interpretar à minha maneira a fé, sem suporte acadêmico. (Natália).

Considero ter sido importante, sobretudo por me fazer olhar para mim e desejar encontrar de que maneira tenho expressado minha espiritualidade e encontrar aquilo que elegi com sagrado. Penso que para me tornar uma profissional melhor qualificada preciso considerar um estudo mais aprofundado sobre o tema. (Natália).

O grupo promoveu, assim, a oportunidade de adquirir novos conhecimentos sobre espiritualidade em uma perspectiva psicológica e, principalmente, a abertura e o autoconhecimento necessários sobre essa parte da vida que por vezes elas sentiram negligenciada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa procurei compreender como alunas do último ano de um curso de Graduação em Psicologia relacionavam Espiritualidade e Psicologia, por meio da participação em um grupo temático. O objetivo foi alcançado na medida em que, por meio da análise do material levantado e das conclusões dessa análise, pude compreender as relações estabelecidas pelas alunas, o que me permitiu refletir sobre as possibilidades de aproximação entre as duas áreas durante o processo de formação do psicólogo.

Para mim a reflexão sobre o tema foi um desafio pessoal, na medida em que as questões que surgiram provocavam ressonâncias e me levavam a refletir sobre minha trajetória como adventista e como ex-aluno dos cursos de Psicologia e de Teologia e sobre meus anos de trabalho docente, pastoral e clínico. Fui funcionário da IES onde as colaboradoras estudam, mas o fato de estar imerso nesse ambiente não foi um empecilho na execução da pesquisa: pude realizar um trabalho de interpretação livre de pré-conceitos, o que me trouxe crescimento como pesquisador e psicólogo.

Procurei suspender considerações pessoais e ideias prévias, para que as respostas encontradas não fossem contaminadas por minha ótica. Embora a princípio eu não considerasse simples deixar que as informações apresentadas falassem por si, sinto-me satisfeito em perceber que respeitei os procedimentos propostos para esta pesquisa. Apesar dessa suspensão, considero importante retornar às colocações iniciais, pois ao compreender o que aconteceu com o grupo de alunas eu encontrei respostas para a minha própria busca.

Para Ancona-Lopez (2009), a pesquisa tem por função fecundar o pesquisador, pois, ao refletir sobre sua questão, ele mergulha em um mundo de significados e possibilita a sua própria recriação. Nesse sentido, adquire uma disposição pessoal de busca que compromete o pesquisador consigo e com os seus colaboradores. Sinto que esse fenômeno aconteceu comigo durante a realização desta pesquisa. Assim, se as diferentes compreensões

apresentadas pelas colaboradoras acerca do fenômeno investigado estão isentas de minhas convicções, confesso que no sentido inverso eu fui afetado por elas ao refletir acerca de minha própria vivência.

Sobre a realização do grupo, posso dizer que minhas expectativas em relação a ele foram impactadas. Estava ansioso para oferecer informações que considere não haver recebido na graduação. Ao notar essa atitude, por meio da orientação, fui deixando essa postura de lado para dar lugar a outra, mais adequada à pesquisa, que foi a de mediar o diálogo. A ideia era apresentar as perguntas disparadoras no princípio de cada encontro, permitir a reflexão das participantes e, ao final, realizar uma síntese para o grupo. No entanto, em alguns encontros as perguntas disparadoras ficaram entrelaçadas a assuntos já iniciados antes até de uma introdução formal, mostrando a dinâmica da temática no grupo e o aumento da interação.

A cada encontro percebi o grupo mais aberto para falar de seus pensamentos e vivências. Assim, senti que a espiritualidade foi deixando de ser um assunto isolado sobre o qual falar e se aproximou de algo vivenciado. Assim, as dúvidas e as angústias puderam ser expressas em um ambiente de confiança e respeito. Os relatos do grupo foram ricos e diversos; ao mesmo tempo as participantes se mostraram suficientemente engajadas e integradas ao assunto, aptas para gerar a interação e o interesse necessário para o crescimento e o desenvolvimento dos diálogos.

Priorizar a experiência e a reflexão sobre as questões colocadas beneficiou a pesquisa, o conhecimento e o crescimento do grupo. Os assuntos relacionados à prática clínica chamaram mais atenção do que os referentes aos conceitos sobre espiritualidade. No decorrer das discussões as colaboradoras ganharam confiança para pensar em formas de abordagem no atendimento clínico. Ao serem incentivadas, as experiências pessoais mostraram-se interligadas com a maneira como elas veem a espiritualidade dos demais. A forma particular como cada uma atua frente ao tema foi notada nos encontros, dando a oportunidade para o intercâmbio de experiências.

A duração e o local de cada encontro atenderam às necessidades da pesquisa, no entanto, penso que um número maior de encontros, integrados a uma proposta curricular, preveniriam o conflito com as atividades acadêmicas

oficiais, e possibilitariam organizar um número de grupos que integrassem todos os alunos do curso. Organizar o grupo foi favorável à abertura e ao autoconhecimento, habilidades necessárias para lidar com o cliente espiritualizado. As falas do grupo confirmaram grande parte das colocações teóricas apontadas nos capítulos iniciais desta dissertação. Mas, antes de voltar para as conclusões advindas das falas do grupo, cabe aqui fazer algumas considerações sobre a escolha do referencial teórico.

Foi um desafio utilizar apenas um autor como referencial teórico, mas a escolha foi tomada considerando que seria positivo aprofundar o conhecimento sobre as concepções de Pargament. Longe de esta ser a única leitura possível, alcancei o objetivo de conhecer melhor o pensamento do autor e apresentá-lo de um modo diferente ao público brasileiro, já que sua obra mais importante ainda não foi traduzida ao português e seus aportes ainda são pouco conhecidos. O que me levou a eleger Pargament foi perceber nele uma abordagem que une teoria, prática clínica e sugestões para sistematizar conhecimentos, embora não identificada explicitamente com uma linha teórica específica, o que talvez limitasse a sua utilização. Essa escolha foi feliz, na medida em que pude notar a mesma abordagem nos discursos do grupo o tempo inteiro.

Seus alertas sobre as dificuldades dos psicoterapeutas lidarem com a espiritualidade e as habilidades que devem desenvolver para isso foram o ponto mais alto de sua contribuição para a análise, pois têm relação próxima com o que as colaboradoras apresentaram. Por isso acredito que essas características, juntamente com as sugestões práticas do autor, podem ser implementadas na busca por uma integração maior da Espiritualidade à Psicologia Clínica brasileira; iniciativas semelhantes junto a outros grupos e uma maior amplitude teórica são fundamentais.

O tema Espiritualidade e Psicologia foi relevante para as seis alunas que participaram do grupo: elas reconhecem a importância da dimensão espiritual, mas não conseguem caracterizar de forma clara sua natureza e dinâmica. Notei diferenças nos posicionamentos, mas tanto as considerações diretas sobre Deus quanto a visão mais generalista de experiências ou objetos com características do sagrado integram a concepção de espiritualidade como

vivência, experiência e relacionamento com o sagrado. Por isso, justamente, os comentários contrários podem ser consideradas complementares.

As alunas notaram a presença da espiritualidade em diversos assuntos da vida humana, mas frequentemente como um elemento secundário das vivências, e não como um elemento essencial. Houve o consenso de que a espiritualidade é pessoal e íntima e a religiosidade é mais rígida e socialmente estruturada.

A experiência pessoal de cada uma das participantes serviu para ilustrar a ideia de “processo” como elemento chave na compreensão da espiritualidade. Júlia enfatizou sua autonomia em relação à escolha da religião; Mônica refletiu sobre suas diversas influências; Natália e Ana apontaram a influência dos relacionamentos familiares e sociais na conformação da espiritualidade. A discussão sobre a intencionalidade e o protagonismo do indivíduo na relação com o sagrado foi chave na compreensão da espiritualidade, intimamente relacionada aos conceitos pessoais de Deus e de vida. Elas consideraram a espiritualidade passível de estudo pela Psicologia, mas ainda percebem a religiosidade como mais negativa do que positiva. Também reconheceram que suas crenças religiosas e espirituais foram influenciadas pelo estudo da Psicologia, mas não conseguiram descrever em que medida, nem se de forma positiva ou negativa. Em geral consideram que as crises possibilitam amadurecimento individual. Enfim, os caminhos percorridos pelas colaboradoras em suas experiências com o sagrado indicaram que a dinâmica do sagrado em suas vidas e suas experiências pessoais influenciaram a visão de homem que carregam.

Sobre a relação entre a Psicologia e a Espiritualidade, Mônica defendeu que as duas áreas têm objetivos em comum, mas na visão geral do grupo, mais que juntas, elas poderiam andar paralelamente. A Psicologia poderia ser um elemento de reforço da Espiritualidade, mas para a maioria serviu como elemento de questionamento. Elas reconheceram suas experiências de natureza religiosa e espiritual, mas apresentaram muita dificuldade em transladá-las para o âmbito do psíquico e compreende-las a partir de seus conhecimentos psicológicos.

Sobre o papel da espiritualidade nas crises, questões relativas à sexualidade, crises relacionadas aos grandes eventos da vida, casamento, morte e sofrimentos, todas elas foram referidas como crises nas quais a espiritualidade pode estar envolvida. Ao falar sobre a crise espiritual na perspectiva profissional surgiram as vivências pessoais, que serviram para a autorreflexão.

Os encontros convergiram para o tema de maior expectativa: a espiritualidade no atendimento clínico. A tônica da maioria dos relatos foi a de reconhecer uma dificuldade em conciliar as duas dimensões e trabalhar com elas conjuntamente de forma satisfatória. Percebi pelos relatos que a constatação de outras investigações, que apontam dificuldades nesse campo, ainda é uma realidade. Em geral as participantes acreditam não ser necessária a abordagem direta e explícita de assuntos religiosos e espirituais para a resolução de problemas no atendimento clínico, mesmo que o conteúdo religioso surja no discurso. Pensam ser mais importante trabalhar temas psicológicos essenciais, para que a espiritualidade que vem como acessória, possa ser resolvida indiretamente. Justificam suas dificuldades pela falta de discussões pertinentes no curso e sentem falta de supervisões que acolham essas manifestações e orientem as intervenções clínicas.

A relação entre a espiritualidade do terapeuta e a do cliente proporcionou mais considerações. Enquanto a maioria se posicionou de forma neutra, houve uma declaração favorável ao fato de o terapeuta e o paciente compartilharem os mesmos valores religiosos; as reações mostraram que essa questão ainda é polêmica.

A autorrevelação mostrou que não costumam explicitar seus valores religiosos. Essa tendência reforça o risco de proceder com miopia espiritual, deixando de ver aspectos da vida do paciente que podem ser importantes. Ficou clara a tendência de restringir a atuação ao campo conhecido e deixar de lado o campo espiritual. Essa esquiva do assunto é justificada pela importância dada à neutralidade terapêutica. A inviabilidade do atendimento psicológico devido à “incompatibilidade” dos valores pessoais com os valores do cliente foi discutida e o encaminhamento para outro terapeuta foi apontado como uma possibilidade.

A observação de que os terapeutas respondem a questões espirituais com preconceitos e estereótipos não surpreende. A causa disso para Pargament é a falta de preparo adequado para lidar com questões de religião e espiritualidade. Tal afirmação é corroborada pelo que surgiu nos relatos do grupo, no qual noto a consciência da necessidade de preparo para trabalhar com a espiritualidade do cliente na clínica, pois o despreparo impossibilita, essa atuação. Noto que este assunto – a formação do psicólogo na área de espiritualidade – é muito importante para as colaboradoras. Elas entendem que faltam abordagens e discussões sobre o assunto direcionadas ao atendimento psicológico clínico.

Mesmo imersas em um contexto socialmente favorável a manifestações dessa natureza, como é o de uma instituição adventista, as colaboradoras não encontraram no curso espaço para tal diálogo. As disciplinas de formação espiritual oferecidas pela instituição não são percebidas como suficientes para preparar o psicólogo para lidar com a espiritualidade na clínica. Na prática do atendimento psicológico essa lacuna fica explícita e nota-se angústia, fruto da percepção do próprio despreparo e da falta de base para lidar com esse assunto, que fora do âmbito do atendimento psicológico aparentemente é tão natural em suas vidas. Há relatos de poucos momentos em sala de aula em que o assunto é apresentado de forma a promover o diálogo e outros, em maior número nos quais a tendência é reprimi-lo. A figura do professor-supervisor mostrou-se fundamental na condução e no enfoque do tema, favorecendo o diálogo sobre espiritualidade na Psicologia ou reprimindo qualquer manifestação sobre o assunto.

As colaboradoras falaram das supervisões de uma forma carregado de emoção, o que evidencia o papel importante do professor-supervisor. As colaboradoras esperam que ele esteja aberto para o assunto espiritual, promovendo crescimento e aprendizado. A mesma observação vale para os seus terapeutas. Cabe ressaltar o comentário esperançoso de Natalia, quando disse que sua terapeuta foi muito acolhedora e trabalhou muito bem os assuntos de espiritualidade com ela, trazendo-lhe muita satisfação e a esperança de que é possível realizar um trabalho clínico espiritualmente sensível.

Nos encontros observei que a característica que se apresentou com maior ênfase foi a falta de conhecimento sobre espiritualidade ou ignorância espiritual, apontada por Pargament (2007). Após todas as discussões e em resposta à pergunta de como deveria ser um psicólogo capacitado para lidar com a espiritualidade, pude notar uma grande semelhança entre o relatado pelo grupo e o que o autor recomenda. O grupo sugere que um psicólogo capacitado para trabalhar com a espiritualidade no atendimento clínico deveria apresentar as seguintes habilidades: abertura ao diálogo, respeito e tolerância para com o que o paciente traz, capacidade de questionar e adquirir conhecimento sobre o assunto e, principalmente, disposição ao desenvolvimento de um autoconhecimento espiritual.

Sobre as posturas negativas que o terapeuta pode apresentar foram citadas a imposição, a negação e a fuga. Pargament identifica as duas primeiras como intolerância espiritual por rejeição ou exclusivismo. A fuga é apresentada por Júlia, com o complemento de Natália, que diz “que é o que mais fazemos”. Pode ser relacionada com a ignorância espiritual, e levar a uma falta de habilidade para lidar com o assunto. Pude encontrar também algumas características positivas e habilidades, como o autoconhecimento, a importância dada ao tema, mostrando abertura ao diálogo, e o reconhecimento da importância de adquirir conhecimento sobre o assunto.

Segundo as participantes o trabalho no grupo foi positivo para a formação. O grupo proporcionou a oportunidade de abrir-se para várias questões da espiritualidade e, principalmente, promoveu o autoconhecimento nessa parte da vida que elas sentiram ter sido negligenciada no curso.

Por fim, as conclusões a que cheguei me permitem afirmar de que como a Psicologia e a Espiritualidade estão interessadas no mesmo objeto de estudo, o ser humano, a visão de homem é importantíssima. As alunas adventistas do curso de graduação em Psicologia apresentam interesse no assunto da Espiritualidade, fruto de suas vivências religiosas pessoais, mas ao abordar esse assunto como estudantes ou profissionais tendem a encará-lo de uma forma mais neutra e distante.

É preciso considerar, no entanto, que as colaboradoras são alunas de uma universidade confessional e, portanto, o seu interesse no tema pode não

refletir a posição de alunos de instituições laicas, e também que as colaboradoras mostraram vontade de apreciar os dois campos para atender o cliente de uma forma mais completa, mas reconhecem a falta de preparo para atuar com esse assunto; por isso mesmo, a experiência do grupo foi muito acolhida e considerada positiva por todas.

Ao final deste trabalho sei que não esgotei a discussão acerca do tema. Esta pesquisa me suscitou novas questões, dentre elas a da validade da inserção de disciplinas nos programas dos cursos de Psicologia que contemplem a importância da dimensão espiritual e como implementá-las. Enfim, esta e outras questões poderão ser consideradas em outra oportunidade por pesquisadores que se interessam pelas relações entre a Psicologia e a Espiritualidade. Acredito que novas pesquisas contribuirão para o desenvolvimento da interlocução entre ambas.

Ressalto do processo de elaboração não só a possibilidade de colher as informações referentes ao objetivo da pesquisa, mas também, mesmo que de forma embrionária, a busca por possibilidades que gerem espaços de crescimento nessa área. A escolha de um autor pouco conhecido pelo público brasileiro e a realização de um grupo inédito para a realidade educacional descrita foram um primeiro passo que pode levar a outros e promover o bem-estar e a felicidade humana.

Chegando ao final desta pesquisa posso olhar para trás e perceber que se no início da trajetória sentia-me em um rio, remando sozinho, sinto-me agora desembocando em um mar de possibilidades, um oceano de caminhos e leituras, tão amplo quanto a beleza da psique humana. Longe de haver chegado ao final dessa travessia sinto-me aguardando as novas rotas; afinal, navegar é preciso!

III. Padrão
Fernando Pessoa

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.

*A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.*

*E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.*

*E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.*

REFERÊNCIAS

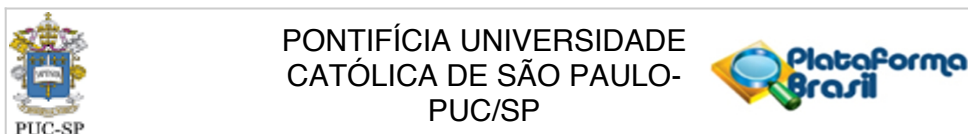
- ANCONA-LOPEZ, M. *A experiência religiosa na prática clínica*. In: **Seminário Psicologia e Senso Religioso: Anais do Seminário. Resumos** (p.63-64) Ribeirão Preto, SP: Salus, 2007.
- _____. *A espiritualidade e os psicólogos*. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, pp. 147-155 (2005).
- ASTIN, A. W. et al. **The Spiritual Life of College Students: A National Study of College Students' Search for Meaning and Purpose**. Los Angeles: Higher Education Research Institute, 2005.
- ÁVILA, A. **Para conhecer a Psicologia da Religião**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BRITO, H. L. **Coping religioso: implicações para a prática clínica**. 2011. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2012-01-18T103956Z-867/Publico/Herica%20Landi%20de%20Brito.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2011.
- CESAR, C. F. D. A. **Histórias de vida, opções teóricas em Psicologia: uma abordagem fenomenológica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- COSTA, W. et al. *The Lack of Teaching/Study of Religiosity/Spirituality in Psychology Degree Courses in Brazil: The Need for Reflection*. **Journal of Religion and Health**, sep-2010, vol. 49, issue 3, pp. 322-332.
- CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2.Ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- ESTEVES, M. C. S. **Os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de psicologia**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- DENZIN, K N. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, (2006).

- FARIA, J. B.; SEIDL, E. *Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura*. In: **Psicologia. Reflexão e Crítica**, 18(3), pp. 381-389, (2005).
- GILES, G.; PARKER. *Editorial*. In: **Qualitative Research in Psychology**, vol. **1(1)**, 2004.
- HATHAWAY, W. L., SCOTT, S. Y., & GRAVER, S. A. *Assessing religious/spiritual functioning: A neglected domain in clinical practice*. **Professional Psychology: Research and Practice**, 35, 97-104 (2004).
- _____. *Clinical practice with religious/spirituality issues: Niche, proficiency, or specialty*. **Journal of Psychology & Theology**, 35, 16-25 (2008).
- _____. *Ethical Guidelines for Using Spirituality Oriented Interventions*. in: **Spiritually Oriented Interventions for Counseling and Psychotherapy**. M. Leach, M. McMinn, & E. Worthington. (Eds). Washington, DC: American Psychological Association Press, (2011).
- _____. *Pathways toward graduate training in the clinical psychology of religion and spirituality: a spiritual competencies model*. In: PARGAMENT, K.; MAHONEY, A.; SHAFRANSKE, E. (Eds.) **APA Handbook of Psychology, Religion, and Spirituality, vol. 2: An Applied Psychology of Religion and Spirituality**. Washington, DC: American Psychological Association, 2013.
- LUCZINSKI, G. F. **O psicólogo clínico e a religiosidade do cliente: impactos na relação terapêutica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- MARTINEZ, M. M. **Comportamiento Humano: Nuevos métodos de investigación**. Cidade do México: Trilhas, 1994.
- PAIVA, G. J. **A religião dos cientistas: uma leitura psicológica**. São Paulo: Loyola, 2000.
- PANZINI, R.; BANDEIRA, D. R. *Escala de coping religioso-espiritual (ESCALA CRE1): elaboração e validação de construto*. In: **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 10, n. 3, pp. 507-516, set./dez. 2005.

- PARGAMENT, K. I. *Curriculum Vitae*. Disponível em: <<http://www.bgsu.edu/departments/psych/page33121.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- PARGAMENT, K.I. **The psychology of religion and coping: Theory, research, practice**. New York: Guilford Press, 1997.
- PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H.G. & PEREZ, L. *The Many Methods of Religious Coping: Development and Initial Validation of the RCOPE*. In: **Journal of Clinical Psychology**, vol. **56(4)**, 519–543 (2000).
- PARGAMENT K.I.; MURRAY-SWANK, N. & MAGYAR, G.M. *The sacred and the search for the significance: Religion as a unique process*. **Journal of social Issues**. 61, 665-687 (2005).
- PARGAMENT, K. I. **Spiritually integrated psychotherapy: understanding and addressing the sacred**. New York: Guilford Press, 2007.
- PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. *Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia*. In: **Revista de Psiquiatria Clínica**, vol. **34(1)**. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, pp. 136-145, (2007).
- PUCHALSKI, C., & ROMER, A. L. *Taking a spiritual history allows clinicians to understand patients more fully*. **Journal of Palliative Medicine**, 3(1), 129-137 (2000).
- RICHARDS, P.S.; BERGIN, A.E. **A spiritual strategy for counseling and Psychotherapy**. Washington, DC: American Psychological Association, 2005.
- RIZZUTO, A. M. **The Birth of the Living God**. Chicago; London: University of Chicago Press, 1979.
- SHAFRANSKE, E.P.; MALONY, H.N. **Religion and the clinical practice of psychology**. Washington, DC: American Psychological Association. pp.561-586 (1996).
- ZIMERMAN, D. E. **Trabalhar com Grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ANEXOS

ANEXO A



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICOLOGIA E A ESPIRITUALIDADE EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Pesquisador: Filipe Freitas de Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 22301114.9.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 628.103

Data da Relatoria: 14/04/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Filipe Freitas de Souza, sob a orientação da Profa. Dra. Marília Ancona Lopez.

A proposta visa "(...) buscar compreender como os alunos relacionam psicologia e espiritualidade em um grupo de reflexão temática, a fim de refletir sobre as possibilidades de aproximação entre essas áreas para a formação do psicólogo."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Compreender como os alunos relacionam psicologia e espiritualidade em um grupo de reflexão temática, a fim de refletir sobre as possibilidades de aproximação entre essas áreas para a formação do psicólogo.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Aluno(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Um diálogo entre a psicologia e a espiritualidade em um curso de graduação em psicologia”**.

Esta pesquisa **pretende** compreender os efeitos da participação em um grupo de reflexão temático sobre psicologia e espiritualidade na formação de futuros psicoterapeutas.

Acreditamos que esta pesquisa seja **importante** porque, mesmo havendo um crescente número de pesquisas no âmbito da psicologia da religião ainda existem poucos trabalhos acadêmicos falando sobre o preparo e formação do psicólogo para lidar com questões da espiritualidade e também, um pequeno número de iniciativas práticas sistematizadas para cobrir esta lacuna. E esta pesquisa pode representar um bom primeiro passo rumo à formulação de propostas para a realidade brasileira.

Para a realização desse projeto, **o pesquisador Filipe Freitas de Souza** realizará observações em um grupo de reflexão temática sobre psicologia e espiritualidade, criado especificamente para este fim, grupo para o qual você é convidado a participar. Serão realizados cinco (5) encontros em uma sala de aula cedida pelo centro universitário. Estes encontros terão a duração de uma hora (1h) em média, com uma periodicidade semanal. Os encontros serão gravados em áudio e os demais depoimentos colhidos por escrito serão utilizados juntamente para análise.

Os riscos e desconfortos com a realização dessa pesquisa são mínimos e podem estar associados ao fato de você ter que lembrar e/ou falar de suas vivências no grupo. Esperamos que, com os resultados deste estudo, **você possa se beneficiar** da ampliação dos procedimentos que valorizem o conhecimento sobre espiritualidade como elemento importante no processo de formação de futuros psicoterapeutas.

Durante todo o período da pesquisa **você tem o direito de tirar qualquer dúvida** ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com o pesquisador ou com o Conselho de Ética em Pesquisa, cujos contatos estão no final deste termo. **Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar** ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Sua participação na pesquisa **não acarretará despesas para você** em qualquer fase do estudo, e **você não receberá pagamento pela participação da mesma**, pois esta será **voluntária**.

Destacamos que as **informações desta pesquisa são confidenciais** e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, onde não haverá identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação através do uso de nomes fictícios e da não divulgação de dados pessoais que possam identificá-lo. Fica também **garantida indenização** em casos de

danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Autorização:

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. **Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.** Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário

* Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

* _____

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Você poderá tirar dúvidas ou obter outros esclarecimentos do pesquisador, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone.

Filipe Freitas de Souza

Rua João Cancian, 203 Pq. Hortolândia

Hortolândia - SP CEP: 13184-100

Telefones: (19) 3504-4801/ (19) 98122-7303

E-mail: filipefsouza@gmail.com

Este estudo foi apreciado e aprovado com o número 628.103 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP-PUC/SP), coordenado pelo **Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho**, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, no Campus Monte Alegre localizado no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br.

ANEXO C

RELATOS ESCRITOS A RESPEITO DO GRUPO PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Pergunta Norteadora: **O que esses encontros sobre Psicologia e Espiritualidade fizeram você pensar a respeito de sua própria espiritualidade e de sua atuação como psicólogo(a)?**

Luiza

Os encontros foram ótimos. Ampliaram meu modo de pensar, ver e entender a espiritualidade e a sua dimensão.

Muitas vezes acabava focando ou limitando o sentido de espiritualidade, e desse modo limitava a maneira como via as coisas e o mundo. Entendendo a dimensão de espiritualidade primeiramente na minha vida, pude entender melhor a espiritualidade na vida das pessoas que estão a minha volta e, conseqüentemente, o trabalho como psicóloga se expandiu e cresceu muito. Minha nova visão em relação a esse tema cresceu muito e, com certeza, além de agregar valor a minha vida pessoal, com certeza me fará ser uma psicóloga melhor.

Em relação ao "sagrado", pudemos concluir que existe uma subjetividade e uma singularidade muito grande em relação às pessoas em geral e o que cada uma denota como sagrado. O que é sagrado para um não necessariamente é sagrado para o outro, e onde eu deposito a minha energia, dedico mais tempo e tenho mais prazer, não necessariamente é o mesmo do outro. Cada um tem a individualidade e a espiritualidade.

Os encontros me ajudaram muito a ampliar meu modo de ver as coisas em geral. Seria muito interessante se em um dos semestres finais todos pudessem passar a olhar a espiritualidade dessa maneira.

Julia

Pensando que eu estudo em uma instituição confessional e compartilho dos princípios religiosos que permeiam a mesma, esses encontros me agregaram bastante. Sempre senti falta de discussões que falassem sobre a espiritualidade e a profissão que escolhi: mesmo tendo disciplinas de cunho religioso, me sentia carente deste contato. Os encontros me possibilitaram refletir sobre a minha própria espiritualidade e como a minha espiritualidade reflete no meu preparo profissional. Penso que passamos cinco anos estudando para buscar "preparo" e "direções" como profissionais (prefiro pensar que a faculdade é somente o início do trajeto, como uma porta de largada). E por ser um assunto tão delicado preferi muitas vezes esconder e reprimir essa parte por não saber lidar com o assunto. Em alguns momentos abri mão de buscar enriquecer a minha espiritualidade com o Deus, que acredito por conflito mesmo, e questionei varias vezes a Psicologia, com indagações relativas à dificuldade em conciliar esses dois aspectos tão importante para mim.

Os encontros me possibilitaram o espaço que estendi para compreender melhor, ou melhor, reestruturar os significados de cada uma dessas dimensões para mim, e cheguei a um pensamento: o ser humano é dinâmico, como vi e comprovei durante esses anos, e fazem parte dele suas emoções, experiências, desejos, enfim. E quando se faz uma distinção, que é sempre necessária, sobre a religião e o espiritual, se tem a possibilidade de pensar em como que a parte espiritual do ser humano é importante; é um meio no qual ele expressa muitas vezes seus desejos, medos, aflições, prazeres etc. A Psicologia entra como auxiliadora desse indivíduo – e por que não ter um exercício para aprender como isso é interligado?

Os encontros me possibilitaram um espaço e uma abertura de reflexão e, sim, me auxiliaram bastante na tarefa de distinguir de maneira clara que a espiritualidade vai muito além de crenças e doutrinas, ao ouvir as trocas de experiências e ideias entre os participantes.

Mônica

Esses encontros foram bastante agradáveis, pois pensei muito em como nesses 5 anos estudando em uma instituição religiosa é difícil fazer essa relação entre a Espiritualidade e a Psicologia. Esses poucos encontros me fizeram abrir mais espaço e me senti mais necessitada em estudar sobre esses dois assuntos, que parecem não se misturar, mas que na verdade fazem todo o sentido juntos.

A espiritualidade e o objetivo da Psicologia caminham no mesmo sentido, que resumidamente é o bem-estar do ser humano. Quanto a minha espiritualidade, os encontros me fizeram pensar um pouco sobre o que realmente significa isso para mim, e confesso que preciso me aprofundar mais.

Enfim, se tiver alguma dúvida, estou à disposição!

Natália

Os encontros foram muito benéficos, primeiro porque nos possibilitaram falar sobre o assunto, que muitos vezes é evitado nas salas de aula, e segundo por nos auxiliar com indicações de leituras e ideias vindas de autores que discutem de maneira profunda e acadêmica o tema.

Quando digo que o assunto foi evitado não quero dizer que não se respeita a escolha espiritual no setting terapêutico, mas que não sabemos o que fazer e de que maneira compreender essa esfera da vida do indivíduo. Em cinco anos de faculdade não tive espaço para pensar sobre os limites e encontros entre clínica psicológica, espiritualidade e ética profissional. Os encontros me fizeram perceber o quanto estou treinada a ignorar ou a interpretar à minha maneira a fé, sem suporte acadêmico.

Considero ter sido importante, sobretudo por me fazer olhar para mim e desejar encontrar de que maneira tenho expressado minha espiritualidade e encontrar aquilo que elegi com sagrado. Penso que para me tornar uma profissional melhor qualificada preciso considerar um estudo mais aprofundado sobre o tema.

ANEXO D

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO Nº2

2º Encontro – Grupo sobre Psicologia e Espiritualidade

No horário combinado vão chegando as participantes e de forma natural inicia-se um diálogo informal sobre religião e espiritualidade. Início a gravação mesmo sem fazer uma abertura oficial do segundo encontro.

Talita: Você acredita que não é necessária a formulação de uma Psicologia Adventista, ou uma teoria psicológica cristã para adventistas?

Pesquisador: Olha, eu já pensei nisso, e não sou o único psicólogo adventista que pensa nisso, mas a meu ver já existem muitas teorias e abordagens psicológicas. O autor que eu estudei mais profundamente é mais cognitivo, ele faz uma tentativa de construir uma leitura teórica. Não dá tempo de falarmos tudo sobre o assunto, mais a maioria dos estudiosos do assunto procura, a partir das teorias que já existem, como a psicanálise, o behaviorismo, o humanismo e as abordagens transpessoais, fazer uma leitura da espiritualidade. Especificamente psicólogos ou pesquisadores adventistas não têm muita gente que escreve sobre isso, maiormente os psicólogos de tradição protestante ou evangélica nos Estados Unidos que abordam mais o assunto.

Julia: É verdade... todos os artigos que li sobre isso foram em inglês.

Pesquisador: O que penso é que precisávamos, sendo específico assim, como cristãos, não sei nem se uma teoria, mas algo uma leitura das teorias psicológicas com a perspectiva adventista. Acho isso importante, a chave para mim está no conceito de ser humano.

Talita: É, eu fiz um trabalho sobre modelos de saúde e estudei o modelo biopsicossocial, que alguns autores encontram ultrapassado e os mesmos tentam incluir a espiritualidade; começou com a Gestalt, e surgiu essa questão da espiritualidade.

Pesquisador: A ideia é um modelo biopsicossocioespiritual. Você estuda a Psicologia e quando você vai realizar o trabalho terapêutico é totalmente diferente. Às vezes tem pessoas que fazem uma “colcha de retalhos” – e onde fica a Psicologia? E você faz um curso e ele não te ajuda a estar atendendo aquela demanda? Como você faz? De que perspectiva? Quanto mais crítico com você mesmo for, nesse caso, é melhor, buscando ser mais coerente no trabalho que faz.

Julia: Você não acha mais difícil ser pastor e psicólogo na clínica?

Pesquisador: É o que a Natália falou: as pessoas vêm com uma demanda. Eu trabalho como capelão atualmente, quando me chamam faço aconselhamento é um desafio pra mim e um desafio para a pessoa, mas também é enriquecedor. Todos terão que enfrentar, em algum momento, alguma barreira em relação às expectativas do outro; por exemplo, você como mulher, em alguns momentos assuntos que a pessoa espera que você entenda, ou que você não vai entender por ser mulher ou jovem etc.

Natália: Ou mesmo pela idade, as pessoas têm uma expectativa diferente.

Pesquisador: Então alguém casado diz “ah, não vai me entender”, ou “vai me entender porque é mulher, porque é filha, esposa etc.”.

Natália: Você disse isso e me lembrei que a Mônica foi atender e ela percebeu que a paciente que teve problema no relacionamento teve uma atitude totalmente inusitada quando viu que ela estava

com a aliança de noivado... então, qualquer coisa pode provocar uma resposta inusitada. Qualquer coisa pode provocar uma expectativa ou frustração, mas aquilo do fato de ser pastor foi o que eu disse mesmo, aqui onde estudamos as pessoas vêm procurando uma resposta, também em relação à religião.

Pesquisador: Aproveitando, e já entrando no tema desse encontro, existe uma tese de doutorado muito interessante que fala sobre a escolha dos clientes por seu terapeuta e sua relação com as questões religiosas. Cristãos procuram terapeutas cristãos? É bom ou ruim? Quais as implicações disso? Vale a pena ler...

Talita: Tá falando do paciente?

Pesquisador: É, por exemplo, a pessoa vem aqui na clínica-escola porque a instituição é confessional, porque tem a ideia de que psicólogo que não é cristão, não pode. Uma pergunta: todo mundo aqui é da mesma religião da instituição?

Todas: Sim.

Pesquisador: Isso é bom ou ruim para sua preparação como psicóloga?

Julia: Eu já me fiz essa pergunta porque varias pessoas perguntaram a mesma coisa: o seu psicólogo tem que ser da sua religião ou não importa? Eu tenho duas respostas que não consegui definir qual aceito mais. Ao mesmo tempo tem o aspecto bom, que como terapeuta você teria maior facilidade para compreender a linguagem e a cultura religiosa do paciente, mas a psicoterapia fornece isso a você com o tempo, a habilidade de compreender o contexto, a dinâmica, como compreender o outro. Um outro aspecto seria o ruim... Por exemplo: uma colega psicóloga disse que teve dificuldade em iniciar a carreira porque onde estava haviam muitos cristãos da mesma denominação que ela e eles tinham um pré-julgamento dela e não a procuravam, com medo dela julgar religiosamente suas questões de conflito. Então, até hoje, não conseguia fechar, não consegui fechar até quando é bom ou ruim. O fato é que o bom profissional, cristão ou não, vai exercer o trabalho dele satisfatoriamente.

Pesquisador: Entendo. Eu queria ouvir mais vocês sobre isso, o que acham?

Luiza: Acho que você, como terapeuta não vai colocar as suas questões de religiosidade ao paciente, o que faz sentido pra mim não faz sentido pra ele...

Pesquisador: E alguma de vocês, ao buscar um terapeuta, pensou na questão da religião? Como foi isso?

Talita: Fiz terapia até o semestre passado e meu terapeuta é da mesma religião que eu. Eu não sabia a princípio, mas depois de umas sessões eu percebi... e vou ser sincera, me senti bem melhor, sabendo que ele era da mesma religião, até porque já conhece e já sabe, até porque a gente já conhece e já sabe da opinião do outro em geral. Outro fato é que eu tenho um amigo meu que é cristão e foi fazer terapia; ele estava namorando e falou sobre sexo com a terapeuta, e ela perguntou a ele porque não fazia sexo com a namorada; ele disse que tinha os princípios dele e foi falando com a terapeuta, mas ela disse que isso não tinha nada a ver, ela incentivou-o a fazer sexo com a namorada, e ele não concordou com aquilo, e por ser cristão ele disse que não gostou da abordagem da terapeuta e não voltou mais para as sessões seguintes. E ele comentou que ficou feliz ao conhecer estudantes de Psicologia cristãos. Então, eu fico mais confortável em saber que meu terapeuta é da mesma religião que eu.

Pesquisador: O que você falou acontece, caberia perguntar-se também, com que frequência, né?! Poderíamos nos perguntar se essa atitude foi influenciada pela questão religiosa ou foi uma questão ética? E ela não foi empática o suficiente e infeliz em sua colocação?

Natália: Para mim é mais neste sentido, que ela não foi ética; independente da opção teórica, de ser psicanalista, humanista, comportamental, essa pauta que o paciente trouxe, pelo que ele colocou, mais do que uma questão religiosa, está em jogo você questionar uma escolha do paciente. Não

cabe ao psicólogo induzir, e sim, talvez compreender melhor as razões do paciente para depois acompanhá-lo nesta escolha...

Talita: Mas ele entendeu que ela achava que não era errado fazer sexo, mas como ele tinha princípios e maneira de pensar diferentes ele não gostou...

Luiza: Mas eu acho que o terapeuta tinha que tentar entender mais os motivos do paciente, em todos os aspectos...

Natália: É difícil tocar em alguns assuntos às vezes sem desrespeitar as questões do paciente... mas acho que a religiosidade e a espiritualidade, não é que elas sejam contrárias as questões da Psicologia, mas elas se expressam de maneira que às vezes é difícil compreender melhor as questões pessoais do paciente. Tem gente que interpreta a espiritualidade como questão obsessiva do paciente, mas às vezes, por ser uma pessoa obsessiva, ele expressa de maneira obsessiva a sua expressão espiritual; acho que é isso que tem que ser compreendido, como elas se relacionam.

Julia: Ao fato que a Talita estava falando, a questão espiritual, enquanto terapeuta... tipo eu... pra mim a minha religião é pessoal, pra mim não importa a religião do terapeuta, o que vem primeiro pra mim é a minha concepção da parte espiritual mesmo, a questão de ser cristão pode ter um grupo de cristãos que acreditam na mesma coisa então se juntaram. Pensando recentemente eu estava atendendo um paciente semestre passado e surgia muito a questão de religião, não a parte espiritual, mas religião que ele tinha muito como defesa, pra aquilo que ele desejava, ele jogava tudo pra religião, e apesar de procurar uma instituição confessional, isso surgiu em alguns atendimentos, era com muita frequência que ele trazia, e para agir diante daquilo era difícil, e eu pensava: o que eu tenho que fazer? Será que eu estou plantando questões religiosas, ou ele está trazendo isso? Dava muito trabalho e exigia um pouco de atenção, separar o que ele estava trazendo e minhas impressões...

Pesquisador: E como você separou isso?

Julia: Ele colocava... ele tinha as vontades dele, ele tinha conflitos com a esposa, era muito agressivo nas discussões, ele trazia isso de uma forma, ele era uma pessoa que desafiava demais, ele dizia que a religião dele ditava que o desejo dele não era a atitude correta, e o desejo dele era de divórcio. Ele trazia muito enquanto a igreja, o que a igreja achava, era isso, ele queria o divórcio, era algo, mas ele ia entrar em choque com o que a igreja acreditava, e ele perguntava qual era a minha postura; o paciente estava dizendo assim, olha, ele vivenciava tudo aquilo, e num momento da terapia começamos a conversar sobre a possibilidade dele realmente buscar o divórcio, e ele trazia as justificativas mais em torno do que o pastor iria achar, o que o ancião, ou seja, os outros. E ele perguntou no terceiro encontro: você é adventista? Eu falei: sou. Então a fala dele a partir dali não falava mais dele – claro, eu entendia ele falando, mas tem isso, tem isso, tem isso (questões doutrinárias e da religião), e como psicóloga adventista, talvez, ele ficava com mais medo, pensando: qual seria a minha postura frente a tudo o que ele estava trazendo? Será que eu iria julgá-lo, levando em consideração as minhas crenças religiosas que ele conhecia?

Pesquisador: Você sente que ele expressava mais medo ou confiança?

Julia: É... acho que varia entre esses dois pontos, medo, o que eu vou falar, ela vai me julgar.

Pesquisador: vai lembrando aos pouquinhos a sua história porque na semana que vem nós vamos, continuar entrando nos nossos atendimentos, dando espaço para vocês lembrarem. A Talita ia falar alguma coisa, e eu sinto você um pouco aflita por falar algo... (sorriso).

Talita: É que é assim... quando eu falei a princípio que eu senti que me sentiria mais confortável em relação a ser atendida por um psicólogo adventista é porque eu já fui atendida por um não adventista e eu tive as duas experiências; eu vi essa diferença e, querendo ou não, todo ser humano tem a sua história de vida; e se você chegar e falar que tem neutralidade... me desculpe, eu não acredito nisso, entendeu.

Pesquisador: É um pouco da minha fala da semana passada, eu comentei algo disso...

Talita: Eu não acredito na neutralidade total de Psicologia, e eu tive essa experiência com o que não era e o que era adventista. Por isso, quando você falou deste tema de pesquisa eu fiquei muito interessada, eu achei importante participar, e também já ouvi de pessoas adventistas, não somente deste meu amigo de Barreiras, como de outros também, que já tiveram essa experiência, e outros falando assim: que bom que hoje também temos adventistas que vão ser Psicólogos.

Pesquisador: Entendo...

Talita: Meu parecer é de experiências que eu já tive, entendeu...

Pesquisador: Claro, e essas duas opiniões, acredito não serem necessariamente antagônicas entre si, mas essa discussão é real, ela existe. Não do fato de ser adventista ou não, mas ampliando a ideia, se discute sobre essa questão de terapeutas religiosos e pacientes religiosos ou não.

(As participantes Mônica e Ana chegaram no meio desse primeiro momento de diálogo; por isso senti ser importante dar uma abertura para elas no grupo).

Pesquisador: Deixa eu dar uma introdução pras meninas; tudo bem, Ana e Mônica? É um bate papo aqui, estávamos começando ainda... **A pergunta norteadora de hoje está relacionada com a nossa prática, ou nosso começo de prática como terapeutas; a pergunta é: Você já se defrontou no atendimento com alguma questão relacionada à espiritualidade do seu cliente, ou à sua própria espiritualidade?E como lidou com isso?**

Natália: A separação...

Pesquisador: A separação é o problema em si. Mas qual a dimensão espiritual disso? A ambiguidade entre o valor religioso do que ele quer e o que ele deseja pode ser um problema. É algo muito comum. Que outros problemas espirituais podemos encontrar?

Julia: A sexualidade, a questão da homossexualidade, que está muito em pauta hoje...

Natália: Eu acho que tudo o que envolve um conflito psíquico, tudo relacionado ao desejo, o superego, ou mesmo fora da Psicanálise, vemos isso: o querer e não poder, eu acho que isso gera um sofrimento psíquico e eu acho que, quando isso não é trabalhado de maneira clara, como a pessoa se responsabilizar pela escolha dela, porque às vezes a pessoa não se responsabiliza, ela responsabiliza a crença espiritual que têm, eu acho que isso se torna um problema...

Pesquisador: Claro...

Natália: Mesmo a questão dos papéis. Assim, eu sou de uma família adventista: às vezes observam-se os papéis familiares da mulher, do homem, e apesar dos tempos mudarem e compreendermos de que provavelmente não é isso o que a Bíblia diz, a experiência do sagrado da pessoa valida esse comportamento. A pessoa coloca-se num sofrimento que a família mesma ampara dizendo que isso é o que deve ser; mesmo a pessoa confirmando aquela crença, ela esta nitidamente sofrendo por causa daquela escolha.

Pesquisador: Entendo... vou usar o seu relato para ampliar uma questão interessante. Você disse: "a gente sabe que não é o que a Bíblia diz...". Que tipo de problema é esse?

Todas: (Silêncio).

Pesquisador: Se formos categorizar o problema, talvez seria de ajuste espiritual, podemos dar esse nome. O que acontece quando uma pessoa, por exemplo, santifica algo que é muito limitado em seus atributos espirituais, como a Natália falou: um cantor, um alimento, sei lá... Algumas vezes acontece isso: você pode ter deuses falsos, não no sentido religioso, mas na limitação que eles possuem. Em

outras oportunidades pode haver conflitos sagrados com esses deuses: por exemplo, a pessoa vai numa igreja e entende que o que o pastor fala é lei de Deus. O que acontece quando o pastor erra? O pastor sai da igreja; como a pessoa fica se ela considerava o pastor quase como uma figura divina?

Talita: Mexe muito com ela...

Pesquisador: Mexe por quê? Como se trabalha isso... alguém que gosta da fé mas o pastor foi lá e roubou o dinheiro da igreja?

Talita: Tentar pensar que a pessoa podia falhar, ser humana etc.

Julia: Eu acho que a pessoa depositou no outro a verdade, ela deposita enquanto membro daquela determinada religião, deposita naquele pastor ou qualquer outro irmão da igreja todo seu sentimento e expectativa religiosa. A pessoa pensa: ele é assim, então eu sou assim também. O referencial muda; por isso é tão importante para a pessoa o que acontece. Como você estava falando, essa imagem de Deus, porque eu vejo que ele coloca no outro um deus inferior e que ele é meu espelho; na verdade, se ele é meu espelho e ele não está bem, sinto que eu posso fazer aquilo que é tão condenado dentro da instituição.

Pesquisador: E como você reage numa situação dessas?

Natália: A Julia tocou num ponto muito comum... Às vezes você não precisa nem tocar no assunto da religião, o que aparece mais é o medo da vulnerabilidade dele como pessoa, porque ele vê no outro aquilo e pensa – nossa, o pastor! –mas na verdade o que está muito latente na história é o medo de que, já que ele errou, eu posso errar. Então talvez trabalhar o medo, o pavor desse paciente da vulnerabilidade dele. Como o caso que eu falei, não sei se ficou claro a questão que eu trouxe da família que às vezes, em relação ao adultério, por exemplo, a mulher vai e sustenta toda aquela situação de que – não a igreja diz que... e tudo mais, eu vou me separar – só que às vezes você está escutando a história e é nítido que não tem relação com a igreja, tem relação com algo que ela tornou esse esposo, algo sagrado. É uma dependência dela por ele, e não com a igreja, e aí é que é complicado, porque você percebe tudo isso misturado. Uma coisa pessoal dela que ela projeta, mas também como crenças religiosas, mas que na verdade são como uma dependência direta de um indivíduo. O sagrado não está num lugar do discurso; e aí como que a gente mexe nisso? Como na história da Julia: será que o sagrado está na questão do pastor que era sagrado, ou no sagrado do ser humano que aí mexe na vulnerabilidade dela? Como mexemos nisso?

Pesquisador: Já que veio pela terceira vez a pergunta, vamos falar como poderíamos fazer numa situação dessas? Podemos ver juntos tanto o caso da Julia, como o da Natália. O que você faria ou o que fez em alguma circunstância?

Natália: Acho que você não deve... acho que cada experiência é uma experiência... vai depender da sua relação com o paciente, mas, por exemplo, no caso que a Julia trouxe não sei se eu comentaria da figura do pastor, da crença religiosa, mas da vulnerabilidade dela, talvez, e querendo ou não a gente precisa trabalhar o paciente, a gente não tem que trabalhar a dimensão da crença que ele escolheu ter, mas como essas crenças tocam o paciente...

Julia: E ver aquilo que o paciente traz porque, na verdade, o que eu entendo do que ele estava me trazendo era a dúvida do que ele deveria fazer ou não... enquanto psicólogos somos auxiliares, a gente vê as outras questões de fundo, mas não cabe a mim naquele momento se ele não permitisse ter aquela discussão. No caso ele falava, o discurso dele era muito direto naquilo, eu faço ou não faço? E diante do que estávamos falando do outro, porque na verdade eu não preciso necessariamente tocar na religião dele para ser um auxiliar daquele conflito, porque o que ele estava me trazendo eram justificativas do medo dele de se divorciar, e ele colocava isso em outros componentes.

Pesquisador: É verdade. Agora pergunto; se ele está trazendo essa situação com esta forma, porque que ele traz com esta forma e ele não traz de outra maneira? Se ele repete seguidamente essa justificativa com um conteúdo religioso, o que isso significa na clínica?

Julia: Eu penso que é mais fácil sempre colocarmos no externo aquilo que é tão castrador porque, enquanto você olha a religião, ela é algo que te limita e tem suas regras. É mais fácil ver isso no outro do que depositar isso em mim e pensar da onde está vindo isso, porque eu não posso. E na verdade ele pode, ele poderia a qualquer momento, ele tinha um conflito, mas ele vivia no social e ele sabia que lá não podia fazer o que em partes queria fazer, então não sei...

Natália: Todo princípio na verdade, né, você falou do caso do homem que para ele o esporte era um problema espiritual... ele sofreu uma consequência familiar; toda crença te limita num aspecto, ao mesmo tempo em que ela te liberta em outro pela satisfação que você encontra...

Pesquisador: O paciente traz essa situação toda, que eu acredito que é como vocês viram, angústia do paciente etc., só que ele traz com um discurso religioso, usa essas justificativas, ele fala do pastor, do que a igreja vai pensar etc. Se ele traz isso o que normalmente nós psicólogos fazemos? É a sugestão do que vocês deram: vamos tratar teoricamente de algo mais essencial, que é o ajuste dele, ele como indivíduo, com a esperança de que se tratarmos isso, a questão religiosa se resolve, essa é a nossa saída em geral como psicólogos. E se ele está trazendo essa problemática com essa linguagem, por que não usar ou falar dentro desse campo que ele está trazendo? Tentamos em geral sair desse campo, esse é o grande desafio da Psicologia da Religião. Eu vou entrar nessa história e usar elementos desse contexto para trazer bem a ideia. Por exemplo, se o cliente está falando do pastor vamos falar sobre isso, se está falando da igreja dentro desse contexto por que não ajudá-lo psicologicamente? Se a espiritualidade faz parte de um bem-estar psíquico, é aí que elementos do que ele quer trazer você pode abordar?

Luiza: Você poderia perguntar sobre o porquê do fato do pastor ter errado o incomoda tanto? Nesse ponto você tocaria na espiritualidade...

Ana: É complicado porque nós temos medo de que nossas próprias crenças estejam influenciando o que formos tocar, por mais que aqui se esteja trazendo a forma como vamos lidar com isso dá um certo medo. Por vezes eu penso: "poxa será que eu estou sendo tendenciosa para minha crença, minha religião". Então algo que realmente a gente acaba fazendo é fugir para o teoricamente essencial, e pensando "não vou tocar nisso justamente porque bate com o que eu creio ou não"...

Julia: Por mais que tenhamos isso claro, na prática, pra mim, quando se está ali na clínica, eu penso... essas coisas colidem porque são bem pessoais, e separar mentalmente, e dizer isso aqui é espiritual, não é fácil ter essa organização. Então é bem mais cômodo enquanto terapeuta ter o distanciamento porque você não tem esse choque. Então isso é muito complicado e pode ser que não exista espaço para falar ainda, mas pra mim é algo muito delicado, porque eu tenho esse receio, ate que ponto isso vai se chocar, e eu não vou conseguir lidar com isso e o meu atendimento com aquele paciente vai ser prejudicado, e penso, por outro lado, eu poderia pegar um outro caminho que é mais fácil ou conhecido.

Pesquisador: Você fez a seguinte pergunta pra ele em algum momento: O quê que é o divórcio pra você ou pra sua religião? Ou espiritualmente o que significa o divórcio para você? Agente sente que estaria entrando no campo religioso, do pastor, mas na situação dele o que consigo ver do pouquinho que ele trouxe, era relacionado a esse assunto...

Julia: O foco era... foi pouco mais assim... foi de todos os atendimentos, foi difícil, mais isso surge. Tem paciente como o que eu estou atendendo agora, que o assunto não surgiu, pouquíssimas vezes surgiu algo de religião, mais é algo que eu penso e torço, tomara que não apareça!

(Todos riem).

Julia: eu não sei o que fazer...

Pesquisador: Bem-vinda ao grupo...

(Risadas de todos).

Natália: Eu posso contar a experiência do meu paciente?

Pesquisador: Claro... por favor...

Natália: Foi um paciente que eu me senti totalmente abandonada na clínica, e na supervisão totalmente perdida, e o nome era de um personagem da Bíblia que tem uma experiência relacionada à sexualidade, e o paciente traz uma experiência que eu fiquei perdida nesse atendimento... Ele trazia muito forte a questão religiosa, tudo o que ele trazia era envolvida com a religião e sexo, ele trazia desejos sexuais por outras mulheres, mulheres mais jovens, e ele apontava para mim quando ele falava isso. Dizia: "ai, eu sinto desejos sexuais por mulheres mais jovens, eu não chego a cantá-las, eu vejo várias, algumas eu até conheço, mas quando eu vou pra casa eu fico imaginando estar com elas". E ele trazia a questão do personagem bíblico porque ele falava assim da questão religiosa pra ele, eu não lembro da religião dele, mas era evangélico e casado, e sentia que a esposa não tinha prazer sexual com ele. Isso afetava muito ele, e ele se sentia culpado por suas fantasias sexuais, e ele trazia a história do personagem bíblico que justamente resistiu a essas tentações... e ele tinha que resistir; no entanto, ele tinha uma outra crença que eu não identifico dentro da Bíblia... e aí vem a questão que eu quero colocar que são as minhas crenças e as crenças do paciente...

Ele trazia uma ideia religiosa que ele remetia à Bíblia, de que havia uma carga negativa, ou maldição e predisposição imposta, nas pessoas que o pai ou antepassado havia pecado... como se o pai dele pecou, ele não tinha o poder de escolha, ele dizia que aqueles desejos que ele tem ele não conseguia escolher, esses desejos, eles são uma carga negativa e ele não tinha uma escolha sobre eles, e ele só falava disso, e me incomodava muito, porque ele se isentava totalmente da responsabilidade dele e tudo era uma consequência da carga negativa, e aí teve um dia que eu me senti muito mal por ter usado a Bíblia porque eu achei que fiz errado, porque ele só falava da Bíblia, só falava da Bíblia, e eu estava até o presente momento entendendo como uma racionalização...

Julia: Só abrindo o espaço e complementando, porque a Natália falou sobre os professores, porque não temos supervisões que nos digam algo sobre esses assuntos...

Natália: Eles fazem um silêncio sepulcral...

Julia: Não só os professores aqui, mas qualquer outro profissional...

Natália: Eu fiquei totalmente abandonada nesse caso...

Julia: Não sabem como agir... não sabem...

Natália: Porque o que aconteceu... toda semana eu trazia esse conteúdo da Bíblia, parecia que o paciente estava me ensinando a doutrina dele, e aí a minha supervisão era sempre um silêncio, ah porque, a professora me dizia "deixa ele falar mais sobre isso" – ah tá bom. E eu não sabia mais o que fazer, a impressão era que eu estava enrolando ele, que eu não estava ajudando ele.

Pesquisador: Levante a mão quem nunca teve essa impressão... (todos riem um pouco).

Natália: Aí teve um dia que ele ficou falando que não tem escolha, não tem escolha, não tem escolha, que eu peguei e disse: "Como você tem uma crença muito fundamentada na Bíblia o que você acredita sobre a história de Adão e Eva? Porque eles fizeram uma escolha, e a consequência veio sobre a escolha deles"... e eu falei isso.

Porque eu compreendi que eu fiz errado... porque eu falei isso não somente para ajudá-lo, mas porque eu não aguentava mais ele dizendo que não tinha escolha e aí eu sinto que a minha crença entrou... porque eu quis colocar a minha crença de que você tem escolha, a Bíblia diz que você tem

escolha e que as consequências vêm... Olhando pela questão dele, o nosso vínculo não se quebrou, ele compreendeu o que eu disse, disse o que ele pensava sobre a história que contei, e aí ele ficou assim, pensando e dizendo “ah eu sei que tenho escolha, que eu tenho” – aí ele se colocou como participante da vida dele, mas não como uma continuação dos erros do pai, só que eu julguei errada a minha atitude não pela consequência do que ocorreu, que eu acho que foi positiva, mas porque eu tive que colocar isso, por uma questão minha, eu não aguentava mais ele ouvir falando disso...

Pesquisador: O que vocês acham do que ela fez?

Luiza: Eu acho que ela fez ele refletir, eu não sei se teria a paciência, o que você colocou, Natália, foi certo, mas a sua finalidade talvez questionável...

Natália: E eu fui morrendo de medo levar isso para a supervisão. Porque eu achei que ia reprovar, e aí eu ouvi um outro silêncio...

Pesquisador: Silêncio também...

Natália: Eu perguntei: “eu fiz errado ou certo?” A resposta foi “a gente não tem como saber, tem que esperar para ver o que o paciente vai trazer”. Ou seja, não foi nada...

Pesquisador: Ok. Vamos fazer uma leitura disso, porque acho que isso tem outras interpretações... eu queria ouvir vocês?

Julia: A Natália eu entendo como ela se sentiu, porque quando ela me contou isso antes eu me sensibilizei porque eu senti a mesma coisa em meu atendimento em certo ponto. Mas tem um ponto, a Natália não falou sobre a sua religião... ela falou sobre a Bíblia, a Bíblia é um livro, ela está ali...

Luiza: E também é usado na vida dele...

Natália: Eu usei porque ele trazia muito. Foi como eu senti, eu não sei se eu esperei o momento dele para falar, ou se eu usei o meu, isso que é confuso eu não acho que foi muito prejudicial pela história que ele trouxe, mas eu acho que poderia ter sido.

Luiza: Talvez se você tivesse colocado para ele fazendo-o refletir sobre a própria crença... mas igualmente você falou...ele só trazia isso.

Natália: Ele não compreendeu dessa maneira, mas... eu sei foi por isso...

Pesquisador: Entendo. O que vocês acham?!

Julia: Eu estava pensando como é tão conflituoso esse assunto da religião... e porque agente, enquanto psicólogo, é tão aconselhável fazermos terapia. Porque vamos supor que o paciente estava falando sobre a relação dele com a esposa e você está casada, quando o paciente toca naquele ponto que justamente você está passando na sua vida pessoal e você impacientemente passa um conteúdo seu, não respeitando o tempo do paciente, e você coloca uma questão para ele que na verdade é para você...agente acha normal pensar nisso em outro aspectos, mas quando parte para o aspecto espiritual ficamos numa angústia muito grande porque é algo que agente não consegue entender tudo...

Natália: E com o meu paciente foi interessante porque ele fez oito sessões e eu até hoje não entendo o que aconteceu com ele, não cheguei, não sei até que ponto ajudei. Eu vi que ele sentiu uma ajuda na angústia que sentia e mais: foi engraçado porque no final do atendimento ele me trouxe um presente, e o que foi o presente? Um livro sobre a crença dele; eu achei legal por ele ter compartilhado uma coisa pessoal comigo, na minha interpretação ele se sentiu aceito dentro da crença dele e ele pode compartilhar comigo, mas não sei enquanto estudante de Psicologia se eu consegui desempenhar um papel, porque eu acho que ele foi embora com o mesmo conflito só que um pouco pior (risos) porque agora ele estava desesperado porque ele sabia que a responsabilidade

era dele também, se bem que a Psicologia não está aí para fazer a pessoa feliz: ela está aí para as pessoas se responsabilizarem por suas escolhas.

Pesquisador: Porque, talvez depois de se responsabilizarem por suas escolhas, as pessoas...

Natália: Conseguem se organizar melhor...

Pesquisador: Pode ser...

Natália: É porque às vezes agente pensa que vai pra terapia pra sair aliviado, e às vezes não é isso o que acontece...

Pesquisador: Às vezes você precisa estar angustiado antes de ser anuviado...

Natália: É uma questão contratransferencial...

Pesquisador: Numa leitura psicanalítica sim..., mas numa leitura humanista também é importante... você acolheu, acolheu mas você devolveu isso para ele, então não se sinta culpada porque você reagiu emocionalmente; até pode ser, mais você reagiu a alguma demanda, a algo que estava surgindo e que estava vindo do seu paciente, e acho que foi muito interessante, porque a sua reação foi inconscientemente correta, pode dar muito errado...mas assim, no seu caso deu certo. Existem abordagens diferentes, lembram que eu falei a forma como a pessoa conhece o sagrado, através do conhecimento, experiência, relacionamentos, vivências? Você também tem acesso a seu paciente desse jeito, como a Natália utilizou um elemento que o paciente trouxe, que é o conteúdo da Bíblia, ela questiona uma crença dele, e isso não é um erro em si quando essa crença é uma crença rígida, não religiosamente falando: por exemplo, você pode colocar deuses errados no lugar certo, você pode ter problemas de destinos espirituais, você pode estar vivenciando, por exemplo, o que chamamos de hipocrisia espiritual, fazer uma coisa e querer fazer outra. Você pode ter um problema de rigidez espiritual, como talvez o seu paciente estava fazendo em relação à Bíblia, e isso o estava limitando a compreender a autonomia que ele tem na vida. A pessoa pode ser ignorante espiritualmente, ela não conhece todos os elementos da sua religião, da prática que faz, ela vai numa igreja, o pastor fala uma coisa, ela entende errado, porque não estudou, então quanto você traz mais conhecimento espiritual para a pessoa, alguns conseguem ampliar a sua própria visão das coisas, é uma forma, você pode também considerar no caso dele, o casamento também como algo sagrado, remetendo isso ao livro que ele considera que é a Bíblia...

Natália: Ele trazia muito...

Pesquisador: Naquele momento trazia angústia, mas se é valorizado pode tomar o lugar dessa obsessão que ele está tendo com relação à sexualidade. Então, reajustar através de conhecimento, você pode entrar no assunto religião com ele sempre, sem medo, com alguns cuidados, manuseio cuidadoso disso, um respeito ao indivíduo, sempre começando do comum aos dois até o controverso, como a Talita falou. Então, se vocês são cristãos, pontos em comum, começar esse diálogo, algumas pessoas podem ser mais inflexíveis ao assunto, mas outros trazem. E o que eu ouvi das poucas histórias de vocês é que o paciente trouxe; então, se ele traz, porque não acolher isso e tentar, nessa mesma linguagem, ver o que há de positivo nessa espiritualidade dele, e se está trazendo algo negativo você pode se posicionar.

Luiza: Uma vez eu estava fazendo triagem, na aula da professora e a paciente que chegou trazia muito o assunto de religião, e ela havia traído o marido, era bem religiosa, ela traía, não tinha mais casamento nenhum, ela se culpava muito por isso, ela falava que estava errada, culpava a religião, a Bíblia, culpava ela, culpava a todos, daí a professora falou para perguntar até onde a religião dela estava fazendo bem pra ela? E foi bom, ela foi a única que pontuou isso em supervisão...

Pesquisador: Eu já fiz terapia com três psicólogos, dois adventistas e um não adventista, e todos foram bons; na verdade a professora foi a que eu mais gostei, era católica, mas entende muito bem do nosso contexto religioso particular.

Eu não queria ir embora sem dar algumas dicas para vocês. Assim como em qualquer trabalho terapêutico você faz uma triagem, umas perguntas iniciais; não é usual, mas o autor que estudei sugere que quanto mais explícito for esse assunto, melhor. Na verdade porque aí o paciente sabe com quem está lidando e você sabe com quem está lidando e é mais um assunto da vida. Claro que você não vai ficar contando sua vida pessoal sem objetivo, mas um nível de abertura empática é aconselhável. Existem também algumas perguntas iniciais: assim como você pergunta de muitas coisas, por que não perguntar sobre religião e espiritualidade? Qual a importância e pra que? Isso tudo você pode perguntar; porque não esperar para ver se o cliente traz algo, antes de já colocar o assunto em pauta? O que se diz é que é bom preparar o caminho para o diálogo em algum momento caso isso surja.

Pesquisador: Bom, é isso. E semana que vem vamos continuar falando sobre os casos de vocês, gostaria de dar mais tempo para vocês falarem. Eu falo muito...(risos).

Julia: Não...mais é bom, precisamos de orientação...

Pesquisador: É, obrigado, vamos construindo uma conversa boa e procurar falar sobre a formação de vocês, como foi e como poderia ser nessa área? Quais sugestões vocês dariam para o futuro, para ajudar na formação dos outros estudantes de Psicologia etc. ... até semana que vem. Obrigado!

ANEXO E

SÍNTESE POR TEMAS

A síntese por temas refere-se ao objetivo da pesquisa: descrever como alunas de um curso de graduação em Psicologia relacionam Psicologia e Espiritualidade em um grupo temático. O material foi organizado em quatro categorias (ou temas), cada uma com subcategorias (ou subtemas), que reuniram as unidades de significado levantadas (as frases das participantes do grupo).

[]: Explicações do pesquisador.

1. ESPIRITUALIDADE
1.1. Espiritualidade como vivência
<p>“É nossa relação com Deus... o conhecimento, a vivência, a experiência de vida, aquilo que eu acredito, que envolve os meus princípios, aquilo que aprendi sobre Deus através da Bíblia, é essa comunicação com Ele... é uma questão de crença.” (Talita).</p> <p>“Eu entendo como a experiência de vida de cada pessoa, depende daquilo que ela acredita... algo que possa contribuir para o seu bem-estar.” (Talita).</p> <p>Eu já acho que espiritualidade está relacionada com a vivência, que pode ser com Deus ou qualquer outro aspecto que possa transcender ao indivíduo, algo que exista fora de si mesmo, que você não pode controlar... muda de pessoa para pessoa.” (Natália).</p> <p>“Depende da cultura, do que a sociedade valoriza. As pessoas transcendem de várias maneiras, a impressão que eu tenho é que mesmo dentro de um mesmo país há uma variação muito grande de experiências.” (Natália).</p> <p>“A vida traz essa ideia, de que somos limitados. precisamos de algo superior pra buscarmos força... precisamos preencher o vazio, interessante que quando você conhece esse sagrado e sabe onde buscar, consegue-se de certa maneira preencher isso.” (Talita).</p> <p>“Vi uma apresentação de dança e como aquelas pessoas se comportavam e falavam dessa questão de extensão... a dança, na experiência que eles vivenciam, é o que os completa... como expressão do sagrado, aquilo os satisfaz.” (Julia).</p> <p>“(...) algumas pessoas estão lá só pelo movimento, outras acreditam na interação com a terra, o ar e o fogo através do corpo nos movimentos, achei interessante... Ao ler sobre o assunto compreendi que é utilizada para vários objetivos: um é pra recuperação física, com idosos por exemplo, mas muitas pessoas se relacionam com esse objeto como sagrado, com objetivos religiosos.” (Natália).</p> <p>“uma moça me repreendendo disse que eu acabara de sair de uma dança sagrada e não deveria dizer essas coisas. Foi então que entendi que aquele é um ritual de purificação para algumas pessoas. Para mim era só uma dança, muito pura nos movimentos e sem maldade.” (Natália).</p>
1.2. Espiritualidade e Religiosidade
<p>“A religiosidade está muito ligada à filiação a uma comunidade religiosa com uma série de princípios.</p>

Você participa dentro de um grupo, um núcleo que tem um objetivo e crenças particulares e muitas vezes é institucionalizado. Espiritualidade, por sua vez, você não precisa estar institucionalizado para ter aquela vivência.” (Natália).

“Você não precisa necessariamente da religião para transcender, para o seu bem-estar não precisa necessariamente da religião...” (Mônica).

“Agora, existe uma diferença entre o que estamos dizendo que é espiritualidade, e o que a sociedade vê como espiritualidade, pois há outros interesses envolvidos. A religião virou um comércio, e as pessoas compram essa espiritualidade e acabam não vivenciando-a.” (Natália).

1.3. Vivência pessoal da Espiritualidade

“Um dia eu fui a um lugar que tinha uma cachoeira na minha cidade natal; neste dia eu não estava muito bem... olhei para aquela natureza, e parecia que Deus estava sentado à minha frente na grama... fiquei muito tempo ouvindo o som da cachoeira, fiquei tão silenciosa que ouvi a água batendo nas pedras; depois de um tempo consegui ouvir o cantar dos pássaros, consegui sentir a brisa que estava ali e aquilo me acalmou muito... (Talita).

“Eu tenho algo comigo, que acho que exemplifique isso... na correria de tudo, eu tenho particularmente a vontade e o hábito de ver séries [de televisão]... me faz bem. Mas tem uma coisa muito particular, aquele momento é só meu... enquanto estou vendo, gosto de ver sozinha. Vivo numa casa com várias pessoas, então aquele momento para mim é especial.” (Julia).

“Eu busquei Igreja Adventista sozinha, eu fiz estudos bíblicos e fui batizada. Minha mãe também estudava, mas só depois de dois anos ela se batizou na igreja. Então numa família inteira, somente ela e eu que somos adventistas, com exceção de alguns parentes distantes.” (Julia).

“Quando ela retornou por segunda vez nós entramos na linha outra vez, até porque eu também comecei a pensar no que eu queria de verdade, e foi onde surgiu a ideia da Psicologia.” (Mônica).

“Pensei, é isso que eu quero, e aí eu quis vir pra cá por ser uma instituição adventista, mas eu senti que quando eu cheguei me balancei bastante porque começamos a estudar muitas coisas, vemos muitas outras. Vim de uma cidade do interior, então você passa a conhecer muitas coisas, de uma boa balança, mas também que eu entendi mais coisas da igreja tanto doutrinárias quanto espirituais.” (Mônica).

“E hoje pensando no conceito de espiritualidade, daquilo que você coloca em primeiro lugar, então olhando na linha do tempo eu acho que mudou muito na minha vida. Uma hora eu era cristã e religiosa e outra hora eu fazia outras coisas, inclusive namorados. Hoje eu acho que a minha questão espiritual tem que eu tenho posto em prioridade tem mais voltado para meu relacionamento pessoal do que pra religião, se for olhar com mais cuidado, apesar do meu conhecimento de estar aqui a realidade é outra. Em questão de prioridade, a gente vê que a gente deposita toda nossa energia toda nossa motivação. Mas eu acho que se for fazer uma linha assim na minha história o movimento tem muito a ver com o lugar. Foi como eu pensei nisso...” (Natália).

“Algo sempre ficou muito presente em todo esse meu processo espiritual foi a questão da autonomia que os meus pais me deram para decidir.” (Julia).

“Eu venho de uma família bastante tradicional na igreja adventista. Eu sou a sexta geração de adventistas na minha família. E é uma coisa muito enraizada na minha família materna, embora na família paterna, meu pai se tornou adventista na adolescência pela influência de uma tia, então a família do meu pai já é mais bagunçada. E eu acho isso muito engraçado porque isso reflete na dinâmica familiar, minha família materna é muito unida justamente por esse motivo religioso, e a família do meu pai é diferente, é mais bagunçada, cada um tem uma crença diferente (Ana)

“Bom, eu sempre tive uma influência espiritual e religiosa na minha vida. Tenho ascendência japonesa, minha família direta veio do Japão, a minha mãe morou no Japão por muito tempo. E eu tenho uma tia que era presbiteriana então eu sempre fui ensinada nesses caminhos e quando a minha mãe foi a primeira vez na igreja eu tinha dois anos.” (Mônica).

1.4. Espiritualidade como dinâmica do sagrado

“Cada pessoa tem a sua verdade, independe da existência disso ou não...”. (Luiza).

“Eu torno sagrado, eu escolho acreditar, se formos pensar que nós fazemos isso, então somos nós que fazemos de Deus um ser sagrado.” (Mônica)

“Algo interessante é que dentro da nossa própria crença nosso Deus admite que podemos colocar outras coisas no lugar sagrado. “Não colocarás outros deuses diante de mim”, diz a Bíblia. Ele mesmo deixa claro que é possível que isso ocorra, que você santifique outras coisas.” (Natália).

“As pessoas podem olhar e refletir, pensar que não é mais o que quer para si e tornar outras coisas sagradas diferentes daquelas que ela foi ensinada.” (Natália).

“Em relação ao ‘sagrado’ pudemos concluir que existe uma subjetividade e uma singularidade muito grande em relação as pessoas em geral e o que cada uma denota como sagrado. O que é sagrado para um não necessariamente é sagrado para o outro, e onde eu deposito a minha energia, dedico mais tempo e tenho mais prazer, não necessariamente é o mesmo do outro. Cada um tem a individualidade e espiritualidade.” (Luiza).

2. PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

2.1. Psicologia e Espiritualidade

“A espiritualidade e o objetivo da psicologia caminham no mesmo sentido, que resumidamente é o bem-estar do ser humano.” (Mônica).

“O ser humano é dinâmico, como vi e comprovei durante esses anos, e fazem parte dele suas emoções, experiências, desejos etc. E quando se faz uma distinção sobre a religião e o espiritual se tem a possibilidade de pensar em como a parte espiritual do ser humano é importante como um meio no qual ele expressa muitas vezes seus desejos, medos, aflições prazeres etc. A Psicologia entra como auxiliadora desse indivíduo.” (Julia).

“É difícil tocar em alguns assuntos às vezes sem ‘desrespeitar’ as questões do paciente... mas acho que a religiosidade e a espiritualidade, não é que elas sejam contrárias às questões da Psicologia, mas elas se expressam de maneiras que as vezes tornam difícil compreender melhor as questões individuais do paciente; tem gente que interpreta a espiritualidade como questão obsessiva do paciente, mas as vezes pode ser uma pessoa obsessiva que expresse de maneira obsessiva a sua espiritualidade. Acho que é isso que tem que ser compreendido, como elas se relacionam.” (Natália).

“Falamos muito da questão espiritual como um lugar que dá prazer e felicidade. Mas na clinica percebemos que os pacientes também possuem lugares que trazem lembranças negativas, e não conseguem sair desse momento. Esse momento negativo na experiência deles ou esse lugar que evoca estas experiências é sagrado também? Será que é espiritual aquilo que também não te faz feliz?” (Natália).

“Eu estava pensando, como é tão conflituoso esse assunto da religião... e porque é tão aconselhável ao psicólogo fazer terapia. Por exemplo, o paciente estava falando sobre sua relação matrimonial e você está casada, quando o paciente toca naquele ponto que justamente você está passando na vida pessoal e você impacientemente passa um conteúdo seu, você não respeita o tempo do paciente e coloca uma questão que na verdade é sua. Nós achamos normal pensar sobre isso, mas quando parte para o aspecto espiritual ficamos numa angustia muito grande porque é algo que não conseguimos entender amplamente...” (Julia).

“Enquanto você estava falando eu fiquei pensando a tendência que eu tenho. Porque nós acabamos seguindo os professores, e eu vejo mais como uma maneira que a pessoa enfrenta todos os desejos...” (Julia).

“Eu penso, que é sempre mais fácil colocarmos no externo aquilo que é tão castrador para nós como seres humanos, você olha a religião, e parece que ela é algo que te limita e tem suas regras. É mais fácil ver isso no outro do que depositar isso em mim e pensar de onde está vindo isso, porque eu não posso fazer o que desejo?!” (Julia).

2.2. Psicologia como elemento de reforço espiritual e religioso

“A minha visão mudou em muita coisa pra melhor. Dentro da minha espiritualidade eu aprendi a ser mais assertiva, mais compreensiva, mais efetiva, mais empática, a também respeitar a individualidade do outro...” (Talita).

“Eu continuo, quanto às minhas escolhas, querendo ou não, insistindo naquilo que eu acredito... Há um pensamento que diz: ‘o justo viverá pela fé’. Eu acredito muito, é um verso que faz parte da minha vida. E em relação à maturidade de fato eu não tinha antes de chegar aqui e hoje eu cresci muito em relação a isso. As minhas crenças e valores também foram fortalecidos.” (Talita).

2.3. Psicologia como elemento de questionamento espiritual e religioso

“Acho que desde o início da vida somos ensinados dentro do ambiente familiar, até que na Psicologia começamos a questionar nossas representações, e nesse momento temos a opção de negar, de seguir acreditando, de acreditar em outras coisas. Então acho que é dinâmico, não é algo em que ficamos presos.” (Natália).

“Então é uma coisa que ainda eu tenho questionamentos e estou buscando um equilíbrio nisso pra decidir o que realmente é bom pra mim e até aonde eu quero isso. E eu acho que a Psicologia me ajudou a ter um acesso mais rápido a esses questionamentos.” (Julia).

“E pensando nisso eu pude ver como a Psicologia entrou em tudo isso, exatamente por eu ter essa característica crítica e hoje eu sou adventista acho que por tabela.” (Julia).

“Na Psicologia nós estudamos muito esse negócio de escolhas, de você se sentir bem, e tem mesmo esse processo, vejo como isso interferiu em alguns momentos de maneira positiva e em outros de uma maneira negativa em minha vida. Eu racionalizo muito quando falamos da divindade, da questão do sagrado, eu vejo que teve bastante mudanças nesse processo ao estudar para tornar-me uma futura psicóloga.” (Julia).

2.4. Espiritualidade e Crise

“Eu sempre achei a família uma coisa muito sagrada e nós tínhamos uma espiritualidade e religiosidade. Mas me passaram a religião e ensinamentos de maneira superficial, pois eu nunca tive nenhuma cobrança sobre alguma doutrina como sábado, então passaram de uma maneira bem natural. Nunca tivemos problemas com isso, muito pelo contrário sempre foi muito gostoso. Mas, depois de vários anos eles se separaram e isso foi muito chocante. Hoje conseguimos falar sobre isso de uma mais maneira natural, e vejo que por mais que tenha havido essa separação continuamos uma família e o vínculo quebrado foi o deles [pais] e Deus não tem nada a ver com essa situação.” (Luiza).

“Eu acho que por causa desse cuidado que eles tiveram conosco nunca tivemos uma grande revolta, nem eu e nem os meus irmãos. Nós nos questionamos muito, e na hora parece que não tem nada certo e que Deus podia ter intervindo, mas depois entendermos como uma decisão pessoal dos dois: se queremos fazer as coisas do nosso jeito Deus não vai mudar. Eu trabalhei muito isso em terapia.” (Luiza).

“Às vezes, em relação à infidelidade, por exemplo, a mulher vai e sustenta toda uma situação justificando-a ‘não, mas a igreja diz que... mais, eu vou me separar’ - só que às vezes você está escutando a história e é nítido que não tem relação com a igreja, tem relação com ela tornando esse esposo sagrado para si. É uma dependência por ele e não com a igreja, e aí é que complica, porque você percebe tudo isso misturado, uma coisa pessoal que ela projeta também como crenças religiosas mas que na verdade é como uma dependência direta de um indivíduo.” (Natália).

“A pessoa que se relaciona de maneira sagrada com o trabalho e não encontra reconhecimento. Na música, por exemplo, alguns músicos entram em depressão quando param de fazer sucesso, porque para eles aquilo era de alguma forma sagrado, é uma forma de crise espiritual.” (Natália).

“A sexualidade e a questão da homossexualidade que está muito em pauta hoje” (Julia).

“Você pode vir a negar o sagrado... como um pai quando perde o filho. Ele pode se sentir desamparado... é uma crise, que pode ser espiritual também.” (Natália).

“Quando você se casa, quando está na adolescência, quando frente à morte. Acho que é quando você está vulnerável, você precisa se apegar a algo.” (Natália).

“[A crise] Tem um aspecto positivo porque te permite avaliar o quanto isso é meu e quanto é do outro. Nós não compartilhamos muito esse assunto... sempre tentamos fixar nossas ideias por meio do coletivo e acabamos agregando essa ideia ao nosso repertório individual. Mas essas crises ajudam a questionar, o que é meu, em que eu acredito, o que está me satisfazendo etc. Acho que é benéfico neste sentido.” (Julia).

“Essa experiência mexeu comigo porque, apesar de eu ter sido muito imatura, tive que fazer uma escolha difícil na época. Estar com ele e sair da minha religião ou ficar sem ele e permanecer com minhas convicções. E toda a minha vida foi assim, baseada em escolhas. Ao invés de ter escolhido o curso de Psicologia, podia ter escolhido outra coisa. Escolher ser adventista e permanecer na minha fé ou escolher passar por outras denominações. E eu escolhi isto.” (Talita).

“Aos dezesseis anos eu tive um ápice da minha vida espiritual porque aconteceu uma tragédia na minha família. Nossa casa pegou fogo e queimou tudo e depois vieram alguns problemas emocionais também e eu questionei muito a Deus, questionando muito a minha religião e eu fui reafirmando aquilo que eu já cria a respeito das minhas crenças. Então é basicamente isso, hoje a espiritualidade é uma coisa dinâmica é uma coisa que vai e vem, eu já tive momentos que eu estive mais firme nas minhas crenças e hoje está meio assim... (risos), mas estou realizada, tenho as minhas experiências, que me satisfazem.” (Ana).

“Ela [mãe] já nos ensinava na doutrina adventista, íamos pra escolinha, todas essas coisas, e quando a minha mãe foi pro Japão eu fiquei três anos morando com essa tia presbiteriana e depois ela voltou e disse que não gostou da igreja no Japão, mas voltou pra igreja aqui no Brasil pelo meu irmão e por mim.” (Mônica).

“Depois ela foi de novo pro Japão e eu fiquei com outra tia, só que essa é católica. Então é assim: uma bagunça de religiões. Primeiro eu estava indo na presbiteriana e na adventista e na católica. Então nessa época meu irmão e eu nos afastamos, mas eu sempre tive ainda um pouco daquele peso por já ter conhecido a Bíblia e tal e eu não estava na igreja e aquela vontade de entrar e voltar pra alguns programas da igreja como os desbravadores, amizades, acampamentos essas coisas assim. Quando minha mãe voltou pro Japão eu me afastei da igreja e curti a minha adolescência, curti a vida. (risos).” (Mônica).

“Me aproximei da igreja também por causa do namorado e agora marido. Faz um mês que me casei, e formando uma nova família sinto temos buscado mais a Deus. Pensando mais no futuro, nas dificuldades da vida, sei lá a gente começa a se apegar mais, então acho que isso é uma forte influência e acredito que hoje não é nem mais questão familiar né, acho muito mais que é uma crise de consciência, pensando no que eu quero e vou ser, qual é o meu alvo, o meu objetivo.” (Mônica).

2.5. Dificuldade em conciliar a psicologia e a espiritualidade na vida pessoal

“Penso que passamos cinco anos estudando e buscando ‘preparo’ e ‘direções’ como profissionais mas, por ser um assunto tão delicado preferi muitas vezes esconder e reprimir essa parte por não saber lidar com o assunto. Em algumas momentos abri mão de buscar enriquecer a minha espiritualidade com o Deus que acredito por conflito mesmo, e questionei varias vezes a psicologia, com indagações relativas a dificuldade em conciliar esses dois aspectos tão importante para mim.” (Julia).

“É difícil fazer essa relação entre a espiritualidade e a Psicologia.” (Mônica).

3. PSICOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E ATENDIMENTO CLÍNICO

3.1 Espiritualidade do terapeuta e do cliente no atendimento

“Acho que você, como terapeuta, não vai colocar as suas questões de religiosidade ao paciente: o que faz sentido pra mim não faz sentido pra ele...” (Luiza).

“Então, até hoje não conseguia fechar uma ideia, até quando é bom ou ruim. O fato é que o bom profissional, cristão ou não, vai exercer o trabalho dele bem.” (Julia).

“Eu acho que eu tenho muito certo pra mim o que é meu, as minhas crenças, o que eu quero pra mim a minha visão de mundo hoje, mas eu consigo muito respeitar com muito mais clareza e muito mais o espaço do outro. Respeitar, se pra ele é isso, tá bom! Sem conflitos.” (Luiza).

“Pra mim, a minha religião é pessoal, não importa a religião do terapeuta, o que vem primeiro pra mim é a minha concepção da parte espiritual mesmo.” (Julia).

“Fiz terapia até o semestre passado, e meu terapeuta é da mesma religião que eu, eu não sabia à princípio, mas depois de umas sessões eu percebi... e vou ser sincera, me senti bem melhor, sabendo que ele era da mesma religião, até porque já conhece e já sabe, da opinião do outro em geral... eu fiquei mais confortável.” (Talita).

“Uma colega disse que teve dificuldade em iniciar a carreira como terapeuta porque onde estava havia muitos cristãos da mesma denominação que ela e tinham um pré-julgamento sobre ela. Notou que não a procuravam, com medo dela julgar religiosamente suas questões de conflito na terapia...” (Julia).

“Várias pessoas perguntaram a mesma coisa: o seu psicólogo tem que ser da sua religião ou não importa?” Eu tenho duas respostas que não consegui definir qual aceito mais. Ao mesmo tempo tem o aspecto bom, que como terapeuta você teria maior facilidade para compreender a linguagem e cultura religiosa do paciente, apesar de acreditar que a psicoterapia acabe fornecendo isso a você com o tempo.” (Julia)

“A paciente falava muito ‘nossa, vejo muito que Deus fala através de você, nossa, a sua fala é muito boa’, e eu me sentia bem né, ela sempre falava que sentia muita sabedoria em mim, que Deus tinha dado muita sabedoria para mim etc.” (Talita).

“Mais do que uma questão religiosa, está em jogo você questionar uma escolha do paciente. Não cabe ao psicólogo induzir, e sim, talvez, compreender melhor as razões do paciente para depois acompanhá-lo nesta escolha...” (Natália).

“É complicado porque nós temos medo de que nossas próprias crenças estejam influenciando o que formos tocar, por mais que aqui se esteja trazendo a forma como vamos lidar com isso dá uma certo medo. Por vezes eu penso - poxa será que eu estou sendo tendenciosa, para minha crença, minha religião – então algo que realmente agente acaba fazendo é fugir para o teoricamente essencial, e pensando, não vou tocar nisso justamente porque bate com o que eu creio ou não...” (Ana)

“Mas e se vem um paciente e diz que quer assumir e desenvolver essa escolha, que está contrária a seus valores, o que você faz? Ele é o paciente isso é importante para ele, mas eu estaria indo contra meus princípios?!” (Mônica)

“Eu entendo que não estaria indo contra os meus princípios se o acompanho em sua decisão. Se eu estou caminhando junto com ele em uma decisão não estou decidindo por ele. E na minha concepção Deus deu o livre arbítrio para cada ser humano decidir da maneira livre o que ele quiser. Então para fazer como Deus, eu também não posso deixar de acompanhar o paciente nessa escolha.” (Natália)

“Mas você acaba ajudando ele a escolher.” (Mônica).

“Não sei se eu entendo assim. Eu estou ajudando ele a tomar a decisão ou somente acompanhando ele no processo? Porque na verdade eu não digo o que ele tem que fazer, mas aceito e acompanho a

decisão que ele tomou e todas as circunstâncias que vão surgindo desse acontecimento.” (Natália).

“Eu acho que é complicado esse assunto da crença porque existem casos mais polêmicos e menos polêmicos. Às vezes na sua crenças há ‘pecadinhos e pecadões’. A homossexualidade parece ser um pecado, mas a gente não acompanha o paciente sem julgá-lo, como na questão da tradição, ou mesmo na perversidade para com o filho. É nisso que eu penso, pois o que está valendo? A minha crença ou que me choca mais na história do paciente? Porque nós caminhamos com o paciente e passamos por situações que são contrárias a nossa crença.” (Natália).

“Como por exemplo na perversidade com o filho e a traição, nós acompanhamos o paciente para que de alguma forma ele enxergue que ele não está fazendo bem para as pessoas, e de alguma maneira ele sabe que essa posição não é a correta. O caso é que tudo vai se chocar com a crença e de alguma forma nós acabamos nos influenciando.” (Mônica).

“Se for interferir no tratamento sem dúvidas o melhor é encaminhar. Mas a pergunta que eu ainda tenho é essa: Até que ponto é uma questão profissional e até que ponto é uma questão extremamente pessoal.” (Natália)

“Você não acha mais difícil ser pastor e psicólogo na clínica?” (Julia).

“Quando você falou deste tema de pesquisa eu fiquei muito interessada, eu achei importante participar, e também já ouvi de pessoas adventistas que já tiveram essa experiência falando assim: ‘que bom que hoje também temos adventistas que vão ser psicólogos.’” (Talita).

3.2. Dificuldades em conversar sobre espiritualidade no atendimento

“(…) temos dificuldades quando escutamos o paciente falando sobre religiosidade e espiritualidade.” (Natália).

“Dentro da clínica às vezes é difícil tocar nisso, é um tema delicado de ser conversado.” (Natália).

“Eu fiquei pensando, eu vejo muitas vezes o que eu senti em relação àquele atendimento que eu estava guardando silêncio, pois o paciente trazia os conflitos dele, e eu sentia ele, jogando isso na instituição religiosa, porque era mais ‘aceitável’ fazer isso do que aceitar que não queria aquele divórcio por outros motivos, mas eu não falava no assunto espiritual ou religioso.” (Julia).

“Tem pacientes, como o que eu estou atendendo agora, que o assunto não surge, pouquíssimas vezes surgiu algo de religião, mas é algo que eu penso e torço, tomara que não apareça! (Todos riem). Eu não sei o que fazer!” (Julia).

“Por mais que tenhamos isso claro, na prática pra mim, quando se está ali na clínica, eu penso... essas coisas, colidem porque são bem pessoais, e separar mentalmente e dizer, isso aqui é espiritual, não é tão fácil de organizar.” (Julia)

“Então é bem mais cômodo enquanto terapeuta tiver o distanciamento porque você não tem esse choque. Eu tenho esse receio, até que ponto isso vai se chocar, e eu não vou conseguir lidar com isso e o meu atendimento com aquele paciente vai ser prejudicado, e penso por outro lado, eu poderia pegar um outro caminho que é mais fácil ou conhecido.” (Julia).

“O terapeuta poderia perguntar ao paciente: Porque o erro do pastor o incomodou tanto? Nesse ponto você tocava na espiritualidade do paciente...” (Luiza).

“Eu acho que também, há uma outra orientação, além da questão da gente não concordar com a postura do paciente... tem a questão da identificação dentro dos mesmos conflitos.” (Natália).

“E tem também aquelas questões que você fica extremamente identificada, então acaba trazendo para aquele espaço também os seus conflitos em relação ao sagrado, e às vezes ficamos com aquilo e as vezes isso trava.” (Natália).

“É difícil de colocar na clínica que a crença daquela pessoa está fazendo mal a ela, quando existe uma norma implícita que diz que devemos respeitar a religião dos outros acima de tudo, aí o assunto

fica meio intocável...” (Natália).

“Acho que ela já traz o conflito dela, a questão é ouvir e devolver. A pessoa vai ter que escolher, vai ter que pesar o que é mais importante, nós não podemos dizer...” (Natália).

“Precisamos respeitar a decisão do paciente, nós podemos apresentar pra ele as consequências. Não seria uma questão de acompanhar ele nessa decisão, mas fazê-lo responsável por suas escolhas.” (Natália).

“As vezes você não precisa nem tocar no assunto da religião, o que aparece mais é o medo e a vulnerabilidade do paciente como pessoa.” (Natália)

“Enquanto psicólogos somos auxiliares, nós vemos as outras questões de fundo mas não nos cabe naquele momento, se ele não permitir, ter aquela discussão. No caso, o discurso dele [*paciente*] era muito direto naquilo, eu faço ou não faço? E diante do que estávamos falando, eu não preciso tocar necessariamente na religião dele para ser um auxiliar naquele conflito, porque o que ele estava me trazendo, eram justificativas do medo dele de se divorciar, e ele colocava isso em outros componentes.” (Julia)

“Querendo ou não agente precisa trabalhar o paciente, agente não tem que trabalhar a dimensão da crença que ele escolheu ter, mas como essas crenças tocam o paciente...” (Natália)

“Para agir diante daquilo era difícil eu pensava: o que eu tenho que fazer? Será que eu estou plantando questões religiosas, ou ele está trazendo isso? Dava muito trabalho e exigia um pouco de atenção, separar o que ele estava trazendo e minhas impressões...” (Julia).

“Eu usei porque ele trazia muito. Foi como eu senti, eu não sei se eu esperei o momento dele para falar, ou se eu usei o meu, isso que é confuso, eu não acho que foi muito prejudicial pela historia que ele trouxe mas eu acho que poderia ter sido.” (Natália).

“No final da rua tinha um morro e uma casa de trabalhos (candomblé) que tinha esses rituais de magia branca e magia negra, que ao mesmo tempo que assustavam causava muita curiosidade. Quando ocorriam os batuques nós ficávamos curiosos em saber o que realmente acontecia naquela reunião, e eu acho que na clinica não é diferente, porque ao mesmo tempo que assusta desperta o interesse na gente de compreender o que é necessário, mas por assustar a gente recusa porque não sabemos em que terreno estamos entrando ou o que vai aparecer se nós explorarmos aquilo, pra gente é assustador.” (Natália).

“Eu não sei o que eu faria, por exemplo, se eu estivesse atendendo uma ‘mãe de santo’ se eu iria querer que houvesse uma ‘manifestação espiritual’ na minha frente, porque não sou eu quem vou dizer se isso é real ou não, a gente não sabe.” (Natália).

“Causa um desconforto você estar atendendo e muitas vezes seu paciente vai falar de coisas que você não concorda mesmo, mas você ao atender parece que se neutraliza para que não interfira e agente esquece que aquilo é importante.” (Julia).

“Acho que quando a gente se sente desconfortável com uma situação a gente acaba tentando ficar neutro, mas ser neutro, não é mais neutro, porque se fosse qualquer outra situação agente encararia, mas ser neutro nisso [espiritualidade] já acaba sendo fugir, porque aquilo, vai de encontro com nossas crenças também. A gente acaba não concordando, e pensando mas não é assim que eu acredito, mas é assim que ele acredita. Então não vou tocar nisso, vou ficar neutro...” (Luiza).

“É que é assim... quando eu falei a principio que eu senti que me sentiria mais confortável em relação a ser atendida por um psicólogo adventista é porque eu já fui atendida por um não adventista e eu tive as duas experiências, eu vi essa diferença e querendo ou não todo ser humano tem a sua historia de vida e se você chegar e falar que tem neutralidade... me desculpe, eu não acredito nisso, entendem?!” (Talita).

“Isso entra no que já estava sendo discutido sobre as crenças. Essas são as nossas crenças. Eu poderia questionar sim, se fossemos ter um peso decisivo na vida do paciente. Hoje, eu encaminharia

essa questão por não saber de fato se eu conseguiria lidar com ela. Eu manteria a neutralidade...” (Julia).

3.3. Dificuldades para intervir em questões relacionadas à espiritualidade

“E aí como que nós mexemos nisso? Como na história da Julia, será que o sagrada está na questão do pastor, que era sagrado, ou no sagrado do ser humano que aí mexe, na vulnerabilidade dela. Como fazemos?” (Natália).

“Nessa questão que apresentamos a nossa supervisora se ateve também à questão da segurança física e ela também acabou excluindo essa parte [espiritualidade], e acabamos ignorando a crença, que era importante para a paciente.” (Mônica).

“Então o meu supervisor me orientou para falar com ela, perguntando: se Deus é amor, como Ele agiria nessa situação com o seu filho? Essa abordagem foi utilizada levando em conta que a paciente disse que ‘Deus é amor’. Quando lhe foi perguntado isso ficou pensativa e disse: ‘É.....’ e ficou refletindo. Na semana seguinte ela retomou aquele momento dizendo; ‘você lembra daquele momento que você fez a pergunta sobre o amor de Deus e disse que Ele respeita a privacidade de cada um. Eu pensei nisso...’. E relatou que ela começou a aceitar a escolha do filho e conversou com ele sobre o assunto.” (Talita).

“A paciente trazia um conflito, justificando o desejo pessoal de não separar-se, apesar das evidências de maus tratos e conselhos familiares, apoiada pelo fato da igreja dizer que as pessoas não devem se separar. E diz que não quer separar-se, mas ela só quer voltar se ele [ex marido] mudar, então ela se apóia nessa questão da ideia supostamente religiosa.” (Mônica).

“Nessa questão que apresentamos a nossa supervisora se ateve também à questão da segurança e ela também acabou excluindo essa parte, e acabamos ignorando a crença que é importante para ela.” (Mônica).

“Por mais que ela fale ‘Deus vai me dar força, eu estou buscando muito a Deus nesse momento, eu sei que a força vem dele’, ela se movimenta para resolver também.” (Ana).

“Nós não estamos colocando realmente o foco no fato dela falar que Deus vai ajudar, porque estamos falando do casamento, as diversas ameaças de morte, então estamos enfatizando o bem estar e segurança dela e da filha e realmente acabamos excluindo essa parte...” (Mônica).

“Nós conhecemos, sabemos da importância, mas se podemos focar nessa parte física, no caso, o cuidado dela, ela ter de proteger-se, acabamos não comentando isso...” (Mônica).

“Ele tinha conflitos conjugais, era muito agressivo nas discussões... ele dizia que a religião ditava que o desejo dele não era a atitude correta, ele desejava o divórcio... e ele perguntava qual era a minha postura. Num momento da terapia começamos a conversar sobre a possibilidade dele realmente buscar o divórcio e ele trazia as justificativas em torno do que o pastor iria achar, o que o ancião etc. Então perguntou no terceiro encontro: ‘você é adventista?’ Eu disse ‘sou’, e não dei muita atenção a isso. A partir disso percebi que a fala dele mudou... não falava mais dele, mas trazia as questões doutrinárias e da religião. Claro, eu entendia ele falando, talvez como psicóloga adventista, ele ficava com mais medo, pensando qual seria a minha postura frente a tudo o que ele estava trazendo, será que eu iria julgá-lo, levando em consideração as minhas crenças religiosas que ele conhecia?” (Julia).

4. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO E A ESPIRITUALIDADE

4.1. Formação no curso de graduação

“Na instituição que nós estamos, vimos muito nesses anos a questão da individualidade em relação ao assunto. O que o sujeito entende como sendo sagrado para si.” (Julia).

“Estamos tendo agora mais supervisões [último semestre], e ao mesmo tempo vendo a logoterapia que pelo que vimos dá uma abertura maior ao tema da espiritualidade.” (Mônica).

“Tem essa questão de estarmos inseridos em uma comunidade religiosa, então existem esses temas

como o divórcio, que apresentam esse conflito religioso-emocional latente. Estamos conversando sobre esses assuntos...” (Mônica).

“Eu estava na supervisão semana passada e uma professora estava comentando o atendimento de uma paciente que me pareceu ser espírita ou do candomblé, não conheço bem o histórico, mas o que me chamou atenção foi que no decorrer da consulta a paciente havia comentado que havia um espírito atrás da professora. Então eu fiquei curiosa para saber do espírito, mas a professora advertiu que quando acontecer essa situação é para falar ao paciente que aquele não é o momento e que não é para comentar sobre isso. Então fiquei muito curiosa com relação ao assunto, mas não quis perguntar na hora. Mas ficou a curiosidade por querer saber porque a paciente tem essa fala naquele momento. Era um momento importante? Mas, como chegar a conhecer isso?” (Julia).

“E ela [professora Ana] inclusive levanta uma bandeira de que a psicanálise não é contrária à Bíblia, e ela trouxe isso pra gente em sala, e eu concordo e eu acho que isso é interessante. Porque não é que são opostos: são teorias que precisam ser compreendidas e outras a gente aprende dentro do contexto como foi a posição de um autor.” (Natália).

4.2. Supervisão: experiências negativas e positivas

“Foi um paciente que eu me senti totalmente abandonada na clínica, e na supervisão totalmente perdida.” (Natália).

“Não temos supervisões que nos digam algo sobre esses assuntos...” (Julia).

“Não só os professores aqui, mas qualquer outro profissional...” (Julia).

“Não sabem como agir.. não sabem...” (Julia).

“Eles fazem um silêncio sepulcral.” (Natália).

“E eu fui morrendo de medo para a supervisão (risos) porque eu achei que ia reprovar, e aí eu ouvi um outro silêncio...” (Natália).

“Eu perguntei: ‘eu fiz errado ou certo?’ A resposta foi: ‘Não tem como saber, temos que esperar para ver o que o paciente vai trazer, ou seja, não foi nada.’” (Natália).

“A gente se sente mais segura [sem falar sobre o assunto espiritual], para não falar algo errado e a professora ficar brava.” (Natália).

“Uma vez eu estava fazendo supervisão de triagem, na aula da professora Joana, e a paciente que chegou trazia muito o assunto de religião. Então a professora Joana falou para perguntar: ‘Até onde a religião estava fazendo bem pra ela [paciente]?’ E foi bom, ela foi a única que pontuou isso em supervisão.” (Luiza).

“Eu fiquei assim, quando ela falou que era pecado [a opção homoafetiva do filho]. Já veio o pensamento pessoal de que Deus é amor, Deus perdoa, você se sente meio que sem concordar com a pessoa, fiquei meio incomodada, tinha uma outra visão. Mas como você vai lidar com isso, já que no meio da Psicologia isso não é visto com bons olhos. Aí você vai na supervisão meio preocupada pra saber como vai ser a reação do supervisor... realmente me senti desconfortável nesse sentido, mas quando senti apoio em poder trabalhar essa situação me senti tranquila e ele [*supervisor*] disse que eu estava indo bem e esse incomodo foi pontual.” (Talita)

“Lembro que na primeira vez eu até fiquei preocupada e pensei ‘como vou levar isso à supervisão?’ Mas, depois que conversamos tranquilamente sobre o assunto, nas vezes seguintes tornou-se um assunto normal, e ele [*supervisor*] não criticou, então me senti bem. Até porque o que colocamos não foi diretivo, foi só uma pergunta para reflexão da paciente, e depois passou, fez parte, mas não apareceu mais depois. E seguimos em frente com outros temas.” (Talita).

“Meu supervisor, me orientou para falar com ela perguntando: se Deus é amor [já que a paciente trazia esse conteúdo] como ele agiria nessa situação como seu filho?” (Talita)

“Aí que está nosso medo como terapeuta e estudante. Porque em supervisão nós não seríamos apoiadas à fazer isso, tanto que, quando trazemos essas questões para supervisão, os professores também levam para esse lado mais do bem estar físico. (Mônica).

“Tem uma coisa que é muito importante pra mim. Eu pude compreender melhor a minha espiritualidade fazendo terapia. E eu acho que por uma característica da terapeuta que eu mesma escolhi; ela é professora onde estudo e também é religiosa, e eu senti que dentro da análise a minha questão espiritual foi muito respeitada e fortalecida. Então eu acho que é legal pensar nisso, que é possível. Embora eu não consiga me entender ainda como profissional lidando com isso, mas como paciente eu me senti muito compreendida e ela me ajudou muito nesse aspecto.” (Natália).

4.3. A ausência de formação consistente na área da espiritualidade

“Creio que dentro da Psicologia devia surgir uma disciplina em relação a isso [espiritualidade] que pudesse orientar todo mundo a trabalhar com isso.” (Luiza).

“Seria muito interessante se em um dos semestres finais todos pudessem passar a olhar a espiritualidade dessa maneira.” (Luiza).

“Na faculdade eu acho que devia ter alguma coisa que ampliasse a visão dos alunos em relação a dimensão que a espiritualidade tem e eu acho que não tem muito disso.” (Luiza).

“Tá, a pessoa faz isso [fala de religião] e dá uma pausa, não é como alguns assuntos que de tanto você ouvir já sabe mais ou menos como se conduzir. Sobre isso a gente, não sabe como, não tem qualquer tipo de orientação.”(Julia).

“Você disse porque não perguntar sobre a espiritualidade do paciente. Tá, a gente pergunta, mas e aí ele responde, não sabemos o que fazer com a resposta! A gente não tem uma orientação com respeito a isso.” (Julia)

“Eu acho que temos uma ideia do que os autores falam a respeito disso [espiritualidade], mais falta na faculdade...os teóricos falaram sobre isso, mas [os professores] não falam como tocar neste assunto.” (Natália).

“Sei que há teorias mas não me dediquei a estudar...” (Natália).

“Freud, Winnicott entre outros, ouvimos o que eles escreveram a respeito da personalidade, resistência, comportamento, mas não ouvimos e estudamos profundamente o que esses autores falam sobre espiritualidade. É por isso que temos dificuldades quando escutamos o paciente falando sobre religião.” (Natália).

“Isso não é muito colocado...” (Mônica).

“Quando digo que o assunto foi evitado não quero dizer que não se respeita a escolha espiritual no setting terapêutico, mas que não sabemos o que fazer e de que maneira compreender essa esfera da vida do indivíduo.” (Natália).

“Acho que ela já traz o conflito dela, a questão é ouvir e devolver. A pessoa vai ter que escolher, vai ter que pesar o que é mais importante, nós não podemos dizer, e eu também não conheço nenhuma técnica... (todos riem)” (Natália).

4.4. Habilidades a promover na formação sobre espiritualidade

“Diante de tudo que aprendemos aqui eu acredito que seja um terapeuta que sabe reconhecer, dentro da crença dele, o que é sagrado e que desenvolve a sua espiritualidade de maneira sadia e consciente, acredito que esse seja o primeiro passo.”(Natália).

“Saber questionar. Porque quando o assunto vem a gente não questiona, e de repente se fosse um outro assunto nós nos interessaríamos mais; então nossa posição deveria ser de mais interesse.” (Julia)

“Considerar isso como uma parte integrante e importante da vida de uma pessoa.” (Natália).

“Respeitar a pessoa e o sofrimento que ela está trazendo diante de nós em terapia, porque não respeitamos se, de repente mudamos de assunto para não entrar nele [exemplo: assunto espiritual trazido pelo paciente]. (Talita).

“O conhecimento também. Porque o questionar faz com que conheça a visão do outro e me coloque no lugar dele, e assim criar empatia pelo paciente. Nós estamos falando muito no âmbito evangélico, mas no mundo todo existem muitas outras religiões e visões de mundo que desconhecemos. Por isso a importância de fazer esses questionamentos para saber a visão de mundo do outro. Ou seja, pesquisar.” (Ana).

“Deveríamos realmente ouvir o paciente e ter uma boa escuta do que ele está falando, porque se de fato você não escuta não entende o que ele quer te passar, e assim você perde um ponto importante. E depois, quando estamos fazendo o relatório, percebemos que ele falou o fato importante, mas que nós não demos atenção ao que o paciente disse” (Mônica).

“Eu acho que quando nós recebemos esses tipos de informações imediatamente nós nos deparamos com as nossas crenças. Por isso eu considero que temos que estar bem com o nosso sagrado para que isso não influencie nessas circunstâncias.” (Natália).

“Impor.” (Talita).

“Negar.” (Mônica).

“Fugir.” (Julia).

“(…) que é o que mais fazemos (…)” (Natália).

4.5. O grupo como elemento facilitador na formação sobre espiritualidade

“O grupo ajudou bastante a ver essa dimensão da espiritualidade que as vezes é focada muito na religião e na verdade é muito mais que isso. Em todos os encontros eu ficava pensando: ‘para mim é a família, com certeza’. E essa quebra na minha família [separação dos pais] foi muito chocante porque eu via aquilo como algo sagrado e eu consegui enxergar isso aqui também, nas conversas que fomos tendo.” (Luiza).

“E em relação ao aluno, ajudaria a ter certeza do que quer como profissão e vida. Por exemplo, em relação à minha história eu tive mais confiança, e por isso dentro do curso eu tive mais segurança, fiquei mais ligada a Deus e percebi que a religião não é um monte de regras mas realmente a sua comunhão com um Deus de amor.” (Luiza).

“Obrigada de verdade! Foi muito bom, serviu bastante!” (Luiza).

“Pra mim foi muito bom poder conversar sobre tudo isso. Foi além das expectativas porque a gente pensou ‘ah, vai ser legal’, mas a gente não imaginou quão rico isso seria para nós. Refletimos sobre alguns questionamentos que ficam latentes durante toda a nossa formação...” (Julia).

“Ampliaram meu modo de pensar, ver e entender a espiritualidade e a sua dimensão. Muitas vezes acabava focando ou limitando o sentido de espiritualidade...” (Luiza).

“Entendendo a dimensão de espiritualidade primeiramente na minha vida, pude entender melhor a espiritualidade na vida das pessoas que estão a minha volta e conseqüentemente o trabalho como psicólogo pode se expandir...” (Luiza).

“Esses encontros agregaram bastante. Sempre senti falta de discussões que falassem sobre a espiritualidade e a profissão que escolhi, mesmo tendo disciplinas de cunho religioso me sentia carente deste contato. Os encontros me possibilitaram refletir sobre a minha própria espiritualidade e como a minha espiritualidade reflete no meu preparo profissional.” (Julia).

“Os encontros me possibilitaram o espaço para compreender melhor ou reestruturar os significados de cada uma dessas dimensões para mim e cheguei a um pensamento: o ser humano é dinâmico como vi e comprovei durante esses anos e fazem parte dele suas emoções, experiências, desejos etc. E quando se faz uma distinção sobre a religião e o espiritual se tem a possibilidade de pensar em como

a parte espiritual do ser humano é importante como um meio no qual ele expressa muitas vezes seus desejos, medos, aflições prazeres etc. A Psicologia entra como auxiliadora desse indivíduo, e por que não ter um exercício para aprender como isso é interligado?” (Julia).

“Os encontros me possibilitaram um espaço e uma abertura de reflexão e, sim, me auxiliaram bastante na tarefa de distinguir de maneira clara que espiritualidade vai muito além de crenças e doutrinas, ao ouvir as trocas de experiências e ideias entre os participantes.” (Julia).

“Esses encontros foram bastante agradáveis, pois pensei muito em como nesses cinco anos estudando em uma instituição religiosa é difícil fazer essa relação entre a espiritualidade e a Psicologia.” (Mônica).

“Esses poucos encontros me fizeram abrir mais espaço e me senti mais necessitada de estudar sobre esses dois assuntos, que parecem não se misturar, mas que na verdade fazem todo o sentido juntos.” (Mônica).

“Quanto à minha espiritualidade, os encontros me fizeram pensar um pouco sobre o que realmente significa isso para mim, e confesso que preciso me aprofundar mais.” (Mônica).

“Os encontros foram muito benéficos, primeiro porque nos possibilitaram falar sobre o assunto, que muitos vezes é evitado nas salas de aula, e segundo por nos auxiliar com indicações de leituras e ideias vindas de autores que discutem de maneira profunda e acadêmica o tema.” (Natália).

“Em cinco anos de faculdade não tive espaço para pensar sobre os limites e encontros entre clínica psicológica, espiritualidade e ética profissional. Os encontros me fizeram perceber o quanto estou treinada a ignorar ou a interpretar à minha maneira a fé, sem suporte acadêmico.” (Natália).

“Considero ter sido importante, sobretudo por me fazer olhar para mim e desejar encontrar de que maneira tenho expressado minha espiritualidade e encontrar aquilo que elegi com sagrado. Penso que para me tornar uma profissional melhor qualificada preciso considerar um estudo mais aprofundado sobre o tema.” (Natália).